

# **Entre a Escravatura e a Liberdade: O ensino da História na construção de uma cidadania consciente**

Relatório de Estágio

Beatriz Toledo Leal Parreira de Meneses

Mestrado em

**Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**



Ponta Delgada  
2024

# **Entre a Escravatura e a Liberdade: O ensino da História na construção de uma cidadania consciente**

Relatório de Estágio

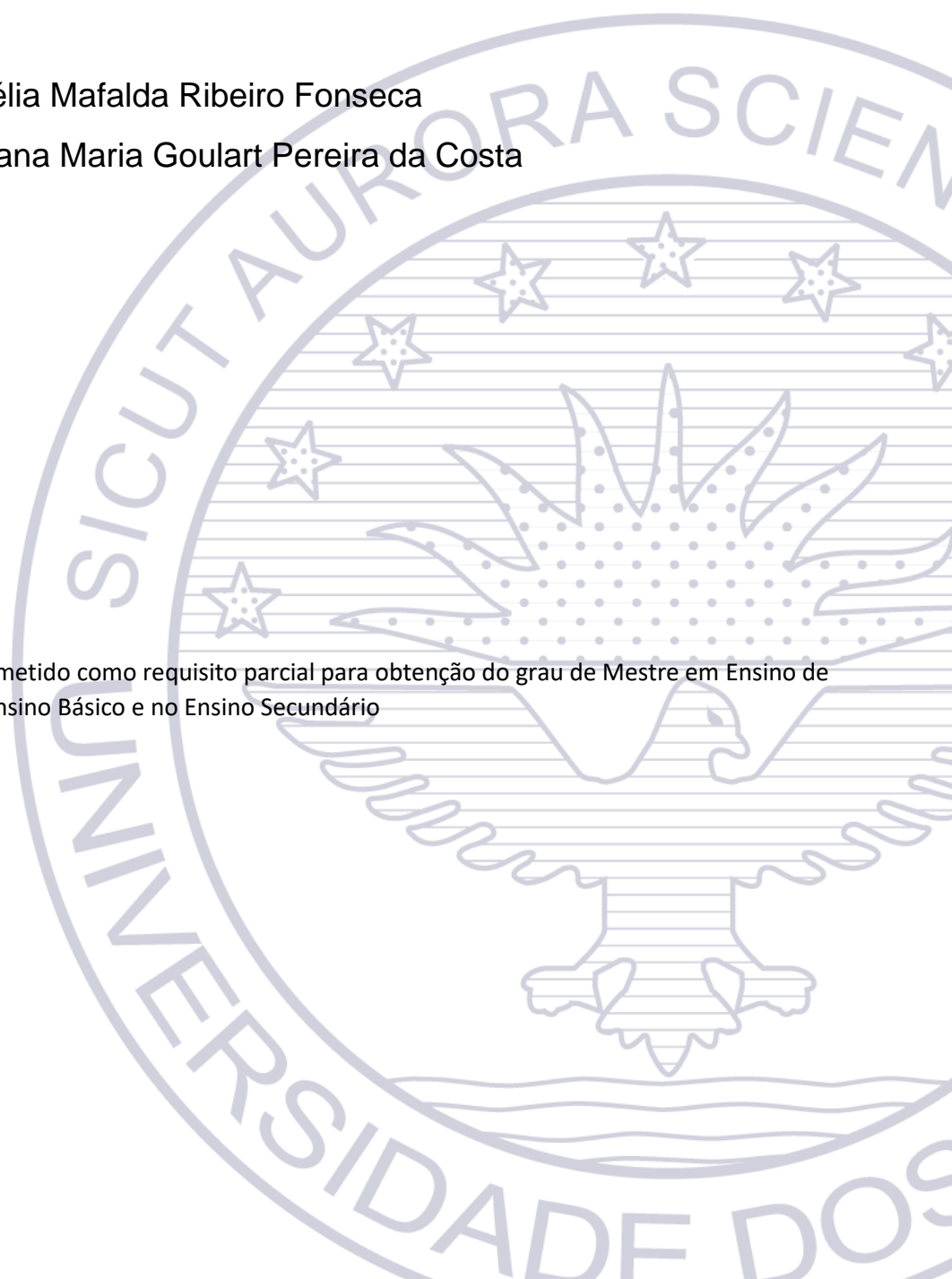
Beatriz Toledo Leal Parreira de Meneses

## **Orientadoras**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Josélia Mafalda Ribeiro Fonseca

Prof.<sup>a</sup> Doutora Susana Maria Goulart Pereira da Costa

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário



## *Agradecimentos*

A elaboração do presente Relatório de Estágio conta com a dedicação contínua ao mesmo ao longo de dois anos de aprendizagens e desafios que me realizam e moldam enquanto pessoa e profissional. Foram repletos de convivências e interajuda imprescindíveis para a realização deste Relatório de Estágio.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, em especial à minha mãe, por todo o apoio constante e por dia após dia depositarem toda a confiança necessária para que progredisse neste desafio de forma determinada e eficaz. Mesmo distantes, constituíram a base que me permitiu, ao longo deste percurso, acreditar no meu potencial e ultrapassar cada obstáculo, visando o cumprimento dos meus objetivos pessoais e profissionais.

De seguida, gostaria de agradecer à escola que me acolheu ao longo do estágio pedagógico, bem como às turmas e aos docentes que forneceram todo o seu apoio e colaboração para que fosse possível executar as práticas que sustentam este Relatório de Estágio. Um agradecimento especial à minha colega e companheira de estágio, a minha amiga Sofia Amaral, por ter enriquecido e contribuído para que todo este caminho se tornasse mais bonito.

À instituição que me acolheu durante cinco anos, à Universidade dos Açores, que contribuiu para uma etapa de crescimento pessoal e intelectual transformadora, e que se disponibilizou sempre, através dos seus membros, para o auxílio no âmbito deste trabalho de investigação.

Quero agradecer também a todos os colegas de turma, dispostos a dar o seu contributo e amparo ao longo desta caminhada, bem como deste relatório. Um obrigado por rechearem este percurso de aprendizagens e de novas partilhas que levo para a vida.

E por fim, de forma muito especial, quero agradecer às minhas orientadoras, à prof.<sup>a</sup> Josélia Fonseca e à prof.<sup>a</sup> Susana Goulart Costa, por disponibilizarem o seu tempo e dedicação em torno deste Relatório de Estágio e da minha formação, pois fizeram deste percurso algo possível através da sua sabedoria e ensinamentos que levo para a vida. Todas as partilhas foram inspiradoras e motoras de um crescimento gradual.

## ***Resumo***

O presente Relatório de Estágio, intitulado “Entre a Escravatura e a Liberdade: O ensino da História na construção de uma cidadania consciente”, foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade dos Açores. O relatório tem como objetivo a promoção de uma cidadania ativa e consciente, através da exploração de dois temas da disciplina de História: a escravatura e a liberdade. A sua relevância reside na contribuição para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, utilizando o ensino da História como ferramenta eficaz no desenvolvimento de valores democráticos. Trata-se de uma necessidade de superar uma pedagogia por objetivos, que conduz a abordagens meramente factuais no ensino da História, muitas vezes desconectadas da realidade dos alunos, e de enfrentar os desafios relacionados com a inclusão de passados controversos, como é exemplo, a escravatura. Este tema é fundamental para compreender as origens das desigualdades sociais e para promover reflexões que capacitem os jovens a lidar com problemas atuais tais como o racismo, a exclusão social e as lutas pelos direitos humanos.

Assim, neste Relatório de Estágio é desenvolvido um estudo descritivo-interpretativo que recorre a questionários, à observação direta e ao diário de bordo como instrumentos de recolha de dados. Os dados obtidos são analisados à luz de um quadro de categorias, elaborado por mim, que favorece uma interpretação estruturada e aprofundada da realidade em análise.

Os resultados das práticas pedagógicas demonstram um impacto significativo no desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva dos alunos. Observa-se uma evolução na empatia pela condição do escravo, na compreensão do conceito de liberdade e nas implicações ao nível da atualidade. Os alunos mostram-se mais despertos para as desigualdades existentes e predispostos a refletir e agir em prol da justiça e da solidariedade. Conclui-se assim, que esta abordagem educacional contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos e evidencia a importância da articulação entre a história, os valores e a cidadania, reforçando o papel do professor enquanto ser reflexivo e agente de transformação social no ensino da História.

**Palavras-chave:** Consciencialização; Democracia; Discriminação; Educação para a Cidadania; Educação para Valores; Escravatura; Liberdade.

## *Abstract*

This Internship Report, entitled 'Between Slavery and Freedom: Teaching History in the construction of conscious citizenship', was carried out as part of the Master's Degree in History Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education at the University of the Azores. The aim of the report is to promote active and conscious citizenship by exploring two themes from the subject of History: slavery and freedom. Its relevance lies in its contribution to the formation of critical and reflective citizens, using History teaching as an effective tool in the development of democratic values. There is a need to overcome a pedagogy based on objectives, which leads to purely factual approaches in history teaching, often disconnected from the students' reality, and to face the challenges related to the inclusion of controversial pasts, such as slavery. This theme is fundamental for understanding the origins of social inequalities and for promoting reflections that enable young people to deal with current problems such as racism, social exclusion and the struggle for human rights.

This internship report is a descriptive-interpretative study that uses questionnaires, direct observation and a logbook as data collection tools. The data obtained is analysed in the light of a framework of categories drawn up by me, which favours a structured and in-depth interpretation of the reality under analysis.

The results of the pedagogical practices show a significant impact on the development of the students' critical and reflective awareness. There has been an evolution in empathy for the condition of the slave, in understanding the concept of freedom and the implications for the present day. The students are more aware of existing inequalities and are predisposed to reflect and act in favour of justice and solidarity. The conclusion is that this educational approach contributes to the formation of critical and reflective citizens and highlights the importance of linking history, values and citizenship, reinforcing the role of the teacher as a reflective being and agent of social transformation in the teaching of history.

**Keywords:** Awareness; Citizenship Education; Values Education; Slavery; Freedom; Democracy; Discrimination.

## Índice Geral

Índice Geral .....	1
Índice de Anexos.....	2
Índice de Quadros .....	3
Índice de Figuras .....	4
Introdução.....	5
<b>Capítulo 1 – Educar para a cidadania e para valores.....</b>	<b>8</b>
1.1. Educação e cidadania – Que relação?.....	8
1.2. Educação e valores – Que relação?.....	14
<b>Capítulo 2 - O papel do ensino da Escravatura na promoção de uma educação para a cidadania e para valores .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 3 – Metodologia.....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 4 – Caracterização do contexto no âmbito do Estágio Pedagógico .....</b>	<b>28</b>
4.1. Caracterização da turma do 7.º ano .....	29
4.2. Caracterização da turma do 8.º ano .....	29
4.3. Caracterização da turma do 10.º ano .....	30
<b>Capítulo 5 - Educar para a Liberdade através da Escravatura: Reflexões e práticas no âmbito do Estágio Pedagógico.....</b>	<b>31</b>
5.1. Atividade 1 – Peça de Teatro: <i>Das correntes visíveis às correntes invisíveis</i> .....	33
5.1.1. Análise dos Resultados.....	40
5.1.2. Reflexão individual .....	46
5.2. Atividade 2 - O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes .....	49
5.2.1. Análise dos Resultados.....	56
5.2.2. Reflexão Individual.....	68
5.3. Atividade 3 - Debater a escravatura e o seu impacto na atualidade .....	71
5.3.1. Análise dos Resultados.....	77
5.3.2. Reflexão Individual .....	87
<b>Capítulo 6 - Atividade Escape Room: A transição do Estado Novo para o 35 de Abril .....</b>	<b>89</b>
Considerações finais.....	93
Referências Bibliográficas .....	96
Anexos .....	103

## Índice de Anexos

<b>Anexo 1</b> – Quadro XVIII – Sistema de Categorias: Dimensão – Conceções.....	103
<b>Anexo 2</b> – Quadro XIX - Sistema de Categorias: Dimensão – Conceções.....	109
<b>Anexo 3</b> - Quadro XX - Sistema de Categorias: Dimensão – Conceções.....	122
<b>Anexo 4</b> – Quadro XXI - Sistema de Categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura.....	135
<b>Anexo 5</b> – Quadro XXII - Sistema de Categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura.....	136
<b>Anexo 6</b> – Quadro XXIII - Sistema de Categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura.....	146
<b>Anexo 7</b> – Quadro XXIV - Sistema de Categorias: Dimensão – (Re)Construção do Conhecimento.....	152
<b>Anexo 8</b> – Quadro XXV - Sistema de Categorias: Dimensão – (Re)Construção do Conhecimento.....	155
<b>Anexo 9</b> – Guião do debate no auditório (10º ano).....	158
<b>Anexo 10</b> – Realização do debate (notas de campo).....	160
<b>Anexo 11</b> – Guião da Peça de Teatro (7º ano).....	164
<b>Anexo 12</b> – Imagens dos ensaios da Peça de Teatro (7º ano) .....	169
<b>Anexo 13</b> – Competências para uma cultura da democracia (CCD) – Conselho Europeu (2018).....	170
<b>Anexo 14</b> – Louvor do Conselho Pedagógico da escola pela <i>Escape Room</i> - Atividade comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril.....	171
<b>Anexo 15</b> - Gráficos de respostas dos alunos relativamente ao quanto gostaram e aprenderam com a participação na atividade da <i>Escape Room</i> .....	172
<b>Anexo 16</b> - Respostas dos alunos ao formulário sobre a aprendizagem histórica com a atividade da <i>Escape Room</i> .....	173

<b>Anexo 17</b> – Imagens da atividade <i>Escape Room</i> em comemoração dos 50 anos do 25 de Abril.....	173
<b>Anexo 18</b> – Questionário realizado ao 8º ano.....	178
<b>Anexo 19</b> – 1.º questionário realizado ao 10º ano.....	200
<b>Anexo 20</b> – 2.º questionário realizado ao 10º ano.....	219
<b>Anexo 21</b> – Questionário realizado aos participantes da Peça de Teatro (7º ano).....	240
<b>Anexo 22</b> – Questionário realizado aos espectadores da Peça de Teatro (7º ano).....	251

## Índice de Quadros

<b>Quadro I</b> – Sistema de Categorias.....	28
<b>Quadro II</b> – Atividades executadas nos diferentes anos escolares.....	32
<b>Quadro III</b> – Comparação do número de respostas entre os alunos que participaram na Peça de Teatro e os espectadores, relativamente à sua aprendizagem (questionário).....	40
<b>Quadro IV</b> – Pertinência do Conteúdo da Peça de Teatro: respostas dos espectadores (questionário).....	42
<b>Quadro V</b> – Número de respostas dos alunos em relação à conceção de liberdade (questionário).....	44
<b>Quadro VI</b> – Exemplos de respostas dos alunos, remetentes ao conceito de “Escravidão Digital” (questionário).....	45
<b>Quadro VII</b> – Número de respostas relativamente às estratégias de ensino no estudo da Escravidão e da Guerra Civil Americana (questionário).....	57
<b>Quadro VIII</b> - Número de respostas dos alunos em relação à existência de liberdade na atualidade (questionário).....	60

<b>Quadro IX</b> - Número de respostas dos alunos em relação à concepção de liberdade (questionário).....	61
<b>Quadro X</b> – Número de respostas relativamente à concepção de Escravatura (questionário).....	64
<b>Quadro XI</b> – Exemplos de respostas que evidenciam o desenvolvimento de competências e da consciência crítica acerca da discriminação (questionário).....	66
<b>Quadro XII</b> – Número de respostas dos alunos relativamente à concepção de liberdade (questionários).....	78
<b>Quadro XIII</b> – Número de respostas dos alunos relativamente à concepção de escravatura (questionário).....	79
<b>Quadro XIV</b> – Número de respostas relativamente à forma como os alunos concebem a escravatura como violação de direitos humanos (questionário).....	81
<b>Quadro XV</b> – Discussão do debate no auditório da escola acerca da discriminação atual nos Estados Unidos da América.....	82
<b>Quadro XVI</b> – Intervenções dos alunos no debate relativamente ao tema do Revisionismo da História.....	85
<b>Quadro XVII</b> – Exemplos de respostas de reflexão sobre a liberdade.....	91

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Captura de ecrã da ferramenta <i>genially</i> , utilizada aquando da lecionação da escravatura (10º ano).....	74
---	----

## Introdução

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito da unidade curricular de Relatório de Estágio que consta do plano de estudos do 2.º ano no âmbito do Mestrado em Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário presente na oferta letiva da Universidade dos Açores, no polo de Ponta Delgada.

Este é o culminar do segundo ciclo de estudos, após o término da Licenciatura em História, que habilita o perfil para a docência ao nível do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, com o objetivo de aprofundar a formação académica na área da educação, assegurando uma formação geral no âmbito do ensino. Desta forma, no que concerne ao primeiro ano, privilegiou-se toda a componente teórico-prática que consubstancia o estágio, mais precisamente as didáticas relativas à história, a ética deontológica, a formação do docente em variados contextos sociais e tecnológicos e a conceptualização em recursos educativos, entre as demais unidades curriculares. Ao nível do segundo ano foi desenvolvido o Estágio Pedagógico, de 440 horas, que é apreciado através do presente relatório. Desde cedo, no âmbito do Estágio Pedagógico, foi dado enfoque a uma educação que promovesse a formação de cidadãos informados, conscientes e ativos. Por isso, foi priorizado o desenvolvimento de uma consciência reflexiva alicerçada em valores democráticos, contribuindo, assim, para a consolidação da uma educação para a cidadania ativa.

A educação para a cidadania é fundamental nos tempos que correm, especialmente pela polarização política e crise de valores que observamos na atualidade, como nos alertam Anthony Giddens, na sua obra *The Consequences of Modernity* (1990), e Jürgen Habermas, no seu estudo *A Ética da Discussão* (1990). Neste contexto, é crucial que a educação forme indivíduos capazes de pensar criticamente, respeitar as diferenças e de promover o diálogo.

Assim, é hoje crucial, incitar uma educação capaz de superar uma pedagogia por objetivos, cultivando valores como a liberdade, a autonomia moral, a solidariedade, a justiça e o respeito a partir do processo educativo, onde a História é um espaço por excelência para a sua promoção. Na verdade, em tempos de conflito social, político e económico e da emergência de extremos políticos, a formação de cidadãos críticos, conscientes e responsáveis é essencial para combater as divisões sociais e contribuir para uma sociedade mais justa e democrática.

O ensino da História desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos informados, ativos e conscientes, através da análise de assuntos relevantes perante o contexto atual sociopolítico, como é exemplo a temática da escravatura. Este, é um tema que habilita os “jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar” (Martins, 2017, p.13). Os alunos são encorajados a desenvolver uma compreensão crítica das relações de poder, da desigualdade e da justiça social. Assim, o presente Relatório de Estágio centra-se na temática “Entre a Escravatura e a Liberdade”, com o objetivo de explorar o poder da disciplina para o fomento de uma cidadania consciente e ativa, essencial numa sociedade democrática.

A escolha deste tema reflete uma motivação pessoal, mas também uma necessidade científico-educacional. Pessoalmente, o estudo de passados dolorosos e as consequências que lhes estão inerentes e que marcam a atualidade, cativaram-me e cativam de forma especial no âmbito da História. Entenda-se por passados dolorosos: as memórias históricas ou coletivas associadas a eventos traumáticos, injustiças, violências ou perdas significativas, que continuam a ter impacto nas sociedades contemporâneas. Estes passados são muitas vezes objeto de debates, uma vez que podem gerar tensões entre memórias divergentes, questionamentos sobre responsabilidade histórica e disputas sobre reparações, reconhecimento e justiça (Ricoeur, 2000). Ao nível da educação, considero pertinente, face ao contexto atual, integrar uma educação para a cidadania e para valores que vise a criação de seres conscientes, críticos e empáticos como um pilar fundamental no desenvolvimento de competências sociais e morais nos jovens, jovens que um dia serão o futuro da humanidade. Assim, investir na educação é investir num futuro mais próspero.

Neste sentido, e com este estudo, pretende-se desenvolver valores como a liberdade, a autonomia moral, a tolerância e o respeito, na linha do que é defendido pelo Conselho Europeu (2018), através das competências para uma cultura da democracia<sup>1</sup>, patentes nos princípios e linhas orientadoras para um ensino de qualidade na disciplina de história.

O presente Relatório de Estágio organiza-se primeiramente com o enquadramento teórico, de onde constam dois capítulos, o primeiro intitulado de “educar para a cidadania

---

<sup>1</sup> Cf. Anexo 13

e para valores”, que se divide em dois subcapítulos: “educação e cidadania, que relação?” e “educação e valores – que relação?”. O segundo capítulo intitula-se - “o papel da do ensino da escravatura para a promoção de uma educação para a cidadania e para valores” – onde é abordada a pertinência do tema da escravatura no âmbito da educação para a cidadania. Neste ponto, que finaliza o enquadramento teórico, discute-se ainda o modo como a escravatura é vista pelo currículo e pelos manuais de História em Portugal.

Em seguida, é apresentado o capítulo da metodologia, detalhando os métodos de recolha de dados e a organização destes para a elaboração deste Relatório de Estágio, bem como os objetivos subjacentes. Posteriormente, é feita a caracterização do Estágio Pedagógico, dividida em três subcapítulos: o primeiro designado “caracterização da turma do 7º ano”, o segundo “caracterização da turma do 8º ano” e o terceiro, “caracterização da turma do 10º ano”. Nestes subcapítulos, são evidenciadas as características essenciais das turmas, de forma a compreender de modo mais claro o impacto das práticas pedagógicas nos alunos. De seguida, surge o capítulo: “Educar para a liberdade através da escravatura: Reflexões e práticas no âmbito do Estágio Pedagógico” – este divide-se em três subcapítulos denominados: “atividade 1 - Peça de Teatro: *Das correntes visíveis às correntes invisíveis*”; “atividade 2 - O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes” e “atividade 3 - Debater a escravatura e o seu impacto na atualidade” – em cada um é explicada a atividade realizada, são analisados os resultados e, por fim, é feita uma reflexão final. De seguida é apresentada uma última atividade – “Atividade *Escape Room*: A transição do Estado Novo para o 35 de Abril” - que por natureza se distingue das demais, por não ter associação ao tema da escravatura, mas ainda assim ser pertinente no âmbito deste tema de Relatório de Estágio.

Por fim, é realizado um balanço geral das atividades desenvolvidas e uma análise da sua eficácia perante os objetivos estabelecidos. Para além disso, são destacadas novas aprendizagens com a realização deste trabalho, as limitações do mesmo e as propostas para futuros estudos relacionados ao tema.

## Capítulo 1 – Educar para a cidadania e para valores

A disciplina de História, através do desenvolvimento de conceitos como a escravatura e a liberdade, torna-se uma poderosa ferramenta para uma educação cidadã, pois incentiva reflexões sobre valores como a liberdade e a justiça e sobre os direitos humanos, criando condições propícias ao desenvolvimento da empatia e da consciência crítica perante a atualidade, essenciais para a criação de uma ação cidadã futura.

No entanto, não é possível construir uma cidadania consciente através dos temas da escravatura e da liberdade, sem analisarmos a relação entre a educação, a cidadania e os valores. Três conceitos intrínsecos e necessários quando o objetivo é criar seres dotados de valores humanistas e democráticos. Assim, inicio este enquadramento teórico por abordar estes três conceitos, para que se conheçam as bases e o fundamento teórico por de trás das práticas pedagógicas desenvolvidas.

### 1.1. Educação e cidadania – Que relação?

Segundo Mogarro e Martins (2010), a educação para a cidadania revela ser uma preocupação dos pedagogos e dos sistemas educativos, constituindo-se num cuidado em educar para costumes, atitudes, posturas e relações para com o outro e para com o mundo. No entanto, segundo a linha de pensamento de Henriques, et al. (2006), educar para a cidadania, é uma preocupação que transcende o sistema educativo, atingindo todas as áreas da sociedade, pois “têm surgido publicações, monografias e periódicas, ciclos de conferências e seminários, comemorações e eventos cívicos que têm vindo a adensar os conteúdos da cidadania” (Henriques, et al., 2006, p.6). O intuito é, de facto, procurar fornecer respostas locais a problemas e fenómenos globais (que irão ser mencionados no decorrer deste capítulo) relativamente às preocupações cívicas existentes na atualidade (Henriques, et al., 2006). Assim, que educação para a cidadania é que este relatório aborda?

Desde já é necessário partir da definição da palavra “educação” derivante do contexto atual. Educar deriva etimologicamente do latim *ducere*, que significa “nutrir para deixar crescer”, “alimentar”. (Reboul, 2000). É destacada na origem desta expressão

a preocupação no que respeita ao crescimento do indivíduo. De acordo com Fonseca (2011, p. 31) a educação na segunda metade do século XX, assenta na:

A construção integrada da condição humana, que se desenvolve no diálogo permanente entre o desenvolvimento da consciência moral autónoma, a liberdade e a responsabilidade de cada homem e o conhecimento dos valores, das normas e da identidade cultural de cada sociedade.

Seguindo esta linha de pensamento, educar é hoje, consciencializar crianças e jovens para a vida em sociedade, desenvolver uma autonomia crítica e reflexiva através de valores democráticos e do conhecimento das normas da vida em sociedade. Na visão de Fonseca (2011), educar é fomentar seres que reconheçam uma identidade cultural própria e que estejam capacitados para dar o seu contributo à sociedade, desenvolvendo-se a autonomia da pessoa humana, criando cidadãos responsáveis e participativos. Neste sentido, podemos afirmar que educar é preparar o indivíduo para se formar como cidadão globalizado, onde o processo educativo é parte de uma formação que visa a promoção do desenvolvimento do homem como ator na vida em comunidade, fomentando o “desenvolvimento e a afirmação do carácter próprio da humanidade e de cada indivíduo” (Virões, 2013, p.34).

Na verdade, podemos afirmar que educar consiste em promover a formação cidadã dos indivíduos, enquanto elemento constitutivo da sua identidade. Entenda-se a cidadania, na linha do que concebe Henriques et al. (2006, p.12):

Um atributo de todos os membros de uma sociedade, conferindo-lhes direitos e deveres de participação na vida pública. Mesmo no contexto das sociedades democráticas ocidentais, cidadania é um conceito polissémico que gira em torno do estatuto de pertença de um indivíduo a uma comunidade (...) que lhe confere um conjunto de direitos e deveres.

Resulta deste conceito uma capacidade de integração traduzida em direitos formais iguais, mas também um sentimento de pertença a uma comunidade nacional. Daí que Henriques et al., (2006) alertem para a questão de que exteriormente a uma comunidade, não será possível o exercício pleno da cidadania, “os nossos deveres perante aquela são elemento constitutivo desta” (Henriques et al., p. 12). Ainda segundo a visão dos autores, quando falamos em sociedade democrática, os deveres constituem a outra

face dos direitos e devem ser também encarados como uma responsabilidade cívica. De facto, segundo Fonseca (2011, p. 112) o conceito de cidadania contemporânea:

Recupera o princípio de participação na vida da comunidade defendida pelos Gregos e, ao fazê-lo, está a atribuir à cidadania um papel maior do que a contratualização dos direitos individuais, pois está a permitir a efetivação e o exercício desses direitos.

A partir da conceção de cidadania acima apresentada, é importante salientar que o sentimento de pertença a uma comunidade, seja ela local, nacional ou global, contribui significativamente para o exercício da cidadania plena. Assim, e partindo para a cidadania na sua dimensão político-jurídica, é fundamental salientar a sua relação com o Estado, uma vez que, segundo Henriques et al. (2006), o estatuto de cidadania depende das leis que regem cada Estado: “apresentar uma definição de cidadania e atribuir-lhe um significado, implica atribuir um significado ao Estado” (Henriques et al., 2006, p. 12). Ambas consistem em criações culturais que pressupõem uma determinada conceção do ser humano, pois segundo a linha de pensamento dos autores, é diferente ser cidadão de um estado democrático operacional - onde são defendidos valores tais como a solidariedade e a igualdade de oportunidade, aplicando o direito na regulação das relações entre a comunidade - e ser cidadão de um estado não democrático, estados criadores de desigualdades sociais. A cidadania democrática, segundo Henriques et al. (2006, p.13):

Envolve uma dupla dimensão representativa e participativa, exigindo mais responsabilidades ao cidadão. A dimensão representativa centra-se no vínculo estatal entre governantes e governados, no quadro da legitimidade nacional, e prolonga-se, no estado português, no estatuto de cidadania europeia.

Isto é, o cidadão intervém na vida pública atendendo à livre expressão de opinião, à atuação de organizações não governamentais e demais instituições sociais e atividades partidárias em regimes democráticos. No entanto, segundo Henrique et al (2006), assistimos hoje a constante tentativa de resolver os problemas que são fruto de uma “erosão da soberania do Estado”. De facto, não invalida a forma tradicional de cidadania associada à identidade, ao todo nacional e ao exercício dos direitos civis e políticos, porém, torna-se uma forma insuficiente levando a que se necessite de um novo modelo de cidadania evoluído para formas mais especializadas, capaz de integrar grupos que têm permanecido excluídos de uma cidadania efetiva (Henriques, et al., 2006, p. 13). Esta

necessidade de intervenção no âmbito da cidadania, deve-se sobretudo a problemas tais como: o urbanismo, o emprego, o desemprego, o ambiente, a qualidade de vida, a exclusão social, os direitos das minorias, entre outros. Uma cidadania renovada, exige, de facto, mais responsabilidade por parte dos cidadãos. A concretização deste modelo de cidadania implica “sentido da identidade, cultura cívica, formação do carácter e da liderança e autodeterminação para a participação” (Henriques, et al., 2006, p. 14).

No entanto, é necessário ressaltar que o conceito de cidadania difere consoante o seu contexto e período histórico. Este conceito é alterado atendendo à evolução histórica das sociedades e ao papel dos indivíduos na sua construção. Ora desta forma, recuaremos no tempo de forma a compreender as diferentes conceções deste conceito.

No que respeita às cidades-estado gregas e à República romana, ser cidadão era ter as capacidades necessárias para gozar da participação política, no que respeita à administração da justiça ou ao governo. Ou seja, cabia ao indivíduo participar nos cargos deliberativos e judiciais da cidade. A partir dos séculos VII-VI a. C. nas cidades-estado gregas, entende-se por cidadão aquele que tem vida pública e que presta auxílio no âmbito da determinação das formas de governo da cidade (monarquia, aristocracia ou democracia). Em Roma a cidadania era entendida no âmbito da *res publica* que designa “o conjunto de habitantes e dos bens que pertenciam a Roma, estendendo-se aos territórios que as conquistas acrescentavam e que era necessário governar” (Henriques et al., 2006, p. 16). O cidadão detinha, em pleno, os seus bens, sendo do sexo masculino, chefe de família e homem livre. Não era uma sociedade democrática dado que a forma de governo assentava numa aristocracia dominante e a cidadania apenas tinha uma função integradora, de assimilação dos homens livres. Na Idade Média o estatuto do indivíduo traduzia-se num “vínculo perpétuo do súbdito perante o soberano e numa relação de subordinação feudal face ao senhor e à terra.” (Henriques et al., 2006, p. 16)

No que respeita à modernidade, a reação contra o absolutismo régio, dá azo a uma nova conceção de cidadania. Foi desencadeada pela Restauração Inglesa (1688) e pela Revolução Americana (1774-1776), culminando na Revolução Francesa (1789). A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) contém os princípios que regem a atual definição dos direitos e garantias dos cidadãos, assentando na soberania da vontade popular. Desta forma, o conceito de cidadania “deixa de ser compreendido em termos de subordinação e dominação, para conter uma relação de participação determinante nos destinos da cidade.” (Henriques et al., 2006, p. 17).

Mais tarde, com a criação de espaços supraestaduais, como é exemplo, a União Europeia, o estatuto de cidadania engloba direitos e deveres, dimensões públicas e privadas, que assistem de forma igual e exclusiva aos nacionais dos vários estados-membros. Hoje é valorizada a proximidade ao cidadão, a reivindicação das pertenças locais e a rejeição do nacionalismo abstrato. O cidadão é eleitor e participante através do voto e participa na organização da vida pública. Agora, para além de ser dotado de direitos individuais, cívicos e políticos, também é dotado de direitos de natureza cultural, económica e social (Henriques et al., 2006). De facto, e segundo Afonso (2005, p. 16) podemos afirmar que a cidadania está perante um processo de construção, pois:

Implica a ação empenhada do próprio, o exercício voluntário e consciente de competências, ao longo de toda a vida, seja qual for a idade ou o contexto. Cabe a todos nós e também às instituições construir e viver a cidadania.

Podemos, deste modo, aferir que na contemporaneidade enfatiza-se a dimensão ética da cidadania, entendendo-a como o espaço que permite o desenvolvimento do homem na sua singularidade e enquanto ser social, capaz de reconfigurar a vida em sociedade. O que exige que a educação para a cidadania não se circunscreva à transmissão de normas e regras (Fonseca, 2011). Nesta linha de pensamento, é possível aferir que ser cidadão hoje, é participar na vida em comunidade, dispondo de direitos e deveres assentes na responsabilidade social e moral. Partindo deste ponto, qual será a relação existente entre a cidadania e a educação?

Diversos autores (Menezes, 2007; Menezes & Ferreira, 2012; Ribeiro, Neves e Menezes, 2014) defendem que ambas – a cidadania e a educação - não existem de forma isolada, isto é, a escola, através da transformação numa escola cidadã, visa a preparação das crianças e jovens para uma cidadania ativa, assente numa ética da responsabilidade, com o intuito de os preparar para assumirem as suas responsabilidades numa sociedade democrática. Neste seguimento entende-se que a educação para a cidadania deve estar presente na vida dos indivíduos desde cedo, pois torna-se fundamental, segundo Cabral (2015, p. 30) desenvolver nos jovens:

Atitudes de responsabilidade, tolerância, respeito e preservação, formando cidadãos e cidadãs capazes de participarem ativamente na sociedade onde estão inseridos/as, aptos/as a olharem o mundo de forma crítica e expressando as suas ideias.

Segundo Henriques et al. (2006), a educação para a cidadania está na agenda dos países democráticos como uma resposta eficaz ao conjunto de problemas que constituem sinais de degradação da esfera pública, e em particular, da “erosão da soberania” defendida pelo autor. De facto, a atualidade evidencia “carências, insegurança e violência crescentes” (Henriques, 2000, p. 38). Henriques et al., (2006), apontam como problemas das sociedades o individualismo crescente e a fragmentação da sociedade, o que origina o declínio da coesão social. Apontam também a falta de fundamento comunitário do discurso democrático, que entra em conformismo com a crescente exclusão social e o abstencionismo e falta de integração multicultural. Problemas atuais como o terrorismo, as guerras civis, a violação dos direitos fundamentais, a criminalidade urbana, associada geralmente a problemas de racismo, de xenofobia e de exclusão, são problemas cuja solução exige uma cidadania ativa (Henriques et al., 2006, p. 15). Neste cenário é defendido pelos autores que a educação para a cidadania:

Tem sido invocada como meio eficaz para formar pessoas mais autónomas e mais dispostas a partilharem tarefas de bem comum, imprescindíveis para a sustentação da vida democrática. Trata-se de uma educação no âmbito da responsabilidade social e moral (...).

Desta forma, é possível criar uma sociedade dotada de valores como a justiça e a solidariedade, valores tão importantes quando abordamos a questão da escravatura, que implica questões étnicas, muitas vezes ligadas à discriminação e exclusão social, ainda hoje apontadas como problemas sociais, como podemos aferir acima. De facto, é primordial assegurar uma educação para a cidadania que combata as injustiças mencionadas, sustentada através de valores democráticos indissociáveis do conceito de cidadão, hoje.

Na obra *Democracy and Education* (1916), Dewey defende que a educação é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade democrática. Esta não deve ser apenas uma transmissão de conhecimento, mas um processo interativo e participativo, que promove o pensamento crítico e a colaboração entre os alunos. O autor sustenta que a escola deve ser um reflexo da sociedade em miniatura, onde os alunos desenvolvem competências sociais e valores como responsabilidade, respeito e a capacidade de pensar de forma independente. Dewey enfatiza que a educação deve preparar os alunos não só para o trabalho, mas para uma vida ativa em comunidade, promovendo a participação democrática.

## 1.2. Educação e valores – Que relação?

Como já vimos, existe uma relação clara entre cidadania e educação, porém, é de referir que educar para uma cidadania democrática só é realmente possível através do desenvolvimento de uma consciência axiológica, que favoreça a participação na sociedade democrática e que promova a vivência da democracia. De facto, a educação para a cidadania visa formar cidadãos conscientes, ativos e responsáveis, capacitando-os a participar criticamente na vida em sociedade. Ao integrar os valores fundamentais, como justiça, respeito e solidariedade, a educação promove a construção de uma consciência essencial para o exercício pleno da cidadania.

Segundo Fonseca (2005), educar e valorar são conceitos que se unem em torno de uma preocupação comum: “o processo de humanização, fundamentado no desenvolvimento conjunto e cooperativo das dimensões individual e social do homem” (Fonseca, 2005, p. 108). A autora defende ainda que estes conceitos se revelam complementares e que mantêm uma relação intrínseca que se compreende no duplo sentido: “todo o ato educativo veicula valores, a educação é na sua essência um valor” (Fonseca, 2005, p. 108).

Partindo do pressuposto que educar é auxiliar o homem a esboçar a sua personalidade e a desenvolver conhecimentos e competências que o auxiliem na superação de problemas e obstáculos que se impõem à sua sobrevivência física e humana (Fonseca, 2005), conclui-se, portanto, que educar é um ato de coragem (Savater, 1997). Pois, desafia o conformismo e as estruturas sociais, assumindo a responsabilidade de formar cidadãos críticos e conscientes.

Segundo Bolívar (1992, p. 105), os valores são “estruturas cognitivas que permitem ao sujeito não só ordenar, interpretar fenómenos da realidade física e social, mas que às vezes guiam o seu modo de se orientar nelas”. Os valores atribuem significado ao mundo em que vivemos – “uma ação, uma pessoa, um hábito, um objeto, tem valor para nós quando não nos deixa ficar indiferentes diante deles” (Ponce, 2009, p. 9). E o ser ou não indiferente a algo é fundamental no exercício da cidadania quando visamos seres que consigam refletir e posicionar-se. De facto, segundo Bolívar (1992), a educação escolar pode e deve estar diretamente ligada à construção de valores. Estes promovem um desenvolvimento identitário e fundamentam a lei e a moral, sendo por isso, o garante

da essência da pessoa humana que, segundo Fonseca (2005), desafia a natureza e que humanamente se constrói.

Nascemos e vivemos num mundo cultural, que contém uma rede de significações que nos antecede. Os nossos comportamentos acabam por ser moldados e influenciados por esse mundo que nos antecede, pois incorporamos costumes, valores previamente estabelecidos e a eles acrescentamos o que formamos através das novas informações, de novas reflexões que se devem sustentar na moral e na noção entre o bem e o mal. A escola é, de facto, um lugar privilegiado na construção da cidadania e na construção de valores democráticos, ela só por si, deve ser um espaço de convívio democrático e solidário que faz um “questionamento sobre o tipo de homem e de consciência moral que a educação pode desenvolver” (Fonseca, 2005, p. 108). Na verdade, segundo Virões (2013) este é o primeiro espaço social apresentado à criança após a experiência familiar, é o começo entre a interação sujeito-sociedade, e por isso, deve ser assumida como um instrumento democratizador, socializador e impulsionador, onde se investe para a formação de agentes dignos e preparados para receber, conduzir e expandir a sua herança (Virões, 2013). O autor, defende ainda que a escola deve ser uma instituição que contribui para a manutenção da estabilidade social, onde torna os agentes pensantes críticos e reflexivos das regras do jogo social. Na linha de pensamento de George Tsebelis (1998), citado por Virões (2013), os jogadores jogam em dois níveis: um de acordo com as regras e o outro na arena institucional, onde é admitida a possibilidade de mudança, e por isso, torna-se tão urgente o progresso e a democratização na educação. Se educar é auxiliar o indivíduo no desenvolvimento e na afirmação do carácter próprio da humanidade, a noção de valores deve ser central ao longo do processo educativo.

A cidadania está ligada a valores e à componente moral, por envolver a capacidade de agir em conformidade com os princípios éticos. A justiça, o respeito e a solidariedade, valores tão importantes no âmbito deste tema de relatório, são imprescindíveis para a vida em sociedade e para o exercício de direitos e deveres. Desta forma a cidadania, os valores e a moralidade acabam por estar diretamente ligados na busca por uma vida em sociedade inclusiva e democrática. Assim, torna-se impossível falar de valores e em educação para a cidadania sem explorar a questão da moralidade e do seu contributo para a educação.

De facto, Fonseca (2005) alerta exatamente para a questão de que a moral e a sociedade estão perante uma relação intrínseca. Segundo a autora, está na moralidade a preocupação de garantir a coerência das relações que estruturam o meio social. A moral

é responsável por promover o bem comum e por conservar os valores com que emerge determinada sociedade, garantindo por isso, uma identidade própria associada a um povo e a “construção de novos trilhos de identidade comum” (Fonseca, 2005, p. 115). A autora propõe que nos interroguemos relativamente ao papel do homem no processo do desenvolvimento da sociedade e da moralidade, levando-nos a pensar se a moralidade é apenas um mecanismo externo que nos é imposto. De facto, teóricos, no âmbito da aprendizagem, defendem que “o desenvolvimento moral é concebido como um processo geral de socialização que se desenvolve a partir da interiorização de normas” (Fonseca, 2005, p. 116). Assim, segundo a linha de pensamento de Durkheim (2002), o desenvolvimento moral processa-se através da aquisição de regras e condutas essenciais para o bem-estar da sociedade. Ou seja, a consciência moral de cada pessoa acaba por resultar da imposição de regras e da obediência relativamente às leis preestabelecidas.

Desta forma é possível aferir que Durkheim (2002) entende a moralidade como uma construção social, onde as normas e os valores são transmitidos pelo contexto social em que estamos inseridos e interiorizados pelos indivíduos para garantir a coesão social. Todavia, e quando falamos de educação para a cidadania e para valores, é necessário ter em consideração Kohlberg e a sua conceção de que “[...] a educação moral não é preencher a pessoa de conhecimentos que não tinha, mas promover-lhe o raciocínio moral. É legítimo afirmar-se que mais do que uma transmissão, a educação para valores é um processo de desenvolvimento.

De acordo com Kohlberg (2002), a abordagem cognitivo-desenvolvimentista foi formulada por John Dewey e tem o nome cognitivo por reconhecer (2002, p. 201):

Que a educação moral tal como a educação intelectual têm as suas bases na estimulação do pensamento ativo da criança sobre problemas e decisões morais. Chama-se desenvolvimentista porque vê os fins da educação moral como um desenvolvimento através dos estágios morais.

De acordo com Dewey (1864), como citado em Kohlberg, (2002, p.202):

O fim da educação é o crescimento ou desenvolvimento tanto intelectual como moral. Os princípios éticos ou psicológicos podem ajudar a escola na maior de todas as suas construções – A construção de um carácter livre e forte. Só o conhecimento da ordem e a interligação dos estágios no desenvolvimento psicológico pode assegurar esta construção. A educação consiste em proporcionar

as condições que não de permitir que as funções psicológicas amadureçam da maneira mais livre e mais completa possível.

Dewey estipula três níveis de desenvolvimento moral: (1) o nível pré-moral, onde o comportamento se motiva por impulsos biológicos e sociais, (2) o nível convencional, onde o indivíduo convive com uma pequena reflexão a nível crítico sobre as normas estipuladas e (3) o nível autónomo, onde a conduta de cada qual é guiada pelo “pensamento feito” do indivíduo que estabelece se o propósito é bom, não se deixando dominar pelas normas do grupo (Kohlberg, 2002, p. 203).

Kohlberg, em 1955, começa a validar e redefinir estes estágios, definidos segundo a linha de pensamento de Piaget e Dewey.

Segundo Fini (1991), Kohlberg apresenta pesquisas realizadas com crianças e jovens de variados países, tais como México, China, Turquia, Malásia e Estados Unidos da América, onde se inspira no método de Piaget para a recolha de dados, utilizando as entrevistas apresentado dilemas morais hipotéticos. As suas conclusões são retiradas com base em tendências etárias relativamente ao tipo de raciocínio moral que está patente nas respostas. Kohlberg, em 1969, apresenta três níveis e seis estágios de desenvolvimento moral.

Segundo Fini (1991), o primeiro nível diz respeito ao Pré – Convencional, onde estão inseridos o primeiro e o segundo estágio. Relativamente ao primeiro estágio do desenvolvimento moral, há na criança uma orientação para a obediência e castigo, ou seja, a criança não questiona a figura autoritária e vê a regra como absoluta e inquestionável. O foco está na consequência da ação (punir ou não punir), e por isso, evita punições e aborrecimentos. No que respeita ao segundo estágio, há uma orientação ingenuamente egoísta por parte da criança, neste estágio, a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades, e eventualmente as de outrem. As regras apenas são seguidas quando trazem uma recompensa. Desta forma, há uma noção de reciprocidade, mas que vem a ser egoísta (ex: “Eu ajudo se tu me ajudares”). A moralidade é encarada como uma troca/negociação direta reinando a consciência do relativismo.

O segundo nível é o nível Convencional onde contamos com o terceiro estágio, em que a criança é orientada para obter a aprovação e agrado dos outros, e por isso, existe uma conformidade com imagens estereotipadas ou papéis naturais, havendo um julgamento em função das intenções. E o quarto estágio, em que existe uma orientação

para manter a autoridade e a ordem social. Neste estágio a criança ou o jovem zela pelo cumprimento dos deveres e demonstram respeito pela autoridade vendo a manutenção da ordem social como um fim em si mesmo.

O último nível – Pós-Convencional – abrange o quinto estágio, onde existe um reconhecimento de um elemento ou ponto de partida arbitrário nas regras ou leis, pois o indivíduo começa a considerar princípios morais mais amplos e abstratos que vão além de regras ou leis específicas. Neste estágio a moralidade é baseada na ideia de um contrato social que promove o bem-estar coletivo e protege os direitos individuais. E por último, o sexto estágio do desenvolvimento moral, onde existe uma orientação não apenas para regras sociais prescritas, mas para princípios de escolha que apelam à universalidade lógica. Há uma orientação para a consciência como agente dirigente.

Assim, estes seis estágios formam “estruturas de conjunto ou sistemas organizados de respostas que implicam diferenças qualitativas nos modos de pensamento.” (Fini, 1991, p. 67). Segundo Fini (1991), estes estágios formam estruturas de conjunto através de formas e padrões de resposta de acordo com uma alternativa ou outra, perante um dilema, partindo do pressuposto de que a forma de julgamento difere na sua forma cognitiva no padrão do raciocínio apresentado.

Quando o indivíduo atinge o nível do pensamento formal, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, destaca-se do concreto, ou seja, tem capacidade admitir suposições, de coordenar pontos de vista, de argumentar, expressar-se por proposições e trabalhar com estas. Preocupa-se com a variedade de sistemas sociais, analisa os factos, não aceita afirmações sem comprovação e não atribui significado a factos isolados (Fini, 1991).

Ao nível da educação moral, Kohlberg defende que a sequência culturalmente universal de estágios do desenvolvimento moral, pode e deve ser estimulada nas escolas. Propõe, portanto, para a educação moral dos jovens e das crianças, o estímulo do movimento para os estágios superiores da sequência e argumenta que o estímulo do desenvolvimento do julgamento moral dos indivíduos é uma “alternativa para a educação moral em oposição a programas de imposição de modelos exteriores” (Fini, 1991, p. 72). Segundo esta teoria, o professor deve definir objetivos para que consiga atuar em conformidade com os mesmos, baseados numa abordagem cognitivo-evolutiva do julgamento moral. O professor deve preocupar-se com o desenvolvimento moral dos seus

alunos, ao invés de se preocupar em impor regras segundo as conveniências administrativas e valores definidos pelo Estado. O professor não deve transmitir apenas valores competitivos da sociedade, nem comportamentos conformistas a padrões definidos: “o professor deve estimular o desenvolvimento do julgamento moral da criança e não a conformidade”. (Fini, 1991, p. 73)

Partindo deste pressuposto, a abordagem das questões da escravatura no ensino da História não deve ser feita pela transmissão deste tema como um facto apenas histórico, deve ser promovido alicerçado em valores, de modo que levem os alunos a refletirem criticamente sobre as suas implicações na humanidade, favorecendo uma atitude profilática face a escravaturas futuras.

Assim, entendo que o ensino da escravatura, ao abordar questões de justiça, direitos humanos e igualdade, promove uma educação para a cidadania, na medida em que sensibiliza os alunos para a importância de valores como a empatia, respeito e responsabilidade social. De acordo com a teoria moral de Kohlberg (2002), este tema deve contribuir para o desenvolvimento moral dos alunos, estimulando o avanço por estágios de raciocínio ético, desde a obediência a regras até a adoção de princípios universais de justiça. Desta forma, o tema oferece uma base sólida para a formação de cidadãos críticos e éticos, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária.

## **Capítulo 2 - O papel do ensino da escravatura na promoção de uma educação para a cidadania e para valores**

Segundo Araújo e Maeso (2012), os sistemas educativos têm servido como ferramentas essenciais na formação e perpetuação das identidades nacionais. Através da implementação de currículos nacionais baseados numa interpretação eurocêntrica da história, o projeto de homogeneização da nação moderna acaba por marginalizar e suprimir as diversas identidades e experiências dos alunos. Este processo reforça e legitima certas visões da identidade nacional e europeia (marcadamente cristã, branca e ocidental), que são retratadas como inerentemente distintas e separadas das regiões colonizadas. Este contexto educacional contribui para a normalização de narrativas históricas que favorecem uma perspetiva dominante, obscurecendo vozes, e reforçando

as desigualdades sociais e culturais. Segundo as autoras, a visão racista e eurocentrista perpetuada no âmbito do Estado Novo nos manuais de História, onde o ‘outro’ é permanentemente visto como “selvagem”, é o resultado da ignorância de um excesso de nacionalismo que instiga ao desconhecimento, uma lógica que decorre, segundo Trouillot (1995) de uma visão positivista que não desafia a narrativas amplas e que se revela “incapaz de questionar a naturalização de certos processos políticos fulcrais para a compreensão da formação da ideia de Europa / Portugal” (Araújo et al., 2012, p. 8), como são exemplo os fenómenos da cristianização, do colonialismo, da escravatura, e da sua inter-relação. De facto, esta visão permite “a constante reprodução e reconfiguração do eurocentrismo” (Araújo et al., 2012, p. 8). Para além disto, na visão de Hall (1992), a eficácia do eurocentrismo como ideologia, sustenta-se no uso de representações estereotipadas sobre o ‘outro’ e na banalização das relações de poder que as fomentam.

Araújo e Maeso (2012) alertam ainda para a inexistência de reformas educativas fundamentais no ensino da História. De facto, segundo as autoras na disciplina de História do 3º Ciclo do Ensino Básico, a última grande revisão curricular ocorreu em 1989, conforme o Decreto-Lei 286/89. Apesar de ter sido introduzida uma gestão com uma maior flexibilidade ao nível do currículo pelo Despacho 4848/97 (mais tarde substituído pelo Despacho 9590/99), a autonomia dos professores continua a ser limitada na prática. Os manuais escolares, considerados o *curriculum* de facto (Cruz, 2002), desempenham um papel crucial na formação das narrativas históricas aceites, influenciando diretamente o conteúdo ensinado (Apple, 2004). Embora as editoras possam ter alguma liberdade para propor novas abordagens, as mudanças implementadas são geralmente pequenas e não desafiam as narrativas tradicionais, segundo as autoras. Isto perpetua a invisibilidade de uma História de África que vá além das interações iniciais com os europeus, assim como oculta a violência do colonialismo, que frequentemente é apresentado como simples “expansão” e “descobertas” ou “encontros entre povos”. Tais perspetivas encontram respaldo político e académico, como exemplificado pela posição de Vitorino Magalhães Godinho, uma figura de referência entre políticos e historiadores, que resistiu a reconsiderar as categorias tradicionais de análise do colonialismo português (Trouillot, 1995).

Todavia, “nas últimas duas décadas, a história e a memória da escravatura têm recebido um interesse crescente no debate político e académico além da história e da historiografia (...)” (Araújo & Rodrigues, 2018, p. 108). Em Portugal, segundo as autoras,

este debate não é tão aceso no que respeita à discussão do seu legado em termos da cidadania, porém, atendendo aos ideais da escola democrática, esta deve interferir neste sentido, perpetuando ideais e valores democráticos. Nesta linha de pensamento, o professor deve ter um papel preponderante em relação à componente reflexiva do aluno dentro e fora da sala de aula, já que, segundo Araújo e Maeso (2012), os manuais escolares acabam por silenciar a questão da escravatura. As autoras não afirmam que a omitem por completo, mas que tentam, antes, 'esvaziá-la' da sua real relevância política, acentuando-se assim, a “governamentalidade racista” a que está associada (Araújo, 2012, p.8).

Assim, segundo Araújo e Maeso (2013, p.147), a “eficaz reprodução de relações de poder com base na “raça” resulta de um jogo de in/visibilização – ancorado no Eurocentrismo” que propicia imaginários e práticas excludentes e naturaliza as configurações de poder que as mantém. O tratamento da escravatura nos manuais escolares constitui uma "prática institucionalizada de esquecimento social" (Nimako & Small, 2010) que, por meio de estratégias de silêncio, apaga e banaliza certos processos políticos (Trouillot, 1995). Este silêncio institucionalizado atua de duas formas, segundo Araújo e Maeso (2012): por um lado, o "tráfico de escravos" é referido como um fenómeno típico "daquela época"; por outro, a violência e o racismo relacionados à escravatura são banalizados, permitindo que sejam interpretados por julgamentos morais e combatidos por figuras cristãs e humanistas. Esta abordagem não consegue questionar de forma abrangente o impacto duradouro da escravatura nas sociedades (europeias) pós-coloniais.

Desta forma, as autoras defendem, que escravatura e o seu ensino têm ocupado um lugar “relativamente marginal em Portugal” (Araújo et al., 2013, p.149) pois, de certa forma acaba por constituir um parêntesis do conteúdo programático relativo à expansão portuguesa. Para além disto, o escravo é apresentado nos manuais como sendo mais uma mercadoria, desumanizando a figura do escravo e contribuindo para a “invisibilização da violência deste sistema político-económico” (Araújo et al., 2012, p. 10). As autoras apelam também a que a escravatura surge como elemento das rotas comerciais, e, portanto, das ‘necessidades económicas’. Segundo esta linha de pensamento, trata-se, portanto, de um esvaziamento da relevância política relativamente ao conteúdo da escravatura nos manuais de História, o que leva a crer que ainda persistam mentalidades racistas nas sociedades contemporâneas pós-coloniais, enaltecendo, por isso, a expansão marítima como o período *nobre* da história da nação. Desta forma, isto evidencia a

persistente conexão entre poder e cultura na formação das interpretações históricas ao nível da educação (Araújo & Maeso, 2010, p. 240). Ao pressupormos que a educação forma a nação, torna-se insustentável continuar a privilegiar uma visão eurocêntrica nos manuais escolares e na educação do século XXI. O objeto de intervenção tem de incidir preponderantemente no “outro”, superando-se o olhar xenófobo e as representações até então consagradas (Araújo et al., 2018).

Lara (1998) também sublinha a necessidade de estabelecer as bases de uma cidadania consciente na educação, unindo o período sombrio da escravatura ao longo e árduo caminho que caracterizou o processo de conquista da liberdade. Uma liberdade alcançada com sacrifício e resistência, mas que não apaga as marcas atuais das desigualdades e disparidades ainda hoje vividas. Neste sentido, o ensino da História revela-se uma ferramenta crucial para desconstruir preconceitos e criar uma sociedade mais justa. O professor não pode encarar a História apenas como um exercício intelectual, mas sim como uma ferramenta de transformação social. Assim, não devemos limitar a questão da escravatura ao passado histórico, pois como afirma Muižnieks (2017), “o comércio de escravos e o colonialismo estão entre as principais fontes de discriminação contra os negros”. Portanto, o ensino não pode contribuir para “a perpetuação e a naturalização do racismo nas sociedades democráticas contemporâneas” (Araújo, 2018, p. 110). O papel do professor e do ensino é fundamental no combate à exclusão e discriminação, pois, como destaca Marques (2018, p. 158), “o racismo, quando assumido como prática institucional, é essencialmente igual ao racismo banal: discriminação que visa excluir determinada categoria de indivíduos do acesso a certos recursos”.

No entanto, como alertam Barton e Levstik (2004) no estudo “Teaching history for the common good” – embora a formação de uma cidadania crítica seja crucial, é igualmente importante que o ensino mantenha um equilíbrio entre as diferentes perspetivas históricas, evitando a priorização excessiva de um único tema. Desta forma, é possível criar uma abordagem educativa que não só amplie as narrativas históricas, mas também que preserve um olhar abrangente, capaz de refletir as complexidades e as múltiplas dimensões da realidade histórica e social.

Habermas (1984) também nos alerta para a questão da necessidade de o currículo escolar evitar posições ideológicas, focando-se sim, numa educação acessível a todos, havendo temas específicos que devem ser abordados com equilíbrio e cautela. Segundo o autor, a educação deve prezar pela neutralidade ideológica cultivando um espaço

comunicativo entre as variadas perspectivas em que todas consigam coexistir sem que umas se sobreponham às outras. Young, Lambert e Roberts (2014) também nos apelam para o cuidado necessário a ter aquando da seleção de conteúdos para o currículo escolar. Segundo os autores, não se trata de negar o valor de qualquer conhecimento, mas de reconhecer que o currículo não pode cobrir tudo. É necessário optar pelo que se revela mais significativo para o desenvolvimento da compreensão dos alunos.

Em suma, e como refere Barca (2004), é necessário ter em atenção de que os paradigmas educacionais estão em constante evolução e apela-se cada vez mais a uma educação em que o aluno debate, problematiza, apreende e recupera vivências históricas. Assim, o discente desenvolve uma consciência cada vez mais crítica refletindo e permitindo-se orientar no futuro, sendo ele mesmo o protagonista no seu processo-aprendizagem. O professor deve mostrar-se aberto à compreensão relativamente ao passado e deve “promover ambientes inclusivos onde todos os alunos se sintam confiantes para expressar as suas ideias e pontos de vista divergentes, onde podem surgir diálogos fáceis.” (Conselho europeu, 2018, p.10). Isto é, fazer com que os alunos “sintam a verdadeira função da história”. (Alves & Ribeiro, 2022, p.20) Os temas sensíveis, como é o exemplo da escravatura, devem adquirir um sentido para que passem “a constituir uma memória para as novas gerações” (Pereira, 2017, p.2), lembranças que são parte da criação de uma sociedade na qual as atrocidades cometidas no passado deixam de ter lugar, pois “não faz sentido para os alunos estudarem temas históricos e não compreenderem o processo de construção da história.” (Moreira, 2020, p. 20).

### **Capítulo 3 – Metodologia**

Pensar e refletir sobre o conceito de educação aliado ao de cidadão atual impõem a forma de ponderar e executar as práticas educativas. Tendo em conta os objetivos estipulados para este relatório, é importante apresentar o design metódico que sustentou a praxis educativa do estágio pedagógico, bem como o processo de investigação e de reflexão desenvolvido. Este Relatório de Estágio tem por finalidade aferir a forma como as práticas letivas executadas com as turmas potencializaram uma educação para a cidadania e para valores, bem como para a consciencialização dos alunos em relação aos

temas da escravatura e da liberdade, os temas base deste relatório e das atividades executadas. Deste modo, serão elencados os objetivos deste relatório:

- Promover um processo educativo em História que favoreça o desenvolvimento de uma cidadania ativa;
- Sensibilizar os alunos para a complexidade do tema da escravatura.
- Desenvolver uma linha consciencializadora no que respeita à escravatura e à liberdade no passado histórico e no presente;
- Promover uma visão crítica e reflexiva através da escravatura, que consciencialize para fenómenos como a discriminação e o racismo;
- Criar dinâmicas pedagógico – didáticas que favoreçam o espírito crítico relativamente aos direitos humanos, à dignidade humana e à liberdade.
- Criar atividades dinâmicas, interativas e imersivas que visem o desenvolvimento cognitivo e moral.

O intuito é criar jovens conhecedores dos factos históricos e capazes de analisar e criticar o passado e o presente, perspetivando um futuro mais próspero. O professor deve ter esta preocupação aquando das suas práticas letivas, pois os jovens serão sempre o futuro da nação. Assim, devem ser conhecedores do passado e ser capazes de refletir sobre o presente. Colocar os alunos a “pensar” e a refletir é um dos maiores objetivos das práticas pedagógicas, já que a reflexão é o pilar da mudança. Assim, procede-se ao “desenvolvimento do pensar, agir e conviver reflexivos, com a atitude científica” (Cabral, 2017, p. 860).

Desta forma, ao longo do estágio pedagógico, desenvolvi um estudo descritivo interpretativo, que visa o cumprimento dos objetivos estipulados, aferindo o desenvolvimento científico, cívico e cidadão dos membros de cada turma-alvo, ao nível das práticas educativas, analisando, por isso, a consciencialização das mesmas relativamente aos temas da escravatura e da liberdade.

O estudo descritivo interpretativo é uma abordagem metodológica comum ao nível das pesquisas de carácter qualitativo, que combina dois principais objetivos: o de descrever, neste caso, as práticas letivas precursoras de uma educação para a cidadania baseadas nos conceitos de liberdade e de escravatura; e o de interpretar os resultados e as implicações de cada atividade, conforme os dados recolhidos das práticas pedagógicas. O estudo descritivo interpretativo tem por finalidade aprofundar e compreender

fenómenos pouco explorados e mal compreendidos no panorama investigacional e auxiliar na construção de teorias e/ou outros projetos de investigação ou intervenções práticas.

Recorri a diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados, tendo por objetivo o fornecimento de uma compreensão fidedigna da realidade e a projeção de alternativas de mudança aquando das práticas educativas. Assim, recorri à observação direta participante naturalista continuada, ao método do inquérito, mais precisamente através de questionários, ao diário de bordo e ao quadro de categorias.

Ao nível da observação direta participante, é possível realizar notas de campo<sup>2</sup> acerca do decorrer das aulas cujo enfoque seja o tema da escravatura ou temas associados a este fenómeno histórico. Revela ser uma técnica bastante pertinente, dado que possibilita o registo de comportamentos/fenómenos levados a cabo pelo observador, possibilitando a obtenção de dados descritivos/factuais do que é feito num determinado momento. É possível registar comportamentos no seu contexto e informação inesperada, verbalizando também, a recolha de dados comportamentais não-verbais.

Utilizo também, ao longo da investigação, o método do questionário, um método que revela ser uma mais-valia para investigações de natureza essencialmente qualitativa, como é o caso. Foram realizados cinco questionários: dois ao sétimo ano, no âmbito da atividade da peça de teatro, onde consta um questionário aos espectadores<sup>3</sup> da peça de teatro e um questionário aos participantes<sup>4</sup> da mesma, ambos com seis questões de resposta aberta. Um questionário após as atividades realizadas, ao oitavo ano<sup>5</sup>, com oito questões de resposta aberta. E dois questionários ao décimo ano, um realizado antes das atividades<sup>6</sup> que incorporam este relatório e o outro realizado depois das atividades<sup>7</sup>, ambos com seis questões de resposta aberta, e uma questão de resposta fechada. O objetivo desta metodologia é obter informação acerca do conhecimento dos discentes após a minha prática letiva, acerca dos conceitos de escravatura, liberdade, discriminação e direitos humanos, bem como, aferir o modo como o discente percebe o impacto histórico destes fenómenos na atualidade. Para além disto, tem também como objetivo

---

<sup>2</sup> Cf. Anexo 10

<sup>3</sup> Cf. Anexo 22

<sup>4</sup> Cf. Anexo 21

<sup>5</sup> Cf. Anexo 18

<sup>6</sup> Cf. Anexo 19

<sup>7</sup> Cf. Anexo 20

compreender a análise do discente no que respeita à escravatura ao longo da História, dando a conhecer as suas conceções acerca do tema. As questões são organizadas, na sua maioria, de forma aberta, ou seja, o inquirido responde utilizando o seu próprio vocabulário, recorrendo a pormenores e realizando os seus próprios comentários, o que permite identificar mais facilmente a ideia e o impacto que o tema revela no aluno. Os questionários diferem a informação contida conforme o ano letivo a que este foi entregue, dada a diferença de abordagens e de atividades realizadas em cada, porém, existe uma base bastante semelhante nos três no que respeita a conceitos como liberdade, escravatura e discriminação.

É um método que procura assegurar procedimentos de validade, fidedignidade e objetividade de acordo com os objetivos deste relatório, que, segundo Alonso (1998), quando é utilizado com outros procedimentos, revela-se interessante para que contemple e confirme a informação recolhida pelas restantes vias.

Outra metodologia de recolha de informação utilizada foi o diário, o qual obtém um papel deveras especial no que diz respeito à recolha de dados, pois revela ser um processo contínuo de recolha, análise e interpretação dos dados obtidos que permite uma constante melhoria ao nível das práticas. Esta metodologia permite descrever, refletir e analisar cada acontecimento que ocorre durante o período da investigação, gerando condições para definir pontos de mudança na atuação. Para além disto, cruza ideias, crenças e valores que ocorrem aquando da narração, que dificilmente se obtém através de outro método de investigação. Assim, facilita o processo de procura de estratégias cada vez mais eficazes e adequadas ao perfil de cada turma e às necessidades e dificuldades que esta revela. De facto, e segundo Francisco Cordeiro Alves (2004), esta técnica é essencial para refletir acerca da vida quotidiana das aulas, aferindo sentimentos, preocupações, afetos, o que se fez, atitudes dos discentes, frustrações, propostas de ações e perspetivas alternativas. É, por isso, segundo Alves (2004), um documento pessoal que constitui “uma classe de materiais de estudo de caso, especificamente de documentos de caso escrito em primeira pessoa” (Alves, 2004, p. 223).

Por fim, realizei um quadro de categorias<sup>8</sup>, que se aplica aos conteúdos obtidos através dos questionários e das notas de campo realizadas pela observação direta. Este quadro é realizado através de um trabalho rigoroso, recorrendo a uma abordagem de teor

---

<sup>8</sup> Cf. Anexos 1 a 8

qualitativo e naturalista. Este é bastante eficaz quando existe um elevado número de instrumentos/técnicas de recolha de informação, do qual origina um extenso volume de dados. Revela ser um método essencial para esta investigação por ser eficaz aquando de uma análise comparativa e reflexiva constante e continuada, para além de que, reduz e sistematiza a informação recolhida, constituindo-se um corpus de saber inteligível sobre a escravatura, a liberdade, a discriminação e os direitos humanos, os principais conceitos a ter em conta no âmbito desta investigação. A construção deste quadro categorial obedeceu a cinco critérios fundamentais a ter em conta segundo Bardin (2000, p. 120) - a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade, a fidelidade e a produtividade. Este assume, por isso, a espinha dorsal deste estudo descritivo interpretativo.

Os quadros de análise de dados contam com três dimensões: as concepções, o ensino da escravatura e a (re)construção do conhecimento. Ao nível das concepções importa realçar a concepção de liberdade, que se divide nos seguintes indicadores: “existe”; “não existe”; “existe em parte”; “capacidade de escolha”; “libertinagem”; “elemento constitutivo da identidade da pessoa” e “ter direitos humanos”. A concepção de escravatura, que se divide nos seguintes indicadores: “existe”; “não existe”; “subjugação do ser humano”; “violação dos direitos humanos”; “inferiorização étnica do ser humano”; “ausência de autonomia moral” e “sentir-se obrigado a algo”. A concepção de discriminação que se divide em: “existe relação com a condição do negro na atualidade” e “não existe relação com a condição do negro na atualidade”. E a concepção de direitos humanos, onde é analisada a escravatura como fenómeno que viola direitos como: “atentado contra a dignidade humana”; “exploração laboral/infantil”; “ausência de liberdade e de igualdade” e “ausência do direito à vida, à saúde, à família e à educação”.

Na dimensão que respeita à dimensão do ensino da escravatura são nomeadas as disciplinas que contribuem para o desenvolvimento do tema da escravatura, correspondentes maioritariamente à disciplina de História, excetuando o sétimo ano, com o auxílio da disciplina de Teatro e Expressão Dramática. Sendo também nomeadas as estratégias de ensino construtivas e prescritivas. Ainda nesta dimensão, contamos com a categoria da pertinência ao nível do conteúdo que se divide em quatro indicadores: “facto histórico”; “compreensão da contemporaneidade”; “não importante” e “sociedade inclusiva”. No que respeita à última dimensão – novos conceitos – contamos com três indicadores: “escravatura digital”; “leis Jim Crow” e “pessoa-objeto”.

No que respeita à última dimensão – (Re)construção do conhecimento - conta com a categoria das competências desenvolvidas com as atividades, ao nível da empatia, da reflexão e do respeito e com os indicadores: “personalidades” e “novos factos históricos”.

Deste modo, é apresentado abaixo o quadro referente ao sistema de categorias onde são espelhadas as dimensões e categorias associadas<sup>9</sup>.

**Quadro I – Sistema de Categorias**

<b>Dimensões</b>	<b>Categorias</b>
<b>Conceções</b>	Liberdade
	Escravidura
	Discriminação
	Direitos humanos
<b>Ensino da escravatura</b>	Disciplinas
	Metodologia / estratégias
	Pertinência do conteúdo
	Novos Conceitos
<b>(Re)Construção do Conhecimento</b>	Competências
	Personalidades
	Novos factos históricos

## **Capítulo 4 – Caracterização do contexto no âmbito do Estágio Pedagógico**

A escola da qual realizei o Estágio Pedagógico, está organizada em dois semestres e abrange o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário, oferecendo uma ampla oferta formativa que responde aos objetivos e interesses educacionais da comunidade escolar. No âmbito do meu estágio, foram-me atribuídas duas turmas do 3.º Ciclo do Ensino Básico, uma do 7.º ano e outra do 8.º ano, para a lecionação da disciplina de História. Ao nível do Ensino Secundário, lecionei numa turma do 10º ano, partilhada com a minha colega de estágio e com o orientador cooperante do estágio, a disciplina de História A.

---

<sup>9</sup> Cf. Anexos 1 a 8

#### 4.1. Caracterização da turma do 7.º ano

A turma do 7.º ano é composta por vinte e um alunos, com uma média de idades de doze anos, sendo que sete correspondem ao sexo feminino e catorze ao sexo masculino. O aproveitamento escolar da turma é razoável, com apenas um aluno a não transitar no ano letivo de 2023/2024, enquanto os restantes obtiveram sucesso na disciplina de História.

Em termos de comportamento, a turma apresenta alguns desafios, nomeadamente no que respeita à atenção em sala de aula. Os alunos, de modo geral, são bastante extrovertidos, o que pode ser algo positivo devido à energia que trazem, mas por vezes, acaba por interferir com o seu processo de aprendizagem. Verificam-se dificuldades na língua portuguesa e na interpretação de fontes e documentos históricos. Existem casos específicos que requerem uma atenção especial, como dois alunos com problemas de concentração, sendo que um deles apresenta um diagnóstico de ansiedade. O outro aluno foi retido no 2.º Ciclo e revela limitações no desenvolvimento pessoal e cognitivo, possuindo um quociente de inteligência inferior à média, atendendo à idade, além disso, não apresenta hábitos de estudo.

De um modo geral, os alunos demonstram interesse pela disciplina de História, formulando perguntas pertinentes e mostrando motivação, apesar do comportamento nem sempre ser o mais adequado. Existem disparidades significativas na turma, com alunos empenhados e alunos menos envolvidos, o que exige uma adaptação na abordagem pedagógica atendendo a cada caso específico.

#### 4.2. Caracterização da turma do 8.º ano

A turma do 8.º ano é constituída por vinte e três alunos, com uma média de idades de treze anos, dos quais onze são do sexo feminino e doze do sexo masculino.

O aproveitamento escolar da turma é considerado muito bom, por mim e pelo Conselho de Turma, embora dois alunos tenham sido retidos no ano letivo 2023/2024, um dos discentes por fraco desempenho escolar e outro por abandono escolar. Todos os

alunos, exceto o caso de abandono, obtiveram notas positivas em História. A média da turma na disciplina foi de nível “4” no ano letivo anterior (2022/2023) e manteve-se, porém, com um aumento nos níveis “5”.

Esta turma apresenta um comportamento exemplar e uma postura adequada em sala de aula. Apesar de as participações espontâneas serem menos frequentes do que na turma do 7.º ano, as intervenções feitas sob solicitação são de elevada qualidade, criando um ambiente propício à aprendizagem. Os alunos possuem bases de conhecimento sólidas e métodos de estudo bastante satisfatórios, com uma escrita e interpretação que, embora alvo de melhorias, são adequadas à faixa etária.

#### 4.3. Caracterização da turma do 10.º ano

A turma do 10.º ano é composta por vinte e um alunos, com uma média de idades de dezasseis anos, sendo treze discentes do sexo feminino e oito do sexo masculino. Em termos de comportamento, a turma é geralmente bem-comportada, porém o aproveitamento revela-se mediano.

Sete alunos são repetentes, no que respeita ao ano 2023/2024, o que reflete os maus hábitos de estudo e a falta de motivação, na generalidade das disciplinas e na disciplina de História. A turma apresenta também problemas de assiduidade, incluindo um aluno que acumulou 158 faltas injustificadas no ano letivo anterior (2022/2023), algumas em momentos de avaliação.

Entre os alunos, há um caso de dislexia moderada em que a aluna beneficia de um Plano Educativo Individual e apoio em variadas disciplinas, necessitando de tempo extra para avaliações. Dois alunos têm um histórico de comportamentos inadequados, com participações disciplinares registadas.

Apesar da falta de motivação global, o ambiente na sala de aula favorece o processo ensino-aprendizagem dado o respeito e empatia por parte dos alunos. Existem casos de discentes bastante motivados, que mostram agrado pela disciplina, porém, refletem apenas uma minoria da turma.

## **Capítulo 5 - Educar para a Liberdade através da Escravatura: Reflexões e práticas no âmbito do Estágio Pedagógico**

No âmbito do Estágio Pedagógico que realizei enquanto professora estagiária, e considerando o nível de ensino das turmas e as características coletivas e individuais dos alunos, desenvolvi diversas atividades com o propósito de reunir dados e informações que constituíssem uma parte relevante deste Relatório de Estágio. Estas atividades, que serão detalhadamente descritas e analisadas, visam responder à preocupação levantada por diversos estudiosos já mencionados no enquadramento teórico, como é exemplo, Araújo et al. (2013), que destacam o tratamento insuficiente do tema da escravatura por parte da educação em Portugal, e, por sua vez, dos manuais escolares, destacando constituir-se como parênteses dentro do conteúdo referente à Expansão Marítima.

Este é, no meu entender, um tema de extrema relevância, não apenas respeitante à história mundial, europeia e portuguesa, mas também à compreensão de fenómenos da contemporaneidade. Segundo Araújo et al. (2013), a marginalização deste tema nos programas de ensino tende a perpetuar uma mentalidade racista ainda presente na sociedade e nas estruturas de poder, evidenciando a influência que as últimas exercem sobre a educação.

Neste contexto, a disciplina de História assume a responsabilidade de contribuir e intervir para a construção de uma sociedade mais justa, onde é promovido o desenvolvimento de cidadãos ativos, dinâmicos e conscientes de si e do mundo que os rodeia. Além disso, pretende-se tornar a História numa ferramenta auxiliar para uma educação para a cidadania, enriquecendo-a e tornando-a mais interessante e envolvente do ponto de vista do aluno. No decorrer do planeamento e execução de cada atividade, foram seguidas as diretrizes dos documentos orientadores da prática docente, como o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017) e as Aprendizagens Essenciais definidas pelo Ministério da Educação.

Desta forma, apresento abaixo as atividades realizadas em cada nível de ensino.

**Quadro II** – Atividades executadas nos diferentes anos escolares

Ano escolar	Atividades		
7º ano	Peça de teatro – “Das correntes visíveis às correntes invisíveis”.	Trabalho de sala de aula e apresentação – “A economia escravagista na Roma Antiga”.	Atividade <i>Escape-room</i> – “Os 50 anos do 25 de Abril”.
	<b>Conceitos:</b> Escravidão; Liberdade; Discriminação; Direitos Humanos	<b>Conceitos:</b> Escravidão; Liberdade; Direitos Humanos	<b>Conceitos:</b> Liberdade; Direitos Humanos
8º ano	Atividade de sala de aula – “O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes”.	“Mini-debate” em sala de aula – “As Revoluções liberais e os Direitos Humanos”.	Atividade <i>Escape-room</i> – “Os 50 anos do 25 de Abril”.
	<b>Conceitos:</b> Escravidão; Discriminação; Direitos Humanos	<b>Conceitos:</b> Liberdade; Direitos Humanos	<b>Conceito:</b> Liberdade; Direitos Humanos
10º ano	Debate no auditório da escola – “A escravatura e o seu impacto na atualidade”.	“Mini-debate” em sala de aula - “A Escravidão e o Revisionismo da História”.	Atividade <i>Escape-room</i> – “Os 50 anos do 25 de Abril”
	<b>Conceitos:</b> Escravidão; Liberdade; Discriminação; Direitos Humanos	<b>Conceitos:</b> Escravidão; Discriminação; Direitos Humanos	<b>Conceito:</b> Liberdade; Direitos Humanos

Atendendo ao número significativo de atividades realizadas ao longo do estágio pedagógico, que constam do quadro II, as quais fornecem dados de investigação para este relatório, optei por descrever e analisar apenas três. Esta escolha foi realizada com base na riqueza e no impacto educativo das três atividades, ao nível do tema central deste relatório, e atendendo ao facto de o limite máximo de páginas estipulado para este documento não me permitir refletir de forma aprofundada sobre a totalidade das atividades. Deste modo, desenvolvi ao longo do ano letivo três atividades impactantes e merecedoras de uma análise profunda e detalhada acerca do seu planeamento, do decorrer das mesmas e dos seus resultados, aferindo o impacto que se verificou nos discentes dos três anos letivos que compunham o Estágio Pedagógico.

As atividades realizadas com as diferentes turmas serão designadas da seguinte forma: a atividade implementada com a turma do 7.º ano será denominada “Atividade 1 – Peça de Teatro: *Das correntes visíveis às correntes invisíveis*”; a atividade desenvolvida com a turma do 8.º ano será denominada “Atividade 2 - O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes”; e por fim, a atividade realizada com a turma do 10.º ano, que será referida como “Atividade 3 – Debater a escravatura e o seu impacto na atualidade”.

### 5.1. Atividade 1 – Peça de Teatro: *Das correntes visíveis às correntes invisíveis*

Desde sempre que o ser humano utiliza a sua criatividade para se exprimir perante o outro, aliás, a expressão traz consigo emoções daquilo que sentimos, como sentimos e porque sentimos. Ou seja, a expressão encontra-se sempre ligada aos sentimentos, emoções e impulsos. Ativa diferentes regiões do cérebro tais como do bulbo, do sistema límbico e do córtex (Rosa, 2014), e, segundo Piaget (1945), exterioriza a personalidade. Desta forma, o teatro, como forma de expressão, atinge não só os que estão a assistir, mas também os que estão a dramatizar, o que traz diversas vantagens para quem o pratica, para além de ser também uma atividade que na juventude e na infância, segundo Rosa 2014, toma importantes proporções educativas. O jovem experimenta-se a si mesmo, e “vive a sua imaginação, os seus sonhos, as suas fantasias e até os seus medos, provando a si próprio as suas capacidades de transformação e de se imaginar outro ou noutra

situação” (Sousa 1979, citado por Rosa, 2014, p.19), o que acaba por desenvolver o aluno ao nível motor, criativo, social e intelectual.

Assim, a primeira atividade desenvolvida enquanto estagiária, foi uma peça de teatro que teve por principal objetivo explorar o conteúdo programático relativo à escravatura e ao seu impacto na atualidade, através de uma aprendizagem ativa e construtivista, na qual o aluno participa, e como nos sugere Isabel Barca (2004), é ele o principal agente no seu processo ensino-aprendizagem. Este tema é de extrema importância por ser necessária “uma abordagem educacional que passa pelo ensino das questões socialmente vivas, uma vez que estas contribuem para a formação de futuros cidadãos” (Almeida, 2019, p. 43). Para além disto, cria condições favoráveis à contribuição para uma sociedade justa e tolerante que conhece o seu passado, a importância deste tema sensível e o seu impacto no presente, recusando a permanência de uma mentalidade racista e discriminatória, que segundo a linha de pensamento de Araújo et al. (2013) ainda é sentida.

Desenvolvi, por isso, com uma turma do 7.º ano, uma peça de teatro intitulada “*Das Correntes Visíveis às Correntes Invisíveis*”, centrada no tema da escravatura. Embora a turma em questão não me tivesse sido atribuída, a atividade acabou por mobilizar uma parte significativa das turmas do 7.º ano da escola, incluindo a turma à qual eu lecionava História, que assistiu à apresentação teatral. Esta atividade foi realizada apenas com alunos que frequentavam a disciplina de Teatro e Expressão Dramática, uma opção com pouca adesão nesta faixa etária. Através desta iniciativa, os alunos conseguem aprofundar o tema de uma forma distinta e envolvente, enquanto participaram numa atividade que valorizavam e apreciavam, como é o caso do teatro.

Em outubro, reuni-me com o professor responsável pela disciplina de teatro da escola para planear a atividade. A sua aceitação imediata e o entusiasmo com que abraçou o desafio foram um apoio crucial para o sucesso da iniciativa. O professor solicitou que eu elaborasse o guião da peça<sup>10</sup>, de forma a apresentá-lo aos alunos na semana seguinte. Sugeri, ainda, que introduzíssemos o tema e a proposta da atividade aos educandos e, caso mostrassem interesse, procederíamos com a sua implementação.

Na primeira aula de teatro que contou com a minha presença, a minha principal preocupação enquanto docente, era fornecer o conhecimento científico necessário aos

---

<sup>10</sup> Cf. Anexo 11

alunos acerca do tema, contextualizá-los e consciencializá-los relativamente à importância do tema da escravatura. Conversámos acerca deste fenómeno e dos seus impactos na atualidade, recorrendo àquilo que Schmidt (2021) apelida de “perguntas históricas”. Parti de evidências e experiências do presente dos alunos para que recuássemos ao passado juntos, procurando aquelas que poderiam ser as causas do pensamento e modo de agir atual, criando, desta forma, condições propícias ao desenvolvimento de uma consciência histórica. Os alunos reagiram de forma bastante positiva à primeira aula e aceitaram o desafio de ensaiar e encenar a peça de teatro com base no tema. No final da aula, o professor de teatro atribuiu as personagens e eu distribuí o guião a cada um dos membros para que o pudessem decorar.

A peça de teatro era composta por seis cenas, sendo que as duas primeiras retratavam a realidade do escravo na Época Moderna, com o emergir da era dos Descobrimentos e da Expansão Marítima. Portugal e Espanha emergem como pioneiros na busca por novas terras e mercadorias, e como tal, o escravo era considerado parte dessa mercadoria. Nestas duas cenas iniciais, foram apresentadas as condições cruéis vividas pelos escravos, incluindo a captura e as viagens marítimas a que eram submetidos. A primeira cena, composta por três personagens portuguesas, a mulher, o marido e a filha, retrata a partida do marido para África em busca de mercadoria – Marido: “Bom dia (dirige-se à mulher e à filha), bom, já estou atrasado para a viagem, como vos disse, vamos a África, ao Golfo da Guiné, em busca de mercadoria para as colónias”. A segunda cena retrata a chegada dos europeus e África e uma conversa entre o português e um africano, o qual lhe irá vender os escravos – europeu:

Queremos alguns dos vossos homens para trabalharem nas nossas plantações e minas, nas colónias. Em troca oferecemos instrumentos mais avançados, tecidos e outros produtos europeus.<sup>11</sup>

A terceira cena marcou a transição entre o passado e o presente, representada por dois monólogos em que duas alunas refletem sobre a condição dos escravos da Época Moderna, sob o olhar de um indivíduo do século XXI, reconhecendo a violência e as atrocidades cometidas em séculos passados contra corpos indefesos. Como é exemplo o seguinte monólogo:

---

<sup>11</sup> Cf. Anexo 11

É impossível para nós, seres humanos do século XXI, olharmos para a história de há seis séculos e não sentirmos os ecos das lágrimas, do sofrimento e do caos de vidas marcadas pela cor da pele. A dor de almas que já nasceram com uma vida destinada (...). A Europa, como senhora de todos os continentes, é um olhar que há muito foi criado e que causou mortes, violência e sofrimento a milhares de corpos indefesos.<sup>12</sup>

Esta cena reveste-se de particular importância no âmbito da educação para a cidadania e para valores, pois vai além da mera exposição dos factos históricos, promovendo uma reflexão por parte dos intérpretes e do público. O objetivo principal desta cena é, de facto, incitar o público a refletir e a questionar as ações do passado. Desta forma, está alinhada com aprendizagens essenciais, tais como (Ministério da Educação, 2018, pp. 3-4):

Reconhecer a importância dos valores de cidadania para a formação de uma consciência cívica e de uma intervenção responsável na sociedade democrática; Promover o respeito pela diferença, reconhecendo e valorizando a diversidade: étnica, ideológica, cultural, sexual”; “Valorizar a dignidade humana e os direitos humanos, promovendo a diversidade, as interações entre diferentes culturas, a justiça, a igualdade e equidade no cumprimento das leis.

Esta cena composta por monólogos que fomentam a reflexão, visa fornecer a ponte para a vida atual e para a análise do impacto da escravatura, contribuindo, por isso, para a educação histórica defendida por Helena Pinto (2016), que apela a uma História que trabalha a relação entre o passado e o presente.

A quarta cena, já remetendo à atualidade, tem por objetivo retratar uma conversa entre mãe e filha, personagens estas que se encontram a discutir uma situação de racismo que a filha presenciou na escola. A escola, para além de ser um espaço familiar e parte integrante do quotidiano dos alunos que assistem e representam a peça de teatro, é também um local onde, com frequência, ocorrem situações de discriminação, abusos e violência, muitas vezes resultantes da imaturidade inerente à faixa etária. O objetivo da atividade foi fomentar em cada espectador e intérprete uma consciência crítica que promova o combate a estas situações, criando indivíduos mais inclusivos e tolerantes face ao mundo que os rodeia. Nesta cena, a filha chega a casa preocupada por ter assistido a

---

<sup>12</sup> Cf. Anexo 11

uma cena de racismo na escola em que envolvia os colegas, a mãe explica à filha que esta, é ainda hoje, uma triste realidade e que devemos lutar para combater tal injustiça, alegando que no final de contas, “a cor da pele (...) não dita o carácter” (Cf. Anexo 11 – quarta cena).

Mas porquê retratar uma situação de racismo na peça? Reconheço que realizar uma análise do impacto da escravatura nos dias de hoje é uma tarefa complexa. Contudo, considerando a condição do escravo negro na era das navegações marítimas, um dos impactos mais significativos, creio eu, que perdura até hoje, é a situação de desigualdade que ainda afeta esta comunidade, conforme detalhado no capítulo 2 do enquadramento teórico. É um tema que deve ser abordado nas escolas, pois, intencionalmente ou não, a discriminação e o racismo continuam a ser elementos presentes na mentalidade da sociedade contemporânea. Esta é uma luta que deve ser encarada pelos jovens, que são o futuro da sociedade, e que é reconhecida em documentos orientadores, como é o caso do Perfil de Aprendizagem do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017, p. 15), que privilegia um aluno “que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático”; “que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social”.

A quinta cena transporta os espectadores para uma realidade diferente, onde a criança é escravizada por grandes empresas e marcas de prestígio. Esta cena<sup>13</sup> retrata duas crianças a trabalhar numa fábrica sendo alvos de exploração laboral. Enquanto trabalham, um dos participantes do teatro faz um monólogo que sensibiliza os espectadores para esta questão, pois a escravatura não teve o seu fim no século XVIII, com a sua abolição legal, nem mesmo no século XIX, com o fim das ditaduras totalitárias extremistas, a escravatura continua a persistir nos nossos dias em contextos infantis e não só.

A última cena<sup>14</sup> desta peça de teatro foi, de facto, a que mais exigiu esforço da minha parte enquanto a redigia. O intuito era criar uma última cena impactante para o público que assiste e para os alunos que interpretam, consciencializando-os para um fator que lhes é tão comum no dia a dia. Na verdade, existem situações de racismo nas escolas, ou até mesmo fora delas, mas não é algo que os alunos, na sua generalidade, vejam ou

---

<sup>13</sup> Cf. Anexo 11 – Quinta cena

<sup>14</sup> Cf. Anexo 11 – Última cena

sintam diariamente. Também existem crianças escravizadas pelo mundo, porém, ainda menos é algo com que lidam diariamente, não sentindo o seu verdadeiro impacto. Nesta última cena o objetivo foi trazer a palco a questão dos malefícios que acarreta esta Era Digital a que os jovens se encontram submissos. Na verdade, esta sim, é uma questão pela qual a larga maioria dos jovens convive, e que é preocupante quando ultrapassa certos limites. É um assunto complexo e necessário de ser abordado nas escolas, pois faz com que a criança ou jovem se torne “escravo” do digital. A ideia foi apresentar em palco uma comparação entre o escravo da Era dos Descobrimentos, com o “escravo” da tecnologia dos nossos dias. Em ambos os contextos, é possível identificar uma dependência comum: a ausência de liberdade, de autonomia e de pensamento crítico, acompanhada pela submissão a algo que condiciona o quotidiano e a forma de viver, ser e estar. Neste sentido, o último ato da peça culminou com todos os participantes debruçados sobre os seus telemóveis, concentrados apenas nos ecrãs e alheios ao ambiente que os rodeia. A cada som de uma corrente a partir-se – simbolizando as correntes que aprisionavam os escravos na era moderna – um dos alunos libertava-se do dispositivo tecnológico, simbolizando a conquista da liberdade e a capacidade de olhar e interagir com o mundo à sua volta.

A corrente representava, assim, o escravo contemporâneo, havendo um esforço consciente, da minha parte, para estabelecer uma analogia entre essas correntes e a forma como a tecnologia, de maneira invisível, pode aprisionar as mentes e condicionar o comportamento dos jovens de hoje. Desta forma, a peça visou provocar uma reflexão crítica sobre a dependência tecnológica e como esta pode limitar a perceção e a vivência do mundo.

Cada ato foi, cuidadosamente, planeado com o objetivo de permitir observar a escravatura sob diferentes perspetivas e contextos, reconhecendo a complexidade e a multiplicidade de interpretações associadas a este tema. Assim, foram desenvolvidos diversos conceitos importantes no âmbito deste relatório: As primeiras três cenas desenvolveram o conceito da escravatura na Época Moderna, a quarta cena desenvolveu o conceito de racismo na atualidade, a quinta desenvolveu uma das perspetivas existentes da escravatura contemporânea – a exploração infantil, e a sexta cena desenvolveu o conceito de “escravatura digital”. O intuito central era proporcionar a cada aluno a possibilidade de fazer a sua própria interpretação das cenas que assistiu ou representou,

estimulando uma reflexão aprofundada sobre questões que, além de históricas, continuam a ter eco na atualidade sob múltiplas formas.

A realização desta iniciativa foi viabilizada pelo imprescindível apoio do colega de Teatro, o professor responsável pela turma, que conduziu os ensaios<sup>15</sup> e coordenou os alunos no que respeita à componente técnica relacionada à encenação, uma área em que, enquanto docente de História, não possui formação específica para tal. De igual forma, o contributo da minha colega de estágio, revelou-se fundamental. Foi responsável pela componente digital da peça, incluindo a trilha sonora, que conferiu o impacto necessário a cada cena, e os vídeos informativos que contextualizavam e enriqueciam a experiência dos espectadores, proporcionando uma compreensão mais profunda dos factos históricos apresentados. Estes elementos digitais contribuíram significativamente para o envolvimento e para a compreensão de quem nos assistia.

Assim, os ensaios para este espetáculo teatral contaram com uma duração de cerca de 3 meses, sendo que este projeto começou a ser delineado no mês de outubro e a peça foi apresentada em janeiro, no final do primeiro semestre. Estes revelaram ser um desafio constante para todos os intervenientes, pois o professor de teatro não lidava com frequência com temas de tal seriedade histórica em cima de palco, com alunos do sétimo ano. Os próprios alunos sentiram dificuldades ao longo dos ensaios, desde a memorização do texto, às brincadeiras constantes acerca do tema, às quais eu e o professor intervimos de forma que conseguissem sentir o impacto e a seriedade inerente ao tema.

A nível técnico, a peça envolvia algumas especificidades que se revelaram um desafio para os alunos, nomeadamente o facto de os atores contracenarem utilizando um ciclorama<sup>16</sup>, o que se tornou um dos principais focos durante os ensaios, sob a supervisão do professor. Esta escolha técnica deveu-se à necessidade de representar personagens de pele negra (os escravos), sendo esta a solução encontrada para responder a esse desafio.

O meu papel, ao longo dos ensaios, foi uma constante tentativa de consciencializar e dar a conhecer aos alunos os factos históricos, bem como, de analisar todo o diálogo dos atos, para que, se necessário, alterar formas de escrita, expressões, diminuir texto, entre outras alterações. Assim, ao longo dos ensaios fiz ajustes e alterações de texto, bem

---

<sup>15</sup> Cf. Anexo 12

<sup>16</sup> Tela ou parede clara situada no fundo do palco, geralmente côncava, utilizada para criar a ilusão de profundidade extra ou para projeção de filmes, vídeos ou imagens.

como introduzi comentários que os próprios alunos faziam quando comentavam a peça. Sob nota no diário, referi que quando terminaram de ensaiar o ato que se referia à exploração laboral infantil, os alunos comentaram sobre as crianças que eram escravizadas pela loja *Shein*, salientando os alertas de socorro que vinham nas papeletas das roupas. Comentavam que conheciam tal injustiça, mas que continuariam a comprar lá, pois era mais barato. Aproveitei tais comentários e acrescentei-os à última cena de forma que fizesse sentido. Para além de os alunos se terem sentido reconhecidos com tal acrescento, permiti que os mesmos participassem da própria redação da peça, o que tonou a aprendizagem mais significativa e permitiu ao aluno ser ele próprio um agente na construção do seu conhecimento.

### 5.1.1. Análise dos Resultados

Dada a explicação do planeamento e execução da atividade 1, é necessário salientar, que para além da observação direta e anotações no diário, aquando dos ensaios, todos os alunos (os que contracenaram e os que assistiram, e aqui salienta-se a turma do sétimo ano que me encontrava a lecionar), no final da atividade, responderam a um questionário<sup>17</sup>. Assim, foi possível recolher dados de investigação de ambos os grupos.

Questionei-me inicialmente sobre a qual dos grupos (o que participou e o que assistiu) esta atividade teria mais impacto, e inicialmente a minha resposta foi instantânea, que seria ao grupo que dramatizou e que mais tempo depositou em torno da própria atividade, bem como do tema. Porém, através da tabela de análise de dados, é possível aferir que aconteceu precisamente o contrário.

**Quadro III** – *Comparação do número de respostas entre os alunos que participaram na peça de teatro e os espectadores, relativamente à sua aprendizagem (questionário)*

Respostas:	Aprendi	Não aprendi nada
Alunos que participaram	0	10
Alunos que assistiram	17	0

<sup>17</sup> Cf. Anexos 21 e 22

Os alunos que fizeram parte da peça - ensaiaram-na todas as segundas-feiras e apresentaram-na à escola, ou seja, conviveram semanalmente com a mesma - responderam ao questionário alegando que não aprenderam nada na peça de teatro, pois mencionam, na maioria dos casos, que aprenderam este conteúdo programático no quinto e sexto ano de escolaridade. Tendo em conta que estes alunos no questionário especificam estes anos letivos nas suas respostas, e atendendo às Aprendizagens Essenciais da disciplina de História e Geografia de Portugal em ambos os anos mencionados, podemos aferir que no 5º ano, realmente pontifica-se, atendendo ao Ministério da Educação (2018, pp. 10-11):

Sublinhar a importância dos movimentos migratórios no contexto da expansão portuguesa, ressaltando alterações provocadas pela expansão, nomeadamente uma maior miscigenação étnica, a troca de ideias e de produtos, a submissão violenta de diversos povos e o tráfico de seres humanos.

E no 6º ano: “Relacionar os movimentos migratórios livres e forçados (comércio de escravos) com a cultura do açúcar e com a exploração mineira” (Ministério da Educação, 2018, p. 5). Assim, depreende-se que, ao nível da maioria dos factos históricos, existe a possibilidade deste conteúdo os ser familiar.

Porém, é necessário realçar a surpresa dos alunos aquando do ensaio em que representavam a captura dos escravos e o seu processo de escolha. Os discentes mostraram-se surpresos quando o professor de teatro mencionou que a personagem que encarnava o português, iria ter de “apalpar” os escravos para ver qual o que teria as melhores condições físicas para o esforço ao qual a sua condição acarretava. Para além disto, ficaram impressionados com a própria captura e com a violência que iriam ter de depositar em cima de palco para retratar esta realidade. Desta forma, arrisco-me a dizer que houve aprendizagem histórica e/ou aprofundamento de conteúdos, apesar de, no questionário, terem respondido que não.

No entanto, a peça de teatro não se cingia aos factos históricos, como já mencionado acima, tinha também o propósito de instruir estes alunos enquanto futuros cidadãos ativos e conscientes de si e do mundo ao seu redor, por outras palavras, tinha uma missão cidadã, que é fruto de uma aprendizagem que a escola deve proporcionar. Dado que os participantes responderam que não retiraram qualquer aprendizagem desta atividade, analisaremos as respostas do grupo que assistiu: quando é colocada a questão

sobre novas aprendizagens aos alunos, com as atividades realizadas, podemos falar de aprendizagens de carácter científico ou não. De facto, apenas um aluno, dos alunos que assistiram à peça, nomeou o facto de ter aprendido uma questão ligada à escravatura enquanto facto histórico. O que comprova que, realmente, os alunos do sétimo ano, já vêm com uma visão geral dos factos de anos anteriores. Os restantes alunos obtiveram respostas ligadas à compreensão da contemporaneidade<sup>18</sup>. Ou seja, a peça de teatro permitiu não só novos conhecimentos, mas também, reflexões acerca da discriminação atual, do racismo e da escravatura dos nossos dias em diferentes dimensões, que era, na verdade, um dos principais objetivos desta atividade. Assim, no quadro abaixo, espelham-se o número de respostas que comprovam estas afirmações.

**Quadro IV – Pertinência do conteúdo da peça de teatro: respostas dos espectadores (questionário)**

<b>Categoria: Pertinência do conteúdo</b>			
<b>7º ano (turma que assistiu)</b>	<b>Facto Histórico</b>	<b>Compreensão da Contemporaneidade</b>	<b>Sociedade Inclusiva</b>
<b>Nº de alunos:</b>	1	13	5

De facto, ainda atendendo ao questionário, podemos afirmar que se denota um desenvolvimento moral acrescido nos alunos que visualizaram a peça, contrariamente aos que a executaram. Atendendo à teoria de Kohlberg (2002), os alunos que visualizaram a peça podem estar a passar do estágio 2 para o estágio 3, ou seja, a peça de teatro pode ter incentivado um desenvolvimento ao nível moral, em que conseguem compreender com maior grau de clareza a importância de valores como o respeito e a empatia. Este grupo pode ter desenvolvido uma mudança ao nível do raciocínio moral, pois observavam-na de fora, e refletiram sobre as suas implicações atuais. Já para a turma que encenou, o processo acaba por se centrar mais ao nível técnico, atendendo a que estavam concentrados no seu desempenho em cima do palco. Este fator pode ter limitado a sua capacidade de reflexão acerca do tema.

Através do quadro IV, e das respostas presentes no anexo 5, é possível verificar que esta atividade, no geral, atingiu não só a dimensão pretendida por mim, enquanto

<sup>18</sup> Cf. Anexo 5

docente de História, mas também pelos discentes, que retiram novas aprendizagens a partir da atividade. É de igual forma importante que os compreendam e identifiquem os factos históricos, mas também que comecem, desde cedo, a criar um pensamento crítico após a análise de certas visões e perspetivas, respeitando sempre, logicamente, o carácter científico da análise historiográfica. Ao longo dos ensaios, foram observados comentários conscientes e críticos, da parte dos alunos, porém, as respostas ao questionário, por parte do grupo que encenou, comprovaram que esta parte específica pode ter se revelado um pouco aquém das minhas expectativas. Todavia, considero, na sua generalidade, uma atividade de sucesso e da qual os alunos realçaram gosto em participar, como é possível aferir nas respostas aos questionários<sup>19</sup>.

Segundo o próprio professor de teatro, os alunos do sétimo ano costumam lidar com temas mais cómicos, ao que este mostra ser um tema de carácter mais sério, o que requer uma preparação de maior profundidade para que os próprios alunos consigam passar a seriedade eminente ao tema aos espectadores, o que nem sempre é algo fácil de ser preparado nos ensaios. Este fator acaba por se refletir nas respostas dos alunos, pois quem apenas visualizou a peça, não foi alvo desta constante exigente preparação, e talvez por isso, tenha conseguido disfrutar desta atividade de forma mais positiva e imersiva.

Todos os alunos alvo do questionário, quer os alunos que assistiram quer os alunos que representaram a peça, consideram que existe uma relação entre o passado e o presente, uma relação que liga o escravo do passado à discriminação existente nos dias de hoje<sup>20</sup>. De facto, este é mais um ponto pertinente que prova que ambos os grupos relacionam criticamente os factos históricos com os problemas atuais, o que por sua vez, realça que os educandos apreenderam a informação contida em cada cena da própria peça, e ainda mais, aos monólogos existentes. Por vezes, os monólogos podem revelar-se mais desinteressantes para as crianças, porém, através das respostas dos alunos, é possível aferir a sua eficácia, dado que neles se explicavam as problemáticas associadas ao presente como linha contínua de um passado histórico, como nos sugere Pinto (2006).

Para além das questões ligadas à escravatura da Época Moderna e à discriminação hoje existente por alienação à primeira, a verdade, é que esta atividade também teve o propósito de consciencializar para valores como a liberdade e para a justiça. A larga

---

<sup>19</sup> Cf. Anexo 21

<sup>20</sup> Cf. Anexo 3

maioria dos alunos considera que não existe liberdade e justiça atualmente, ou pelo menos que não existe como deveria existir num mundo ideal, como é espelhado no quadro abaixo:

**Quadro V** – *Número de respostas dos alunos em relação à conceção de liberdade (questionário)*

<b>Conceito de Liberdade:</b>	<b>Existe</b>	<b>Não existe</b>
<b>Alunos que participaram</b>	1	8
<b>Alunos que assistiram</b>	4	12

A partir daqui, podemos tirar duas possíveis conclusões: que, por convicção própria, acreditam que não existe liberdade / justiça nos dias de hoje, ou que, por terem um contacto acrescido com o tema da escravatura, por exemplo ao longo dos ensaios, e por estarem mais instruídos e conscientes acerca do seu impacto na atualidade, fruto da dramatização, concluem, portanto, que hoje a liberdade e a justiça não reinam como se idealiza. O que mostra, mais uma vez, a eficácia desta atividade também nos seus participantes.

A maioria dos casos dos alunos que responderam que não existe liberdade (de ambos os grupos), justificam esta posição com argumentos tais como: “existem, ainda hoje milhões de escravos que não têm liberdade”; “ainda nem toda a gente é livre”; “ainda existem pessoas com mais direitos que outras”; “ainda existem pessoas discriminadas injustamente”; “se fosse uma sociedade livre e justa, não existiria escravatura”<sup>21</sup>. Esta amostra de respostas mencionadas, realça, de novo, o impacto da peça de teatro nestes alunos. Como tal, cria condições favoráveis ao desenvolvimento de seres conscientes e informados que se pretendem inclusivos, cumprindo-se assim, mais um dos seus maiores objetivos.

No entanto, os alunos que nomearam que hoje existia liberdade e justiça argumentaram, igualmente, de forma válida, justificando-se da seguinte forma:

---

<sup>21</sup> Cf. Anexo 1

“considero viver numa sociedade livre e justa, pois tenho direitos e deveres e liberdade de expressão”; “sim, pois temos regras e deveres”. E, de facto, tais interpretações não estão incorretas. Aliás, o intuito desta atividade não é estruturar na mente dos alunos uma visão correta ou incorreta relativamente aos diversos temas abordados, mas sim, estimular a reflexão sobre as variadas perspetivas e factos, para que cheguem à sua própria conclusão, fruto de um pensamento crítico e informado acerca do tema.

Para além da tentativa de sensibilizar os alunos para as questões de liberdade, da inclusão, da escravatura, da justiça e da discriminação, esta atividade também teve por objetivo, proporcionar uma reflexão acerca das diferentes formas de escravatura vividas na atualidade. Na peça foi retratada uma cena relativa à exploração infantil, porém os alunos (dos dois grupos) referem com frequência no questionário, a questão da “escravatura digital”, realizadas reflexões pertinentes e críticas acerca desta perspetiva de escravatura, retratada na última cena. Talvez por ter sido a última cena e por espelhar o quotidiano dos alunos, lhes tenha consciencializado de forma mais impactante, assim é possível verificar este impacte através de algumas das respostas, presentes no quadro abaixo<sup>22</sup>:

**Quadro VI** – *Exemplos de respostas dos alunos, remetentes ao conceito de “Escravatura digital” (questionário)*

**Escravatura digital (7º ano):**

“Por exemplo, o telemóvel, muita gente é dependente dele, no lugar de passar tempo com a família, ficam no telemóvel.”

“Hoje em dia existe escravatura digital, pois às vezes não nos apercebemos, mas já passamos várias horas ao telemóvel ou tablet.”

“Aprendi que temos de ficar mais longe do telemóvel, porque quando pensamos em mandar mais e mais mensagens perdemos tempo com a família.”

“Atualmente o ser humano “ama quem o escraviza” pois adora o digital.”

---

<sup>22</sup> Para aceder à totalidade das respostas, conferir o anexo 6.

“Aprendi que ainda existe escravatura, também que nós achávamos que tínhamos liberdade, mas usamos muito o telemóvel.”

“A tecnologia faz nos depender dela.”

“As redes sociais podem nos fazer mal e viciar.”

É possível afirmar que a atividade, na sua generalidade, cumpriu os objetivos delineados, pois numa sociedade em que reina uma certa apatia relativamente aos diversos temas acerca do passado e do presente, e onde cada vez mais existe um pensamento acrítico e uma desinformação maior - fruto muitas vezes da *mídia* e da facilidade a que os jovens obtém uma certa informação, seja ela verídica ou não - é necessário, cada vez mais, chegar aos discentes de forma lúdica e interessante, que permita o questionamento e a reflexão sobre os assuntos, a partir de informação pertinente e fiável. Pois, na maioria das vezes, fruto da imaturidade característica da idade, não selecionam informação nem distinguem o que é fiável do que o que não é. E é neste tipo de situações que se assume fulcral o papel do professor como guia, que condiciona de forma positiva a vida e o pensamento dos seus alunos, e que contribui para um futuro democrático e mais instruído.

### 5.1.2. Reflexão individual

A título conclusivo, relativamente à atividade 1, irei proceder a uma reflexão individual que permite analisar a atividade do ponto de vista do docente.

Como já mencionado acima, é de ressaltar a eficácia desta atividade e o sucesso no cumprimento dos objetivos associados à mesma. Para mim, enquanto futura professora de História, forneceu-me ferramentas imprescindíveis. Como é evidente, através do auxílio de um profissional ao nível do teatro, tornou a atividade mais eficaz e positiva, ao aliar a História e o Teatro. Havia aspetos a ter em conta que me eram desconhecidos inicialmente, tais como a forma de redigir a peça. É necessário ter em conta a captação do público para que suscite entusiasmo e interesse, e neste fator, o colega alertou-me para diálogos ou monólogos que escrevi que poderiam vir a ser mais “aborrecidos” para quem

nos assistia. Foi um processo contínuo de tentativa e erro até que se alcançasse a versão final da parte escrita que compunha cada cena.

O facto de estar a desenvolver este projeto com uma turma à qual eu não lecionava como professora titular, acabou por se constituir um desafio adicional. Frequentemente era necessário alertar para certos aspetos ao longo dos ensaios e os alunos acabavam por ter mais em consideração os alertas do professor da própria disciplina, o que se revela relativamente “normal”, dado o maior grau de confiança. Ainda assim, este fator proporcionou-me um desenvolvimento enquanto docente, pelo facto de que ao longo dos ensaios houve, cada vez mais, um esforço da minha parte para criar empatia com os alunos e conseguir maior respeito por parte dos mesmos, assumi-me enquanto docente, mesmo não sendo professora da turma, respeitando sempre o papel do docente titular.

Esta experiência acabou por ser bastante rica para todos os envolvidos, mas principalmente para os alunos que tiveram a oportunidade de participar de uma aprendizagem tão significativa e ativa como é uma peça de teatro. Certamente esta é daquelas atividades que ficará na memória dos alunos, e por isso, é algo que acaba por adquirir significado. É a prova de que é possível dinamizar a disciplina de História, não centrando apenas as aulas numa metodologia expositiva. Cada vez mais as gerações atuais e futuras precisarão de estímulos constantes e diversidade ao nível das metodologias e estratégias de ensino. Os alunos lidam diariamente com variados estímulos, e a verdade, é que o ensino deve acompanhar esta nova forma de viver. Na verdade, o ensino e a escola devem ser um reflexo do mundo real, como afirma Dewey (1916), para que os alunos estejam cada vez mais aptos a conviver numa sociedade democrática e que respeita o outro. As aulas expositivas são uma metodologia importante e precisa no decorrer do ano letivo, porém, é necessário diversificar a forma como a aula é lecionada, para que suscite um constante interesse pela disciplina. O professor deve assumir o papel de facilitador da criação de diferentes oportunidades de aprendizagem, adequando sempre, as metodologias e os recursos à turma e aos alunos que a compõem.

Relativamente aos discentes, foi possível desenvolver, através desta peça de teatro, diversos conceitos primordiais no âmbito deste relatório, tais como o conceito de escravatura da Época Moderna, o conceito de racismo, de discriminação, de liberdade, de exploração infantil e de “escravatura digital”. A consolidação destes conceitos, através de uma aprendizagem ativa, movimenta os discentes a refletir sobre os mesmos e a questionar diversos momentos da história, bem como os problemas da atualidade. Nos

ensaios, quando a aluna refere que conhece casos de crianças que são escravizadas nas lojas e nas grandes indústrias e identifica tal acontecimento, representado na peça de teatro, como uma injustiça, conduz-se a si e aos colegas a refletir sobre a desigualdade e sobre a injustiça existente no mundo, desenvolvendo-se, por isso, valores democráticos como a empatia, o respeito, a solidariedade e a liberdade. A partir dos quadros apresentados no ponto anterior, é possível destacar que os dois grupos de alunos (os que representaram e os que assistiram à peça de teatro), compreenderam os conceitos e desenvolveram competências ao nível cognitivo. Ainda compreenderam a pertinência do tema e desenvolveram uma consciência histórica acerca do passado, em que identificam as causas históricas de certos acontecimentos e fenómenos no presente, como é o exemplo do racismo.

Com toda a certeza, futuramente voltarei a repetir este tipo de estratégia, pois no meu entender, é algo que funciona com os discentes, permitindo uma aprendizagem de forma lúdica e dinâmica. No entanto, é necessário ressaltar certos ajustes que eu faria, caso a volte a repetir, fornecendo também algumas propostas a professores que desejem utilizar esta estratégia de ensino, ou até mesmo, esta atividade em específico.

Futuramente optarei por tornar o conteúdo da peça de teatro relativamente mais leve, isto se for direcionada a uma turma do sétimo ano, como foi o caso. Na minha perspectiva, depositar tal seriedade e aprofundamento a nível teórico, deu azo a que os alunos não compreendessem o seu impacto e a sua real importância, daí que seja possível verificar que não conseguiram reter qualquer aprendizagem (do que consta das respostas ao questionário), e por isso, isto acaba por dificultar a sensibilização relativamente à escravatura. As aulas preparatórias para a peça final levaram que, por vezes, os discentes ridicularizassem o tema, o que possivelmente também se deve à sua tenra idade. Da próxima vez que realizar uma atividade deste cariz, terei em conta a faixa etária neste sentido, e possivelmente, quanto menor for a idade dos discentes da turma, mais leveza estará aliada ao guião. Possivelmente, se o guião fosse escrito de forma que acompanhasse os conhecimentos e o nível cognitivo próprio de alunos do 7º ano, haveria uma maior consciencialização e aprendizagem por parte dos mesmos. No entanto, não é algo que eu consiga afirmar com firmeza, e sim propor-me a testar futuramente. Proponho, portanto, que este guião seja utilizado com alunos do Ensino Secundário, ou em certos casos, e se a turma assumir um perfil mais maturo, estender ao 9º ano. É imprescindível ter em conta o perfil da turma para escrever o guião da peça, e talvez por não ser uma turma atribuída,

e por não ter um conhecimento consolidado do seu perfil e de cada aluno que a compunha, tenha proporcionado a que o objetivo de consciencializar para esta questão ficasse parcialmente cumprido, e não na sua totalidade como expectava. É, por isso, algo a ter em conta no que respeita a futuros projetos.

## 5.2. Atividade 2 - O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes

Como nota introdutória, é necessário salientar que esta atividade intitulada: “O contributo da Guerra Civil Americana para a formação de cidadãos conscientes” é composta por vários momentos de aprendizagem. Atendendo a que o 8º ano, no que respeita aos próprios conteúdos programáticos, aprofunda o tema relativo às Descobertas Marítimas, e por sua vez o tema da escravatura, é certo que seria a turma e o ano letivo ideal para trabalhar o tema deste Relatório de Estágio. Apesar do 10º ano também aprofundar este tema, a verdade é que o 8º ano é mais propício a explorar estas questões desde o começo da escravatura da Época Moderna até à sua abolição, pelos períodos cronológicos abrangidos pelo programa.

Atendendo às aprendizagens essenciais, os alunos do 8º ano, relativamente ao tema da escravatura, devem: “reconhecer a submissão violenta de diversos povos e o tráfico de seres humanos como uma realidade da expansão; identificar/aplicar os conceitos: (...) tráfico de escravos; aculturação/encontro de culturas; missionação; globalização” (Ministério da Educação, 2018 p. 7). Neste sentido, logo de início, e após a leção deste conteúdo programático, a turma escreveu um texto<sup>23</sup>, em casa, intitulado “E se eu fosse um escravo do século XVI?”. Porém, não obteve o resultado pretendido, pois apenas uma pequena percentagem da turma escreveu o texto de acordo com a sua imaginação, desenvolvendo valores como a empatia pela condição do escravo, que era o meu principal objetivo. A maior parte dos discentes escreveu com base em ideias retiradas da internet. Posto isto, refleti sobre a forma como poderia chegar a estes alunos de forma mais eficaz e despertar-lhes para este tema de relevante importância. Na verdade, o conceito de Tráfico de Escravos a dada altura estava compreendido, dado que aquando da execução do primeiro teste de avaliação, todos os alunos, sem exceção,

---

<sup>23</sup> Anexo 2

responderam corretamente ao conceito, conceito este que foi abordado de forma expositiva por mim, aula após aula, através de vídeos, imagens e curiosidades interessantes para os alunos.

Propus-me a conhecer melhor a turma, antes de começar com as atividades mais lúdicas a cerca do tema, para que conseguisse identificar as suas necessidades e interesses. Tratava-se de uma turma bastante empenhada, que na sua generalidade tinha boas notas, porém, fui identificando alguns problemas ao nível social entre os alunos. Surgiam bastantes conflitos internos, crises de identidade, submissão de uns colegas perante outros, competição ao nível das notas, intolerância e falta de empatia entre colegas. Desta forma, refleti sobre o melhor mecanismo para aliar a História, a escravatura e a cidadania, para criar um momento dinâmico em sala de aula através da história, onde os auxiliasse no seu crescimento pessoal e social enquanto seres inclusivos e democráticos, pois as próprias aprendizagens essenciais (Ministério da Educação, 2018, pp. 3-4) despertam-nos para o facto de que o aluno deve:

Promover o respeito pela diferença, reconhecendo e valorizando a diversidade étnica, ideológica, cultural e sexual; valorizar a dignidade humana e os direitos humanos, promovendo a diversidade, as interações entre diferentes culturas, a justiça, a igualdade e equidade no cumprimento das leis.

Atendendo a este fator, desenvolvi a primeira atividade, planeada para o último dia de aulas do primeiro semestre, que se baseava na análise de uma linha cronológica do tempo, interativa e digital, desenvolvida por mim. Esta linha incidia no tema da Guerra Civil Americana e das suas consequências até aos dias de hoje, criando condições propícias ao desenvolvimento de uma consciência histórica, como sugere Pinto (2016). Este tópico não se encontra no programa de História do 8º ano, porém, é um tema interessante de dar a conhecer aos alunos pela sua dimensão histórica e cidadã. No meu entendimento, era o tema ideal para o perfil da turma. Através da divisão entre o Norte (aboliconista) e o Sul (esclavagista) dos Estados Unidos da América, é possível explicar os factos históricos associados a este acontecimento, explicar as causas e as consequências desta divisão, que perduram até à atualidade, centrando-se numa questão esclavagista e numa mentalidade predominantemente racista no que respeita ao passado histórico do Sul do país. Para além disto, é possível analisar o próprio país na atualidade relativamente a questões discriminatórias, como nos sugere Araújo et al. (2013), e despertar os alunos para valores como o respeito, a empatia, a tolerância e a interajuda.

Ou seja, através deste tema, era possível analisar a história, dando continuidade ao tema da escravatura, analisar o presente e a mentalidade norte-americana na questão do racismo estrutural, educando para a cidadania e para valores. Desta forma, conseguimos uma “compreensão clara das características (...) das complexidades da inter-relação entre causa, consequência e mudança nos factos históricos” (Prats, 2006, pp. 198 – 199).

Assim, para criar este recurso<sup>24</sup> utilizei a plataforma do *padlet*, uma plataforma bastante adequada para a construção de uma linha interativa cronológica. No que respeita à sua estrutura, primeiramente foram nomeadas as causas do conflito, os dirigentes de cada um dos exércitos e as fardas que os caracterizavam. De seguida, procedi à explicação do próprio conflito através de um mapa que localizava os principais focos de conflito durante a Guerra Civil e as principais batalhas, e por último relativamente a este tópico, são explicadas as consequências do conflito, tais como a 13<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup> emendas da Constituição dos Estados Unidos, apontando ainda algumas curiosidades, como é a morte do presidente Abraham Lincoln. Assim, procedi, de seguida, à forma como a discriminação persistiu na sociedade americana desde a Guerra Civil até à atualidade, apesar da abolição da escravatura e da vitória da União. São abordadas curiosidades relativas, por exemplo, às leis *Black Codes*<sup>25</sup>, às leis *Jim Crow*<sup>26</sup>, é nomeada a organização *Ku Klux Klan*<sup>27</sup> e a doutrina de 1896 “*Separate, but equal*”<sup>28</sup>. É explicado também, o papel de dois dos principais ativistas na luta pela igualdade de direitos, o de Martin Luther King, onde foi possível analisar o seu discurso “*I have a dream*” e o papel de Rosa Parks nesta luta.

Remontando à atualidade, isto é, à última década, está patente nesta linha do tempo, o papel de Barack Obama, enquanto presidente dos Estados Unidos nesta luta, alguns protestos e manifestações por esta causa, como é o caso do “*Black Lives Matter*”, uma música de Childish Gambino - “*This is America*”, que retrata o quotidiano norte-americano relativamente a esta questão do racismo, e são fornecidas também, sugestões

---

<sup>24</sup> [https://padlet.com/sofia00amaral/linha-do-tempo-interativa-ow1a525sgf2adzcc?fbclid=IwY2xjawG2cVRleHRuA2FlbQixMAABHYed66I9cHjP-99JRu1l-5hWGblVJjfgfUBWUkrzO1URAJ7foSNSRzDbzw\\_aem\\_c7NBDktyv3Wxqo2H-TbP9Q](https://padlet.com/sofia00amaral/linha-do-tempo-interativa-ow1a525sgf2adzcc?fbclid=IwY2xjawG2cVRleHRuA2FlbQixMAABHYed66I9cHjP-99JRu1l-5hWGblVJjfgfUBWUkrzO1URAJ7foSNSRzDbzw_aem_c7NBDktyv3Wxqo2H-TbP9Q)

<sup>25</sup> Leis que variam de Estado para Estado e que se destinam à regulação da população negra nas regiões do Sul dos Estados Unidos da América.

<sup>26</sup> Lançadas em 1955, estas leis exigiam a separação entre negros e brancos em locais públicos, como são exemplo os autocarros.

<sup>27</sup> Movimento dos Estados Unidos que defende correntes reacionistas e extremistas, tais como a supremacia branca, o nacionalismo branco e a anti-imigração.

<sup>28</sup> Doutrina jurídica da lei Constitucional dos Estados Unidos que justificava e permitia a segregação com base na etnia.

do visionamento de filmes e de documentários, para que os alunos mais interessados no tema consigam continuar a sua pesquisa. Assim, através deste recurso, utilizado de forma eficaz em sala de aula, onde os alunos participam na discussão dos temas e opinam criticamente sobre a atualidade, é possível dar o enfoque necessário ao tema, que segundo Araújo et al. (2013), carece nas escolas. Segundo as autoras, os manuais silenciam esta questão, e existe um conformismo no combate ao racismo, quer nas escolas quer na sociedade. Assumindo esta lógica de pensamento, cabe ao professor criar recursos dinâmicos que enfatizem esta questão em sala de aula, bem como criar momentos de aprendizagem que desenvolvam seres conscientes acerca do tema da discriminação passada e atual. De facto, a escola não só deve acompanhar a sociedade, como deve, quando possível, colmatar as falhas estruturais presentes na mesma, cultivando um futuro cada vez mais democrático.

Esta estratégia da análise de linhas do tempo interativas, onde são integrados elementos como vídeos, músicas, textos, fontes históricas, imagens e afins, revela ser bastante benéfica para os alunos. Primeiramente, permite uma visão clara e organizada dos factos históricos, bem como a forma como um acontecimento interfere com o outro, revelando-se por isso, um ótimo instrumento de estudo em casa. Pelo facto de os acontecimentos seguirem uma sequência lógica, é possível analisar com maior eficácia a progressão dos mesmos. A interatividade de que a linha do tempo dispõe, permite que os educandos consigam obter diversas funcionalidades e informações acerca dos acontecimentos a partir de vídeos, imagens e texto, o que possibilita uma aprendizagem cada vez mais envolvente em torno do discente que consegue, em casa ou na escola, explorar os conteúdos ao seu próprio ritmo de aprendizagem, através dos múltiplos estímulos presentes neste recurso. Para além disto, pelo facto de os acontecimentos históricos se seguirem em linha contínua e organizada, facilita o processo de memorização das informações pela organização visual, uma técnica bastante eficaz para muitos estudantes.

O recurso traz também o propósito da interdisciplinaridade, abordando áreas como a história, a política, a sociologia e a cidadania, o que acaba por enriquecer a aprendizagem do discente, promovendo uma visão mais integrada do conhecimento. Desta forma, dentro ou fora da sala de aula é possível desenvolver competências nos alunos, a partir deste recurso, tais como: o pensamento e espírito crítico, na medida em que após o visionamento de cada elemento que integra esta linha, é fomentado o

pensamento crítico sobre os factos históricos e sobre a atualidade, questionando-se as causas, as consequências e a inter-relação dos diferentes acontecimentos. Para além disto, fornece habilidade de pesquisa, pois este é um instrumento que, para além dos alunos poderem participar da sua execução, é um material que pode ser fornecido para estudo diário, o que faz com que se desenvolvam também competências digitais.

Relativamente à componente pedagógica, é importante que o aluno se depare com uma nova abordagem aos conteúdos e com a forma como a aprendizagem difere aquando da utilização de diferentes formatos e perspetivas, o que nos leva a refletir sobre o uso de estímulos visuais e auditivos como mais uma ferramenta de dopamina, que em oposição ao manual (mais isento dessa reação), aproxime os alunos da realidade a que estão habituados, pelo contato, por exemplo, com os telemóveis e com os estímulos proporcionados pelas redes sociais. Além disso, a aplicação de uma linha do tempo interativa a um tema ou capítulo da história possibilita a criação de uma “aprendizagem dinâmica” (Patten, et al., 2006), em que os alunos são convidados a explorar o seu potencial criativo e a refletirem criticamente.

Desta forma, e após a análise da linha do tempo em conjunto com os alunos em sala de aula, partimos para a próxima atividade que compõe, de certa forma, um alicerce a esta. Dado foi realizada na última aula do primeiro semestre e de seguida surgia a interrupção letiva do Natal, solicitei aos alunos que vissem o filme *Lincoln* (2012), dirigido por Steven Spielberg, durante a interrupção letiva, pois iríamos realizar um trabalho acerca do mesmo, complementando-o com ideias contidas na linha do tempo, bem como com a matéria lecionada.

A escolha deste filme deve-se à necessidade de consolidação e de aprimoramento relativamente ao tema da Guerra Civil Americana, dado que é um tema bastante complexo que não consta do manual de História do 8º ano, como também para experienciar uma nova metodologia de ensino com os alunos, que é o visionamento de um filme. Este filme revela variadas potencialidades ao nível da aprendizagem histórica, já que, apesar de ser romantizado, é baseado em factos reais. Foca-se no esforço de Abraham Lincoln para aprovar a 13ª Emenda, que seria parte integrante da Constituição dos Estados Unidos, e que aboliu a escravatura no país. Desta forma, oferece aos alunos uma visão detalhada sobre um momento crucial da história americana e da luta pelos direitos civis. De certa forma, também consegue despertar o pensamento crítico por abordar questões de liderança, de moralidade, de poder e de negociação e das dificuldades de implementação

de mudanças profundas ao nível social, tópicos que geram discussões individuais e coletivas, incentivando os alunos a refletir sobre questões étnicas e políticas. Por falar em questões políticas, tem a riqueza de fornecer informações aos educandos sobre o processo legislativo, sobre as manobras existentes na política (uma informação pertinente e atual), e as alianças e compromissos existentes para aprovar uma legislação que tem o poder de mudar o país. Isto leva o discente a refletir sobre a importância da participação política, um tópico de enorme pertinência de ser abordado nas escolas nos dias que correm. Por este conjunto de vantagens aqui nomeadas, considere que este filme, apesar da sua complexidade, era uma mais-valia na aprendizagem e na consolidação dos conhecimentos.

O filme não foi visionado em contexto de sala de aula pela reduzida carga horária atribuída à disciplina de História pela escola. Assim, dediquei uma aula completa à análise da linha do tempo, algo que, no meu entender, deveria ser realizado em sala de aula com os alunos, pela sua complexidade e por ser um conteúdo histórico completamente novo para estes discentes. Assim, os alunos conseguiriam assistir ao filme através de casa durante as duas semanas de férias, no dia e hora que lhes fosse oportuno. Para além disto, poderiam passar atrás caso não percebessem a sequência / encadeamento do próprio filme ou vê-lo novamente pois, forneci o *link* de uma plataforma para que tivessem acesso ao mesmo a quantidade de vezes que lhes fosse pertinente. A forma de certificação de que realmente visualizaram o filme, foi através da realização do trabalho final, que diz respeito à última atividade desta sequência, em que cada grupo ficou encarregue de trabalhar uma parte do filme e analisá-la historicamente. Não propus que os grupos analisassem o filme por inteiro, pois poderia ficar repetitivo na hora da apresentação dos trabalhos, porém, alertei para o facto de que todos os membros teriam de visualizar o filme completo, para que melhor compreendessem a parte que iriam analisar, pois nas apresentações, iriam ser colocadas questões sobre todas as partes do filme.

Este conjunto de atividades finalizaram o semestre, sendo que no dia 14 de dezembro analisámos a Guerra Civil e as suas consequências através da linha do tempo mencionada acima, nas férias os alunos visualizaram o filme proposto, no dia 4 de janeiro a aula ficou reservada ao esclarecimento de dúvidas acerca do filme. Nas aulas seguintes, houve espaço para um teste de avaliação final e para as apresentações dos trabalhos. Os trabalhos foram avaliados atendendo à pertinência do conteúdo, bem como pela qualidade da análise realizada no que respeita à parte do filme atribuída a cada grupo. Foi

igualmente avaliada a capacidade de relacionar os factos históricos apresentados no filme com o contexto em que ocorrem, explicando fenómenos como a Guerra Civil e a escravatura. Para além disto, foi considerada também, a forma como os alunos estabeleceram conexões entre o passado histórico e o presente. Adicionalmente, foram avaliadas competências como a colaboração entre os membros, observada durante a aula destinada à realização dos trabalhos, e a comunicação oral, avaliada de forma formativa, uma vez que a avaliação sumativa desta competência apenas ocorria no segundo semestre, de acordo com as diretrizes da escola.

Os meus comentários relativamente aos trabalhos realizados foram, portanto, neste sentido, de apontar o que estava completo e pertinente ao longo do trabalho, bem como da apresentação de cada qual, e o que se encontrava incompleto e que poderia ter sido realizado de forma diferente. Porém, dei principal enfoque a conselhos para o futuro e para próximas apresentações, por exemplo ao nível da apresentação dos *slides*, da quantidade de informação presente nos dispositivos, no tom de voz e forma de comunicar para um público, o que, para alunos do oitavo ano e para a exigência dos trabalhos, estava relativamente bem, atendendo ao facto de ser um trabalho inicial.

Em suma, é necessário ressaltar, como docente de História, a importância extrema e estruturante da análise de filmes dentro e fora da sala de aula. É fornecida aos alunos a hipótese de visualizarem os acontecimentos históricos, procurando atingir também o fator emocional, levando-o a viver dentro do próprio cenário histórico para que o mesmo reflita para si ou procure discutir com os colegas o que experienciou do filme. Os eventos acabam por se tornar mais tangíveis e compreensíveis por parte de uma criança ou jovem, tornando-se, por todas estas questões, algo mais cativante do que uma simples “aula-conferência” ou até mesmo do que a leitura de um livro acerca do tema em questão. Os filmes ajudam na reflexão crítica de cada discente relativamente ao facto histórico, podendo comparar com a sua própria realidade ou até mesmo identificar o que é real e o que é fictício. Isto ajuda-os a analisar as várias perspetivas na história e como as mesmas podem levar a diferentes interpretações. De facto, estudiosos ressaltam a importância desta estratégia como um método eficaz de ensino e de aprendizagem, como é exemplo Napolitano (2003), que desenvolve um trabalho sobre como usar o cinema na sala de aula. O autor pretende que os filmes possam ser incluídos nas componentes curriculares e nos programas, como projetos de trabalho escolar “tendo em vista melhorar os aspetos

didáticos relativamente à didática mais tradicional centrada no discurso do professor”. (Cachadinha, 2023, p.36)

### 5.2.1. Análise dos Resultados

Na sequência desta atividade foram aferidos os resultados através da observação direta, de anotações no diário de bordo dos trabalhos realizados pelos alunos e por meio de questionários<sup>29</sup> realizados aos discentes que foram alvo destas atividades, analisados à luz do quadro de categorias<sup>30</sup> por mim elaborado.

De facto, uma das minhas maiores preocupações ao longo da minha prática enquanto docente, é não só dar a conhecer formas interativas e imersivas de aprendizagem, como também fornecer experiências e momentos em que os alunos disfrutem e tenham gosto em participar. De facto, é importante que o professor reflita e analise as formas e estratégias a utilizar em sala de aula, para que se consiga melhor adaptá-las também aos gostos e interesses dos alunos. Ainda que não seja possível, muitas das vezes, agradar a todos os discentes que compõe a turma, a verdade é que proporcionar uma atividade que tenha um valor significativo para uma grande parte dos alunos, já faz com que esta grande parte se sinta mais motivada para a próxima atividade, bem como para a disciplina. Prova-se assim, que é possível aprender história de uma forma lúdica, interessante e significativa, ao invés de optarmos por metodologias apenas expositivas. Desta forma, foi possível, através dos questionários e de anotações realizadas por mim, perceber qual o método de ensino que os alunos gostaram mais de aprender, acerca do tema.

À questão realizada no questionário: “gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme?” - todos os alunos da turma responderam que “sim”<sup>31</sup>, sem exceção. No entanto, consegui aferir, ao longo do questionário, qual das três estratégias foi ao encontro dos seus gostos e interesses dos alunos e qual a que proporcionou uma aprendizagem mais eficaz, como é apresentado no quadro abaixo.

---

<sup>29</sup> Cf. Anexo 18

<sup>30</sup> Cf. Anexos 1 a 8

<sup>31</sup> Cf. Anexo 18

**Quadro VII** – Número de respostas relativamente às estratégias de ensino no estudo da Escravatura e da Guerra Civil Americana (questionário)

Estratégias de ensino:	Vídeos	Linha do tempo interativa	Filme
Estratégia que mais gostei	3	7	9
Estratégia com que mais aprendi	1	8	4

É possível aferir que nem todos os alunos gostaram mais do método/estratégia de ensino, com a qual mais aprenderam, o que meu ver, é bastante positivo, pois conseguem fazer uma distinção - como é o exemplo de um aluno que responde da seguinte forma: “gostei mais do filme, porque conseguimos aprender de uma forma divertida, mas consegui estudar e aprender mais pela linha do tempo interativa”. O facto de realizarem esta distinção entre o método que mais gostaram e o que se revelou mais eficaz ao nível da aprendizagem, mostra o real impacto deste conjunto de atividades aliadas à tecnologia. Pois, permitem aos alunos senti-las de forma diferente e retirar diferentes aprendizagens.

Desta forma, é possível realçar que a maioria dos alunos preferiu o visionamento do filme *Lincoln*, como estratégia de aprendizagem, apresentando justificações tais como: “dos três métodos, o que gostei mais foi do filme, e foi com este que mais aprendi, uma vez que através dos filmes é possível, muitas vezes, vermos como foram as coisas no passado, sem apenas lermos, mas visualizarmos também”; “eu gostei mais do filme, chamou-me mais a atenção, apesar de ser mais difícil de o compreender”; “o que gostei mais foi o visionamento do filme, pois tinha um trabalho envolvido a este, então tínhamos de prestar mais atenção, assim aprendendo mais.”<sup>32</sup> São diversas as respostas e opiniões relativamente ao visionamento do filme, porém, através desta pequena amostra de respostas é possível concluir que o filme, realmente teve um impacto significativo na turma e proporcionou uma aprendizagem eloquente, dado que foi o mais votado dos três métodos de ensino. Captou a atenção dos alunos, ora por gosto pessoal de cada qual, ora porque havia um trabalho envolvido nesta atividade, como salienta o último discente. É

<sup>32</sup> Para ter acesso à totalidade das respostas, conferir o anexo 18

importante ressaltar este aspeto, pois, como diz o próprio aluno, este fator fez com que se sentissem na obrigação de estar atentos aos factos históricos, o que me leva a concluir, que se não houvesse uma tarefa associada ao filme, provavelmente seria menos impactante e teria um resultado menos eficiente. Daí que seja importante que o aluno perceba que estará sempre a ser avaliado, ora por um trabalho, ora por um comentário escrito ou oral, por exemplo.

É necessária esta finalização quando se trata de atividades deste cariz, como é o exemplo dos filmes, das visitas de estudo, ou da análise de textos e imagens. Para além de consolidar o que o aluno aprendeu no passado, ajuda-o a compreender os acontecimentos históricos, as causas e consequências, e fá-lo ter mais atenção ao recurso didático. O que ocorre frequentemente na ausência de um momento de avaliação, é que a maioria dos discentes que não demonstra um interesse pela disciplina, tende a encarar este tipo de atividades como uma oportunidade para se desviar da atenção e fazer uma “pausa”. Assim, não aproveitam a atividade conforme as expectativas do professor, tornando-se, por isso, um aspeto a considerar pela classe docente.

A linha do tempo interativa também foi ao encontro das expectativas, pois considero que este era o recurso que melhor aprendizagem poderia fornecer aos alunos. Pelo facto de ter sido apresentada em sala de aula, fez com que houvesse a oportunidade de explicar as vezes que fossem necessárias e dar a conhecer à turma os factos históricos, o que não era possível com o visionamento do filme, por não ser uma atividade de aula. Assim, isto refletiu-se nas respostas ao questionário, pois para além da linha ser o segundo método mais votado, relativamente ao gosto e interesse dos alunos, foi o método que ressaltou ser mais eficaz ao nível da aprendizagem.

Os alunos justificam esta tomada de posição com as seguintes afirmações de que são exemplo: “eu gostei mais da linha interativa, pois na minha perspetiva, aprende-se melhor os conteúdos”; “eu gostei e aprendi mais com a linha do tempo, porque explica com algum detalhe, a informação”; “gostei mais da linha do tempo, porque nos permitia ter uma noção temporal dos acontecimentos e a sua ordem cronológica”. As restantes respostas, vão ao encontro, na sua maioria, destas explicações<sup>33</sup>. É interessante ver, que ao contrário do que aconteceu com o filme, esta atividade não tinha um trabalho final para que os alunos demonstrassem o seu conhecimento. Na verdade, sugeri que dispusessem

---

<sup>33</sup> Cf. Anexo 18

da linha do tempo aquando da execução do trabalho sobre o filme, para que integrassem o contexto dos acontecimentos retratados no filme. Por isso, de certa forma, havia um meio de consolidação, porém, não de forma tão explícita. Para além de ser o método que os alunos consideram que mais aprenderam, devo dizer que partilho inteiramente desta opinião. Pela imersividade detetada ao longo da aula, pelos variados estímulos visuais e auditivos, por aliar a tecnologia à aula dita “tradicional” expositiva e por estimular os alunos à consciência crítica reflexiva acerca da escravatura e do seu impacto atual. Esta ponte, que é algo que o filme só por si não nos apresenta, funcionou de forma bastante positiva com a turma. Pois, quando se compreende o passado histórico e a sua influência na conduta, na vida e na sociedade do presente, é entendida a real função da história, o que se revela enriquecedor para os discentes e para os professores. Faz com que os alunos se interessem pelos conteúdos de forma mais imersiva, tornando-se desta forma, uma aprendizagem que educa historicamente por auxiliar a “formular questões investigativas e hipóteses explicativas acerca do passado” (Barca, et al., 2015, p.69). O ensino torna-se cativante, segundo Dewey (1916), quando abordamos questões próximas à vida e ao quotidiano do discente. Com isto, não alego que se favoreça o presente ao passado quando estamos perante a disciplina de História, pelo contrário, penso que seria um atentado à própria disciplina e à educação/formação destes alunos. Os factos históricos devem compor o recurso didático ou exposição na sua generalidade, e sempre que possível, numa pequena parcela, seria interessante aproximarmo-nos da realidade dos alunos, para que os incentive e forneça informação válida e fiável acerca do mundo atual.

É necessário salientar que o filme também foi uma ótima estratégia de aprendizagem, e é possível aferir isto mesmo aquando das apresentações e entrega dos trabalhos. Apesar de os alunos terem notado uma certa dificuldade na interpretação do filme, que ora por ajuda dos próprios familiares, ora pela minha ajuda, acabou por ser um obstáculo ultrapassado, a verdade é que realizaram uma ótima análise do filme detalhando os acontecimentos e explicando as causas dos mesmos aos colegas. A certa altura, parecia uma conversa de recreio entre os alunos, que não é de toda a forma mais digna de se realizar uma apresentação, mas que mostrou o quão resultante foi esta aprendizagem.

No questionário, deparamo-nos com a estratégia dos “vídeos”, que optei por colocar como opção, ainda que não sejam vídeos relacionados com a Guerra Civil, mas sim com a escravatura. Trata-se de uma estratégia que utilizei em sala de aula para sensibilizar os alunos relativamente ao tema, na altura em que lecionava a temática dos

descobrimientos. Notei em aula que obtive um certo impacto, e como tal, coloquei como opção no questionário. Considero relativamente normal o número de respostas relativamente a esta estratégia, como é possível conferir no quadro VII, pois foi a menos elucidativa das três, tornando-se, por isso, a menos significativa.

Como é sabido, o tema da escravatura, ao longo deste processo, nunca foi visto como um só, o propósito é aliá-lo, sempre que possível, à cidadania e ao fomento de uma consciência crítica e reflexiva por parte dos alunos, quer aos factos históricos, quer aos atuais. Desta forma, ao longo do questionário realizado à turma, aferi a forma como estes recursos os consciencializaram ou não para o tema da escravatura, da liberdade, da discriminação e racismo, bem como direitos humanos. Quer o filme, quer a linha do tempo interativa tinham o propósito de fomentar o espírito crítico, que vem a ser motor de um crescimento individual ao nível cognitivo, tornando esta atividade e a escola “indissociável da vida” (Organização das Nações Unidas, 2021, p. 113).

**Quadro VIII** - *Número de respostas dos alunos em relação à existência de liberdade na atualidade (questionário)*

<b>Liberdade:</b>	<b>Nº de respostas:</b>
<b>Existe</b>	7
<b>Não existe</b>	4
<b>Existe em parte</b>	9

**Quadro IX** - *Número de respostas dos alunos em relação à conceção de liberdade (questionário)*

<b>Conceção de liberdade</b>	<b>Nº de respostas:</b>
<b>Capacidade de escolha</b>	4

<b>Libertinagem</b>	4
<b>Elemento constitutivo da pessoa humana</b>	3
<b>Ter direitos Humanos</b>	11

O conceito de liberdade, para além de ser um conceito complexo e sujeito a interpretações e perspetivas, é relativamente difícil de definir, até para indivíduos de idades mais avançadas. Ainda assim, desafiei os alunos a dar o seu parecer relativamente a esta questão. Ao longo das aulas, bem como destas atividades, este conceito foi desenvolvido através da análise da sua evolução ao longo dos períodos da história. O objetivo foi dar a conhecer o caminho longo percorrido, neste caso pelo escravo, até à conceção do que hoje conhecemos como liberdade, um direito inviolável, patente na Declaração dos Direitos Humanos, que defende a individualidade de cada qual, e a capacidade de agir por si mesmo.

É possível verificar que grande parte da turma alega que existe liberdade na atualidade, ainda que esta não se verifique em todas as situações do dia a dia. Estes alunos apresentam justificações para esta tomada de posição tais como: “considero que hoje vivemos numa sociedade livre porque vivemos numa democracia com direitos e regalias”; “Sim, a maioria das pessoas podem expressar-se sem serem prejudicadas por isso”; “sim, mas não a 100%, pois cada vez mais temos uma sociedade dependente de certas coisas, o que faz com que não sejamos totalmente livres.”<sup>34</sup> De facto, a análise da linha do tempo interativa, que abrange o passado relativo ao tema da escravatura e as questões da discriminação atual nos Estados Unidos, permite perceber que as raízes históricas da opressão ainda persistem de certa forma na atualidade. Isto pode ter levado a que nove alunos tenham respondido “existe em parte” – pois reconhecem que, embora formalmente a escravatura tenha sido abolida por lei e os direitos humanos sejam garantidos, as barreiras sociais e as desigualdades existentes limitam a liberdade plena. Para além disto, foram discutidas em aula, com a turma, as questões da escravatura atual,

---

<sup>34</sup> Cf. Anexo 2

sejam elas a exploração infantil nos diferentes continentes, o tráfico humano, ou até a “escravatura digital”<sup>35</sup>, o que pode ter motivado também os alunos a este tipo de resposta.

Analisando as respostas ao questionário, também existe uma parte da turma que considera existir liberdade na sua plenitude. De facto, estes alunos conheceram, de forma aprofundada através das aulas, o que é a falta da mesma, através de um passado intolerante, que não respeita a diferença e que escravizava seres humanos inocentes e inofensivos. Desta forma, ganharam uma certa consciência do que é não ser livre, valorizando as conquistas da humanidade ao nível dos direitos humanos, que gozamos enquanto seres do século XXI. Para além disto, dado o conhecimento geral bastante amplo que caracteriza a turma, alguns dos seus elementos têm presente o facto de que estas liberdades e direitos individuais não se aplicam em todas as partes do mundo, daí que valorizem a liberdade existente na sociedade em que vivem, como é o exemplo do aluno que redige a seguinte resposta: “Mais ou menos, sendo que ainda existem países que sofrem opressão, não dando o direito à liberdade, como por exemplo a Coreia do Norte.”. O próprio filme *Lincoln* destaca um momento crucial em que a luta pela abolição da escravatura foi essencial para redefinir o conceito de liberdade no país e alterar a Constituição. Assim, consciencializa para a questão de que a liberdade é um direito conquistado por meio de diversos sacrifícios e lutas humanas.

Parte dos alunos assume que ter liberdade é gozar de um direito humano estipulado por lei, ou então que é a possibilidade de viver numa sociedade que nos permite ter acesso a este direito, o que por sua vez, faz total sentido com os conteúdos abordados em aula. Quando foi analisada a condição do escravo da Época Moderna, é certo que estamos perante um ser sem quaisquer direitos e liberdades, um ser dependente, desigual perante a lei, sem condições de trabalho e de higiene, sem direito à família, e sem garantias.

Para além disto, podemos aferir que muitas das respostas fornecidas pelos alunos alegam que ser livre é: “não estar preso a nada”; ou “não ser dependente de algo”; ou “não ser obrigado a nada”. A verdade é que estas respostas podem remeter à questão da libertinagem, pois as obrigações e deveres são parte da vida do ser humano, para que haja um convívio democrático em sociedade. Porém, esta forma de conceber a liberdade, pode refletir o quão presente têm a figura do escravo, como alguém obrigado a realizar tarefas,

---

<sup>35</sup> Cf. Anexo 7

preso à sua condição e dependente da pessoa que o detinha em sua posse. No entanto, a turma, na sua maioria, reconhece a liberdade como um ato de respeito pelo outro, daí que seja uma minoria a considerar o conceito como um ato de libertinagem.

Existem elementos a considerar liberdade como um elemento constitutivo da identidade pessoal. Contudo, é compreensível que a maioria não associe a liberdade como uma parte intrínseca do ser humano. Indivíduos de 13/14 anos, em fase de adolescência, recorrentemente não assumem perante os colegas determinados gostos ou formas de ser. Encontrando-se num processo contínuo de autodescoberta característica da idade, muitos sentem receio da desaprovação alheia em relação àquilo que realmente são ou pretendem ser. Este fator reflete-se, naturalmente, nas suas respostas, assim como na forma de agir. Esta turma, em particular, destacava-se pela sua diversidade em termos de gostos, *status* dentro e fora da escola, diferentes orientações sexuais e mentalidades distintas, o que ocasionalmente resultava em episódios de *bullying*, que eram detetados e resolvidos prontamente pelo Conselho de Turma, destacando-se o papel ativo da Diretora de Turma. O tema da liberdade revelou-se propício para esse tipo de reflexão por parte dos alunos, permitindo-lhes expressar a sua conceção de liberdade com base nas suas experiências e crenças pessoais. Este contexto originou um trabalho mais profundo da minha parte com a turma, numa tentativa de fomentar o respeito mútuo entre colegas, um processo desenvolvido no decorrer do ano letivo.

A conceção de escravatura foi trabalhada ao longo do primeiro semestre, pelas Descobertas Marítimas e pelo tráfico humano a que estão associadas, pela Guerra Civil dos Estados Unidos da América e pela sua abolição. Ou seja, esta turma deverá ter uma noção sólida do conceito. Porém, relativamente à sua existência ou não na atualidade, sob diversas formas e perspetivas, aqui já teremos visões distintas.

**Quadro X** – *Número de respostas relativamente à conceção de Escravatura (questionário)*

Conceção de Escravatura:	Nº de respostas no questionário:	Nº de respostas nos textos iniciais
Subjugação do ser humano	7	13

<b>Violação dos Direitos Humanos</b>	<b>3</b>	<b>0</b>
<b>Inferiorização étnica do ser humano</b>	<b>6</b>	<b>0</b>
<b>Ausência de autonomia moral</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Como já mencionado, os alunos inicialmente realizaram um texto cujo título era, “E se eu fosse um escravo do século XVI?”. De facto, é possível aferir, através do quadro X, que os alunos consideraram o escravo como alguém subjugado pela sua condição. No entanto, após a realização das atividades, a maior parte da turma considera que ser escravo na época dos descobrimentos é subjugar o ser humano pelas suas características físicas e étnicas. O que por sua vez, faz com que o escravo não seja um ser livre nem seja dotado de direitos humanos. Ou seja, no fundo, passam a reconhecer no escravo um ser inferior devido às suas características físicas e um ser desprovido de direitos, algo que não era reconhecido inicialmente, detetando-se por isso, uma evolução.

Ainda assim, através das respostas dos alunos<sup>36</sup>, é possível observar que nenhum considera o escravo como um ser desprovido de autonomia moral, uma percepção que reflete, em certa medida, um pensamento característico do estágio de desenvolvimento moral em que se encontram. Na linha de reflexão da teoria de Kohlberg (2002), o indivíduo que vê o escravo meramente como alguém que está subjugado, o foco está no papel social que é imposto à figura do escravo: alguém que é forçado a obedecer sem liberdade ou poder de escolha. Esta perspetiva reflete uma visão do mundo onde o indivíduo é reconhecido pela posição que ocupa na sociedade e não em termos da dignidade enquanto pessoa e autonomia moral. O aluno reconhece a subjugação física e social do escravo, mas ainda não atingiu o ponto de reflexão moral em que compreende que a escravatura não só priva alguém da liberdade física, mas também da capacidade de tomar decisões autónomas e conscientes. O estágio 4 definido por Kohlberg (2002) reflete esta tendência, de reconhecer a pessoa pela sua função social e de depositar mais importância na manutenção de uma estrutura de autoridade, sem questionar as injustiças inerentes a este sistema.

---

<sup>36</sup> Cf. Anexo 2

Esta é a turma que mais relaciona, no questionário, a figura do escravo à sua condição étnica, das três turmas que realizei as atividades de estágio. É um facto facilmente explicável, dado que os conteúdos programáticos do 7º e do 10º ano integram a Antiguidade Clássica, ou seja, estes alunos têm presente uma outra conceção de ver o escravo e não apenas o escravo da Época Moderna, predominantemente caracterizado pela população provinda do continente africano. Para além deste fator, a linha do tempo interativa proporcionou uma visão relativamente ampla e significativa das questões relativas ao racismo e da condição do negro, desde o seu passado histórico à atualidade, servindo a disciplina de História como “instrumento para ajudar a valorizar o outro” (Prats, 2011, p. 15). Desta forma, esta ligação à etnia que tanto nos apresentam os alunos do 8º ano, comparativamente aos restantes, é um tanto válida tendo em conta as abordagens em sala de aula. Alguns alunos referem que foi a partir do filme que aprenderam factos históricos<sup>37</sup>, relacionados com esta questão, como é o exemplo do seguinte comentário: “não tinha ideia de que soldados de diferentes cores recebiam salários diferentes.”

Desta forma, e com os conceitos primordiais a ter em conta, partimos para a questão da discriminação, uma questão novamente bastante complexa. Ainda assim, a partir da linha do tempo analisada em sala de aula, e dos trabalhos realizados pelos alunos, a generalidade da turma reconhece a existência de uma relação existente entre a condição do escravo na Época Moderna e a discriminação e racismo, ainda hoje existentes na sociedade. Apenas um aluno considerou que não existia relação entre ambos.<sup>38</sup> É notória a ligação que os alunos assumem entre o passado histórico e o presente, e por isso, mostram-se conscientes quando reconhecem e identificam que situações do passado provocam consequências no futuro, ou seja, na atualidade. Esta é uma aprendizagem importante, no âmbito da história e da cidadania, pois reconhecem as problemáticas associadas ao seu dia a dia e compreendem o facto de que as suas próprias ações um dia irão condicionar a vida das gerações futuras. Compreendem também que a história das mentalidades é algo que permanece geração sob geração e que a mudança só surge após décadas, ou até mesmo séculos, de luta constante. Através deste tipo de atividade, que coloca o aluno a refletir, criamos uma sociedade que se pretende ser inclusiva, tolerante, reflexiva e empática, indo ao encontro da vida em democracia através de uma educação

---

<sup>37</sup> Cf. Anexos 5 e 8

<sup>38</sup> Cf. Anexo 3

democrática. Pois, leva os alunos a “criarem formas de orientação pessoal no tempo, em abordagens mais ou menos elaboradas historicamente” (Barca & Alves, 2016, p. 23). Desta forma, e como mostra o quadro XI, foi possível através da sensibilização em relação ao tema da discriminação, desenvolver competências e valores democráticos, que refletem sobre o passado e problematizam as questões atuais.

**Quadro XI – Exemplos de respostas que evidenciam o desenvolvimento de competências e da consciência crítica acerca da discriminação (questionário)**

Competências:	Respostas:
<b>Reflexivas</b>	<p>“Atualmente ainda se observa muita discriminação infelizmente e poderá ser devido à Época Moderna.”</p> <p>“Ainda existe discriminação, seja com pessoas de orientações sexuais diferentes, com pessoas de cor de pele diferente, ou com pessoas de outros países.”</p>
<b>Respeito</b>	<p>“As pessoas hoje em dia não respeitam os outros e dizem o que pensam sem pensar se irá magoar alguém.”</p>

Através da linha do tempo interativa e do visionamento do filme, verificou-se possível dar a conhecer aos alunos um tópico da História que não é referido nas aprendizagens essenciais e no programa da disciplina, a Guerra Civil dos Estados Unidos. Arrisco-me a dizer que é perceptível a escolha da abordagem de outros momentos e acontecimentos históricos, em detrimento deste, por não ser um facto que tenha um impacto direto na história de Portugal, ou até mesmo na história europeia. Porém, perante o tema deste Relatório de Estágio, pela necessidade de desenvolver este tema com os alunos, considerei algo pertinente e necessário de se abordar em sala de aula com esta turma. Desta forma, e como é verificável, a própria Guerra Civil resultou como sendo uma das maiores aprendizagens deste conjunto de atividades<sup>39</sup>.

As leis *Jim Crow*<sup>40</sup> também são outro facto histórico, associado à história dos Estados Unidos, relacionadas com o tópico da discriminação e do racismo presentes no

<sup>39</sup> Cf. Anexo 7

<sup>40</sup> Cf. Anexo 6

recurso da linha do tempo interativa. Foram pouco mencionadas como novas aprendizagens pelos discentes, porém, trata-se de uma legislação, o que acaba por não ter o mesmo impacto do que, por exemplo, a própria Guerra Civil e a figura de Lincoln, tão mencionadas ao longo do questionário<sup>41</sup>: “Não sabia que Lincoln tinha sido tão importante para a História dos Estados Unidos da América e também aprendi muitas coisas sobre a discriminação”- este é um exemplo que mostra a eficácia da atividade e o desenvolvimento destes alunos enquanto seres informados, que se encontram num “processo de construção de significado do passado”. (Barca et al., 2016, p. 23) Pois, só a atribuição de significado permite a apropriação do conhecimento.

Por fim, outra aprendizagem também frequentemente referida pelos alunos foi a “escravatura digital”<sup>42</sup> como já mencionado. Ora, é curioso, pelo simples facto de que este tópico não foi abordado através da linha temporal ou através do filme, mas sim por mim, através de uma conversa com os alunos após a leção da escravatura. Propus-lhes refletir sobre as formas de escravatura existentes na atualidade e naturalmente, os alunos abordaram questões relacionadas ao tráfico humano/infantil, exploração laboral e à condição da mulher, apresentando ainda exemplos de países em que se assiste a um maior atentado aos direitos humanos na atualidade. Daí que me surja a seguinte questão em sala de aula: “E vocês, será que são escravos de algo ou de alguém? Sentem-se dependentes de algo?” Ao que os alunos me respondem com questões ligadas à sociedade, como por exemplo, ao facto de se vincularem a uma forma de vestir, a um modo de ser, de estar e de agir em sociedade, pré-concebido, respostas igualmente válidas e dignas. Porém, respostas que revelam, segundo os estágios definidos por Kohlberg (2002), que estes alunos possivelmente estariam num nível de desenvolvimento moral que consta do estágio 3. Neste estágio, são valorizadas as expectativas e opiniões de figuras sociais significativas — amigos, familiares ou a comunidade em geral — como guia para as suas decisões morais. O foco central é a busca pela aceitação e aprovação do outro. Os alunos relacionam a moralidade com a manutenção das boas relações e com a conformidade com o que é considerado socialmente desejável.

Neste sentido, e para desenvolver os discentes moralmente, entrei com a questão da tecnologia, onde consegui um diálogo aberto com os alunos, e uma discussão entre os seus membros pela forma como a tecnologia condiciona, molda e influencia o nosso dia

---

<sup>41</sup> Cf. Anexo 8

<sup>42</sup> Cf. Anexo 6

a dia. A verdade é que uma simples conversa despertou os alunos para esta questão de tal forma, que foi mencionada diversas vezes de forma significativa no questionário<sup>43</sup>. Um aluno que reconhece que há uma dependência em relação às tecnologias demonstra um nível de pensamento crítico sobre a sociedade e as influências externas no comportamento humano. Isso propõe que já esteja a transitar entre os estágios 4 e 5. Desta forma, foi possível criar condições favoráveis ao desenvolvimento moral dos alunos neste aspeto, auxiliando-os na análise crítica da questão da escravatura sob variadas perspetivas, na tentativa de permitir o desenvolvimento de uma autonomia moral através da consciencialização.

Realmente, notei nesta turma, alguma dependência face à tecnologia, que acabei por tentar colmatar ao longo do ano. Nem sempre foi fácil, dado que o próprio manual da disciplina era digital. Os alunos distraíam-se bastante com o facto de terem na sua posse um computador, dando azo a que o utilizassem para outras funcionalidades que não a de consultar o manual. Coloca-se a questão, será que os problemas sociais que caracterizam a turma podem estar relacionados com a sua dependência face ao digital e às redes sociais? A verdade, é que na maioria das vezes os jovens não fazem ideia do quanto a internet os manipula, molda e influencia nestas idades. E espero, como docente, ter contribuído neste sentido, desenvolvendo competências propícias a que se tornem seres não só mais informados, mas também respeitosos, tolerantes e inclusivos.

### 5.2.2. Reflexão Individual

Primeiramente, é necessário realçar o facto de que apesar desta atividade não ter tido a dimensão da atividade 1, por não abranger a comunidade escolar como a primeira, surtiu tão ou mais efeito. Foi uma atividade realizada apenas no espaço de sala de aula, e para os alunos que compunham a turma, e isto fez com que se conseguisse atender de forma mais eficaz às necessidades e interesses de cada qual, dispondo do meu tempo para dúvidas e interesses dos discentes neste sentido.

Na minha perspetiva, entre o conjunto de atividades realizadas, a que teve maior impacto foi a linha do tempo interativa. Acredito que isto se deva à forma como foi

---

<sup>43</sup> Cf. Anexos 6 e 18

elaborada e apresentada aos alunos. Este recurso, para além de oferecer diversos estímulos visuais e auditivos, incluía uma música adequada ao tema, que despertou um interesse adicional nos alunos, ao ponto de a cantarem durante o intervalo. Este momento de aprendizagem memorável permitiu que associassem a música ao conhecimento contido na linha do tempo. Além disso, por incluir um *QR Code*, que proporcionava o acesso a um mapa interativo, por incluir vídeos, sugestões de filmes e referências a figuras conhecidas pelos alunos, como são exemplo, Barack Obama e Donald Trump, contribuiu para a imersão dos discentes na atividade. Essa interatividade motivou-os a pedir a palavra para partilhar experiências pessoais relacionadas ao tema. Ganharam empatia pela história e um sentimento crescente de luta pelo combate à discriminação atual, cumprindo-se um dos maiores objetivos desta atividade. Em nota de diário registei o momento em que um aluno pedia palavra para afirmar que certos canais americanos forneciam mais tempo de antena nas notícias quando a vítima era alguém de pele clara, do que quando se tratava de alguém de pele negra, comentário de grande pertinência que informa os restantes colegas de como a *mídia* também molda o pensamento do americano neste sentido.

Para além disto, revela ser uma análise, um tanto desenvolvida ao nível moral, que auxilia também os colegas neste aspeto, pois esta observação revela uma compreensão crítica da injustiça social, o que pode ser relacionado ao Estágio 5 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg (2002). Neste estágio, o indivíduo reconhece que as normas podem e devem ser questionadas se entrarem em conflito com princípios mais amplos de justiça e direitos humanos. Este aluno demonstra uma preocupação com a equidade e com os direitos da população negra. Desta forma, questiona o chamado "contrato social" implícito nos meios de comunicação — ou seja, as normas aceites sobre como diferentes grupos são retratados. Quando os alunos questionam a diferença no tempo de antena com base na etnia, afirmam que as vítimas negras merecem o mesmo nível de atenção e empatia que as vítimas brancas, algo que reflete uma preocupação com os direitos universais e com o tratamento justo de todos os indivíduos, independentemente da etnia. Este é, de facto, um contributo desta atividade para a criação de seres empáticos que valorizam o bem-estar do outro.

A linha do tempo surgiu com o intuito de materializar o desenrolar da história (de forma fácil, intuitiva e interativa) e “tornar possível com pouco cliques ficar dentro de factos importantes (...)” (Tavares, et al., 2019, p.2), de forma que os alunos possam

visualizar e concetualizar a cronologia dos acontecimentos históricos, mas com o apoio de recursos complementares a este, tais como vídeos, imagens, textos, jogos e outros mais. A associação destes recursos complementares à linha do tempo, permite o aprofundamento dos assuntos tratados e/ou que o professor inicie as aulas, por exemplo, com um vídeo ou com a leitura de um texto, permitindo ao aluno uma navegação pelos factos mais concreta. Isto, para que os jovens consigam estabelecer uma relação temporal entre os acontecimentos e que entendam o contexto em que ocorrem. Assim, é facilitado o acesso a um raciocínio causal, isto é, que desenvolve a habilidade de entender que certos acontecimentos influenciam os outros, de tal forma que muitos deles moldam o funcionamento dos dias de hoje e que a história envolve uma compreensão mais ampla de factos e conceitos e um processo que abrange mudanças temporais do mundo humano que vão além de uma sequência de acontecimentos.

O filme também resultou de forma positiva ao nível do conhecimento científico dos alunos e do desenvolvimento de competências reflexivas. Para além disto, revelou igualmente impacto no que diz respeito à oralidade e ao saber estar em público, com as apresentações referentes a ele. Todavia, penso que se voltasse a realizar esta atividade optaria por um filme diferente. Atendendo que o nível cognitivo da turma é bastante positivo na sua generalidade, os alunos demonstraram alguma dificuldade na compreensão de certas cenas do filme, onde solicitaram a ajuda dos pais, ou a minha posteriormente. E, de facto, reconheço que a compreensão do filme não seja, de todo, fácil, para alunos do 8º ano. Desta forma, proponho a professores que optem por esta atividade, de aplicarem este filme, apenas com alunos do ensino secundário por exemplo, ou que procedam à escolha de outro filme, mais adequado à compreensão dos alunos. Também existe a possibilidade de optar pelo mesmo filme, porém visualizá-lo em sala de aula, para que o professor consiga mediar e explicar aos alunos eventuais dificuldades associadas à sua compreensão.

De facto, ambas as atividades converteram-se em ambientes de aprendizagem significativos, permitindo a construção do conhecimento aliando a componente científica à competente socio-afetiva e cidadã. Os alunos adquirem competências democráticas permitindo um crescimento moral e pessoal ao nível reflexivo, empático e respeitoso. Desta forma, esta é mais uma das atividades de estágio que vai ao encontro dos objetivos delineados para a educação para a cidadania e para valores, criando seres críticos, ativos em sociedade e conscientes.

### 5.3. Atividade 3 - Debater a escravatura e o seu impacto na atualidade

Após a estreia da peça de teatro em janeiro, com a turma do sétimo ano, a qual a coordenadora de cidadania da escola assistiu e parabenizou, surge o desafio, proposto pela mesma, de realizar um debate, com as turmas do 10º ano no auditório da escola, sobre o tema da representação teatral. A ideia era utilizar a parte digital que contemplava e contextualizava a peça de teatro, realizada pela minha colega de estágio, como introdução e contextualização ao debate. Desta forma, os alunos eram devidamente informados relativamente ao tema da escravatura antes de iniciarem o debate propriamente dito. De facto, este constitui um excelente exemplo de estratégia de aprendizagem a ser utilizada, aplicável de diferentes formas, que realça o papel do professor como guia, havendo uma substituição do ensino tradicionalmente discursivo por uma estratégia educativa que visa a construção do conhecimento pelo aluno. Assume, portanto, uma rutura do professor para com a conformidade já estabelecida pela sociedade e pelos seus costumes didáticos.

O professor deve reconhecer a importância de delinear estratégias de aprendizagem enriquecedoras e diferenciadas que sejam realmente eficientes na aquisição de conhecimentos por parte do aluno e na sua evolução social e pessoal enquanto cidadão. Para viver em democracia, é essencial promover as características que a definem no percurso escolar do aluno. É essencial o reforço da questão da aceitação relativamente às diversas opiniões, que são fundamentais para que a democratização da sociedade continue, o que passa pelo desenvolvimento moral e do espírito crítico e participativo de seres informados, desenvolvendo-se assim, competências associadas ao Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017).

Assim, esta atividade foi planeada de forma a decorrer no mês de abril, mês de celebração dos 50 anos da liberdade, para que os alunos disfrutassem de um momento de aprendizagem significativo nesta altura comemorativa. Assim, eu e a minha colega estagiária, tivemos a colaboração dos professores de História para eventuais pormenores ao nível da organização da atividade. O meu papel ao longo da atividade, para além de convidar as turmas do décimo ano a participar, foi delinear os temas a debater. Pelos participantes serem indivíduos de diversas áreas (Humanidades e ciências

socioeconómicas), e por isso, com diferentes pontos de vista, optei por contemplar no guião do debate<sup>44</sup> temas com maior grau de complexidade, comparativamente aos temas abordados no decorrer da peça de teatro para os alunos do sétimo ano. Aquando da definição das linhas orientadoras de uma atividade, o professor deve ter em conta as características dos alunos que dela participam. E desta forma, achei pertinente alargar o debate, por exemplo, a questões de carácter político.

A parte digital associada à atividade, realizada pela minha colega de estágio, já fornece informação pertinente a ter em conta para a realização do debate. Os vídeos fornecem informações sobre as diferentes conceções de escravatura ao longo da história, desde a pré-história à contemporaneidade, o número estimativo de escravos existentes na atualidade, as datas de abolição da escravatura nos diferentes países, a forma como nos deixamos escravizar pelo digital e o impacto da *mídia* no nosso dia a dia, bem como outras questões pertinentes no âmbito do debate. No entanto, a ideia foi realçar questões que pudessem suscitar interesse aos alunos, e que estivessem ao mesmo tempo ligadas ao conteúdo programático da disciplina de História A, para os alunos do curso de Línguas e Humanidades: os Descobrimentos e a Expansão Marítima. Assim, as questões orientadoras do debate dividiram-se em quatro temas:

- A escravatura e o seu legado (racismo / discriminação)
- O revisionismo da história
- A escravatura na atualidade
- A “Escravatura digital”

Cada um destes temas tinha entre quatro a cinco questões orientadoras a colocar aos alunos, caso o debate não surgisse entre os seus membros. Aqui a nova questão trazida trata-se do tema do “revisionismo” da história. Um tema nunca trazido nas atividades realizadas ao sétimo e ao oitavo ano, pelo seu teor mais arrojado, para o qual, até alunos do décimo ano necessitam de uma certa preparação, no meu entender. Assim, aquando da leção do tema dos descobrimentos conversei e levei a debate este tema em sala de aula, anteriormente ao debate, de forma que os discentes se sentissem mais preparados e contextualizados. Conversei, juntamente com o meu orientador de estágio, com os restantes professores que iriam trazer os seus alunos à atividade para que também fornecessem algum conhecimento sobre este tema aos seus discentes. Assim, os alunos

---

<sup>44</sup> Cf. Anexo 9

não chegariam ao debate desinformados acerca da questão. Ainda para mais, era uma questão da qual não constava nos vídeos de apresentação da atividade.

Já em sala de aula, aquando da conversa que tive com os meus alunos acerca dos temas a debater, os educandos mostraram-se surpreendentemente interessados por estas questões. Alunos que mostraram ao longo do ano alguma timidez e receio na hora de intervir, neste dia questionaram e deram a sua opinião em sala de aula. Esta turma, ao longo do ano, sempre se caracterizou por uma certa apatia, para além disso o desinteresse acerca dos conteúdos programáticos sempre reinou na maioria dos seus membros. Daí a minha satisfação em realizar uma atividade que tenha captado a atenção da mesma.

Ainda em contexto de sala de aula, e após abordar o conteúdo programático da expansão marítima e por sua vez, do tráfico de escravos, através do manual e de uma apresentação no *genially*<sup>45</sup> construída e pensada por mim, coloquei umas frases de filósofos como Kant, Comte e Tocqueville, onde dão o seu parecer relativamente à escravatura e ao tráfico negreiro como realidade da época. As frases nitidamente eram de teor racista, discriminatório, eurocêntrico e conservador. Porém, a ideia era fazer chegar a cada aluno a noção de consciência histórica. Pois, não podemos interpretar os factos e os comentários da época à luz da visão contemporânea e à luz do que hoje é a nossa verdade enquanto indivíduos democráticos. Após isto, nos dispositivos seguintes, existe uma tentativa de criar nos discentes uma empatia pelo escravo, através de imagens e do relato das formas de tortura, castigos associados, da forma de compra e venda e do tratamento de que eram alvo nos navios aquando da travessia do Atlântico.

---

<sup>45</sup> <https://view.genially.com/65f2080374464900131e8510/presentation-descobrimentos-expansao-maritima>

**Figura 1** – Captura de ecrã da ferramenta genially, utilizada aquando da leção da escravatura (10º ano)



Desta forma, após isto, e como é verificável na imagem acima, prossegui com o legado que a escravatura nos deixou na atualidade, colocando imagens dignas de reflexão por parte da turma, como é verificável na figura 1. Foram apresentadas figuras como Rosa Parks e Martin Luther King, manifestações como a *Black Lives Matter*, a qual os alunos entrevistaram bastante acerca da vítima (George Floyd), sentindo-se integrados na aula através das suas participações pertinentes e informadas, o que também acabou por informar os colegas que não estavam tão informados.

Desta forma, partimos para aquela que é uma questão bastante sujeita a opiniões e que dividiu a turma neste sentido: o revisionismo da história. Como é possível verificar-se no dispositivo “20” da figura 1, optei por colocar uma questão que ainda hoje é alvo de debate em Portugal, tratando-se das pinturas do Salão Nobre da Assembleia da República. São pinturas que enaltecem o passado português, aquando das navegações marítimas e dos descobrimentos, que retratam, por sua vez, imagens da submissão do escravo africano relativamente ao povo português. Será que deveriam estar num lugar tão nobre como é a Assembleia da República portuguesa? Iniciei, colocando esta questão aos alunos. Após suspiros de pensamento e de reflexão, os alunos começaram a opinar e a divergir relativamente a opiniões. Nunca dei o meu parecer relativamente à minha opinião concreta acerca do assunto, porém, apresentava argumentos para ambos os posicionamentos, e dei a conhecer aos alunos os argumentos apresentados no parlamento português, para ambas as visões sobre o assunto. O papel do professor, em momentos de aprendizagem como este, é de facto, dar a conhecer as diferentes perspetivas e os argumentos que as sustentam. É colocar o aluno a refletir acerca de qual será o seu posicionamento, numa tentativa de autodescoberta do próprio aluno, o qual o professor

deve assumir o papel de mediador neste processo. Por fim, também foram discutidos em sala de aula outros exemplos nacionais e internacionais, como é o caso da defesa da demolição do padrão dos descobrimentos e da tentativa de retirar a estátua de Thomas Jefferson do Nova York.

Apesar do professor ser apenas um mediador desta discussão, enquanto professora de História, acabei por considerar necessário defender a própria disciplina que leciono, de modo que qualquer opinião, com base em valores democráticos, é válida e necessária para a discussão em sala de aula. Neste contexto, os futuros cidadãos necessitam compreender que os monumentos históricos foram erguidos perante uma mentalidade e contexto próprio da época. As tentativas de revisionismo, muitas vezes, apresentam esforços para “apagar” uma história que é crucial para que as gerações futuras se mantenham informadas e conscientes. Além disso, a destruição e vandalização de monumentos, não é de forma alguma, preservar a história do país e o património cultural. Porém, durante as discussões, ficou claro que os alunos reconheciam esta visão como sendo válida.

Desta forma, os alunos já tinham uma base sólida, quer ao nível da informação a reter para o debate no auditório, quer ao nível da forma como expor o seu pensamento em público e argumentar, ou seja, ao nível da oralidade. Pois, este momento de sala de aula, serviu para o auxílio do desenvolvimento de competências neste sentido.

No dia do debate do auditório, sentia-me receosa devido ao facto de haver a possibilidade de os discentes não estarem totalmente preparados para debater, e que por isso, não houvesse uma discussão fluente. Participaram quatro turmas do curso de Línguas e Humanidades e uma turma de Ciências Socioeconómicas. Foram as cinco turmas reunidas às 8:30h no auditório da escola para a atividade. Apresentei o debate agradecendo aos colaboradores e aos alunos que nele iriam participar e expliquei a importância deste tipo de atividades para a escola e para os próprios alunos, terminei a apresentação desejando boa sorte e que acima de tudo disfrutassem e aproveitassem o momento de aprendizagem. Não me foi possível assumir o papel de moderadora, dado que estaria a escrever as intervenções dos alunos, para que me servissem de evidências para este relatório, porém imprimi o guião executado por mim, e entreguei à minha colega de estágio e ao meu orientador, para que estes assim o moderassem. Esta atividade teve a duração de uma hora e meia, sendo que 45 minutos foram destinados à apresentação, aos

vídeos, e às respostas ao questionário por parte dos alunos, e os restantes 45 minutos foram, então, tempo de debate.

É com enorme satisfação que obtivemos 31 intervenções ao longo do debate e a participação de variados alunos de turmas distintas. O debate não teve “tempos mortos”, havendo momentos de discussão acesa e instantes de pequenas intervenções apenas informativas relativamente à questão. Pois, vários alunos contaram histórias que presenciaram, ou deram o seu parecer relativamente ao tema, fornecendo eficazes momentos de aprendizagem aos colegas. A verdade, é que pelo debate ter sido tão fluído, os moderadores quase não sentiram a necessidade de intervir. Para além disto, não foi possível tratar todos os temas estipulados no guião, dado que os alunos a certa altura, estavam interessados em debater certos temas igualmente relevantes, que optamos por não travar. A ideia, era ir ao encontro dos interesses dos alunos e não o contrário, fornecendo um momento de aprendizagem significativo, do qual teriam gosto em participar. Os discentes ficaram tão integrados e imersos nesta atividade, que não solicitaram os dois momentos de intervalo.

O debate iniciou-se com comentários por parte dos alunos relativamente aos vídeos assistidos, dando a conhecer aos colegas o que consideraram mais impactante e algumas curiosidades. Deram o seu parecer, por exemplo, relativamente à escravatura existente na atualidade mencionando organizações como a ONU, que não conseguiam combater este mal na sociedade. Opinaram ainda relativamente aos países que mais escravizavam e o porquê desta realidade ainda hoje acontecer. De seguida, recuam no tempo e comentam a condição do escravo na modernidade, comparando em alguns casos, com a dependência face ao digital por parte das gerações atuais. Sob solicitação dos moderadores, os participantes opinaram relativamente ao racismo e à discriminação, fruto de uma mentalidade que ainda hoje rege a sociedade de acordo com a cor da pele, e logo veio à discussão o exemplo de George Floyd, por iniciativa de um participante. De facto, isto acabou por trazer a debate um momento “aceso” entre os defensores dos policiais e os defensores das vítimas negras, o que acaba por potenciar “a racionalidade na análise do político, do social, etc” (Prats, 2011, p. 14).

Quando os moderadores consideraram que a discussão já se havia tornado repetitiva a dada altura, solicitaram que se mudasse de assunto, indo ao encontro, do tema do revisionismo da história, um tema associado à história dos descobrimentos, e por sua vez à escravatura. Desta forma, os moderadores deram exemplos de defesas revisionistas

associadas a este facto histórico. Esta discussão foi um tanto consensual, se formos a comparar com a anterior. Os alunos assumiram uma posição bastante positiva enaltecendo e preservando a História e os seus vestígios no presente.

Desta forma, esta atividade acabou por superar as minhas expectativas, pois um debate é sempre uma atividade que requer alguma convicção e confiança por parte dos alunos na hora de opinar e discutir uma situação. Na verdade, eu só tinha conhecimento dos alunos que frequentavam a turma a que eu dava aulas de História A. Não conhecia a forma de interação dos restantes, daí que me tenha surgido algum receio na hora de realizar a atividade. De facto, houve momentos de maior discussão e momentos mais descontraídos, mas sobretudo, houve uma troca de ideias propícia ao desenvolvimento ao nível do conhecimento, bem como ao nível das competências sociais e democráticas defendidas pelo Perfil de Aprendizagem do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017). O debate é um espaço democrático pelo seu confronto de ideias e consequente respeito pela opinião do outro, assim, é possível afirmar que os participantes estiveram à altura do desafio.

### 5.3.1. Análise dos Resultados

Primeiramente, é necessário salientar que a recolha de dados foi realizada através de dois questionários idênticos, um anteriormente à lecionação do tema e à execução dos debates (1.º questionário)<sup>46</sup> e outro, posteriormente às atividades (2.º questionário)<sup>47</sup>, para que se consiga aferir a evolução dos alunos perante a minha prática letiva. As notas de campo, realizadas no próprio debate do auditório, também permitiram a obtenção de dados para a investigação e para assimilar os resultados obtidos.

Mais uma vez, foi problematizada a conceção de liberdade, ora através de diálogos em aula, ora através dos próprios debates, assim analisaremos as diferenças entre o primeiro e o segundo questionário relativamente a esta conceção:

---

<sup>46</sup> Anexo 19

<sup>47</sup> Anexo 20

**Quadro XII** – Número de respostas dos alunos relativamente à conceção de liberdade (questionários)<sup>48</sup>

	1.º questionário	2.º questionário
Capacidade de escolha	11	4
Libertinagem	2	2
Elemento constitutivo da identidade da pessoa	3	4
Ter Direitos Humanos e valores democráticos	9	14

A partir deste quadro, é possível verificar uma alteração nítida da tipologia de resposta dos alunos. Ou seja, uma alteração daquilo que era a conceção de liberdade antes da realização das atividades e após a sua prática, o que demonstra o impacto das mesmas no processo evolutivo dos discentes ao nível da reflexão crítica. No que respeita ao primeiro questionário, a maioria dos alunos (11) considera o conceito de liberdade como capacidade de escolha, o que evidencia uma perceção mais individualista do conceito, ligada, portanto, a uma compreensão mais imediata e intuitiva do próprio conceito. Mostra, que para a maioria da turma, o ato de liberdade estava conectado ao ato de decidir por si mesmo, sem considerar as implicações sociais e históricas associadas à conceção. Todavia, três alunos já consideravam ser um elemento constitutivo da identidade da pessoa e nove que liberdade é possuir direitos humanos em consonância com valores democráticos, o que já demonstra uma perspetiva mais abrangente do conceito e informada, reconhecendo a liberdade como parte de um sistema dividido entre direitos e deveres que transcende uma mera escolha individual.

Já no segundo questionário, realizado após a realização das atividades, o número de alunos que associa a liberdade à capacidade de escolha é reduzido, representando uma minoria da turma, apontando-se a maioria das respostas para a liberdade associada aos direitos humanos. Este é um dado indicativo de que o processo educativo, bem como os

---

<sup>48</sup> Cf. Anexo 1

debates realizados levaram os alunos a refletir sobre a liberdade de forma mais complexa, compreendendo-a não apenas como uma prerrogativa individual, mas como um direito fundamental na sociedade, sustentado por princípios democráticos como a justiça. Através do ensino do tema da escravatura e da problematização deste conceito, os alunos poderão ter percebido que a liberdade vai além do simples ato de escolher, implicando uma estrutura de direitos e de respeito pela dignidade humana.

Infelizmente o número de alunos que considera a liberdade como sendo libertinagem não reduziu, no entanto, ainda assim, continuou a constituir-se uma parte reduzida da turma. Pode implicar, de facto, uma compreensão limitada da diferença entre os conceitos, entre a liberdade, e o abuso dela, mostrando-se por isso indivíduos que necessitam desenvolver o sentido de responsabilidade e a empatia.

Analisando esta evolução à luz dos estágios definidos por Lawrence Kohlberg (2002), é possível aferir um desenvolvimento ao nível moral através das práticas educativas. Inicialmente a compreensão de liberdade pode estar associada aos primeiros estágios, dado que o facto de relacionarem a liberdade apenas à capacidade de escolha pode refletir uma visão individualista, orientada para os interesses pessoais. A evolução no âmbito do segundo questionário sugere que os alunos estejam inseridos já no estágio 3 ou 4, onde a liberdade é entendida como parte de um sistema que assegura o bem-estar coletivo.

Partindo para a próxima conceção, a partir do quadro abaixo, é possível verificar também uma alteração ao nível da conceção de escravatura dos alunos.

**Quadro XIII** – *Número de respostas dos alunos relativamente à conceção de escravatura (questionário)<sup>49</sup>*

	1.º questionário	2.º questionário
<b>Subjugação do ser humano</b>	18	12
<b>Violação dos Direitos Humanos</b>	1	6

<sup>49</sup> Cf. Anexo 2

<b>Inferiorização étnica do ser humano</b>	2	3
<b>Ausência de autonomia moral</b>	0	0
<b>Sentir-se obrigado a algo</b>	0	2

A partir deste quadro denota-se uma alteração visível na tipologia de respostas após a execução dos debates (dentro e fora da sala de aula) e da lecionação dos conteúdos programáticos referentes à escravatura. De facto, podemos ver novamente a prevalência para a questão dos Direitos Humanos e para a sua valorização no âmbito das reflexões dos alunos, o que demonstra mais uma vez, o poder da discussão interativa e crítica dos temas da História na ampliação de conhecimento, de competências e na sensibilização para os direitos humanos.

No primeiro questionário, a maioria dos alunos conhecia o escravo como um ser subjugado, o que não é de todo, uma visão errada, pelo contrário, mostra uma compreensão do conceito. Porém, revela uma abordagem mais superficial do que a considerada no segundo questionário. Esta perceção mais limitada pode surgir da forma como o ensino e os manuais retratam a figura do escravo. Indo ao encontro do pensamento de Araújo et al., (2012), de facto, o escravo é representado nos manuais como uma mera figura explorada e necessitada economicamente e como alguém que nasce com uma condição de serventia, sendo por isso, um conteúdo que segundo a autora, aparece “esvaziado de relevância política”. De facto, não são aprofundadas as suas implicações sociais, étnicas e culturais, e se são, é de forma superficial. Ora, no segundo questionário, e com as atividades, já é visível o aumento nos números relativos ao conceito de escravatura, como sendo a inferiorização étnica do ser humano e uma violação dos direitos humanos. E por falar em direitos humanos, os alunos também alteraram a sua conceção da forma como o fenómeno da escravatura viola os direitos fundamentais, como é possível aferir no quadro abaixo:

**Quadro XIV** – Número de respostas relativamente à forma como os alunos concebem a escravatura como violação de direitos humanos (questionário)<sup>50</sup>

<b>Violação dos Direitos Humanos:</b>	<b>1.º questionário</b>	<b>2.º questionário</b>
<b>Atentado à dignidade humana</b>	7	2
<b>Exploração infantil / laboral</b>	9	6
<b>Ausência de liberdade e/ou igualdade</b>	7	13
<b>Ausência do direito à vida, à educação, à saúde e à família</b>	3	1

A alteração ao nível das respostas, que nos salta mais à vista no caso do quadro apresentado, é, de facto, a diferença ao nível do número de respostas que indicam que o escravo é um ser desprovido de liberdade e de igualdade. De facto, qualquer uma das reflexões apresentadas é válida, porém a falta de igualdade e de liberdade, é de facto a que reflete uma reflexão mais ampla. Pois, estarmos desprovidos de direitos como a igualdade e a liberdade, é estarmos desprovidos, por consequência, aos restantes direitos humanos indicados no quadro. Assim, os alunos indicam variadas vezes o racismo e a discriminação como fator que conduz a uma sociedade desigual. Este raciocínio e reflexão por parte dos alunos pode ter surgido do momento mais “aceso” do debate no auditório da escola.

---

<sup>50</sup> Cf. Anexo 3

**Quadro XV – Discussão do debate no auditório da escola acerca da discriminação atual nos Estados Unidos da América**

**Intervenção 6** Nós hoje ainda vemos consequências da escravatura: devemos falar de Jorge Floyd, mas ele não foi o único a ser assassinado, existem outras pessoas negras que sofrem do mesmo, como a enfermeira Breonna Taylor, que foi assassinada durante a noite. Devemos ter esses casos de racismo em conta, os polícias deviam ser quem aplica a lei e não quem comete os crimes.

<b>Intervenção 18</b>	Falou-se da questão do George Floyd, ele não foi morto pela polícia, mas sim por um polícia, um fardado a cometer um crime deixa de preservar aquela instituição. Não podemos falar desta forma sobre a instituição da polícia, deve ser respeitada, não podemos generalizar a polícia a este tipo de atitude. O “ <i>Black Lives Matter</i> ”, foi apoiado por muitos polícias, eles próprios apoiam George Floyd.
<b>Intervenção 19</b>	Não concordo, não se trata de ser George Floyd, isso na América é muito frequente, as pessoas de raça negra são muitas vezes acusadas de coisas que não fizeram. Não se criaram estigmas sobre polícias e sim sobre a forma com que eles lidam com pessoas negras.
<b>Intervenção 20</b>	Repara, quando um polícia comete um crime, não deves interpretar essa pessoa como um polícia, mas sim como alguém que comete um crime. Ou seja, não é a polícia que é racista e sim a sociedade.
<b>Intervenção 21</b>	Primeiramente gostaria de realçar que quando disse que um polícia assassinou uma pessoa, não me estava a referir à instituição. Mas não deixa de ser uma pessoa, da mesma forma que quando um médico comete um erro médico, não deixa de ser

	um médico. Não deixa de ser um polícia, mesmo não sendo a polícia toda.
<b>Intervenção 22</b>	A sociedade é racista, é algo frequente da polícia na América, é algo comum.
<b>Intervenção 23</b>	Não discordo de ti, ainda bem que deste a tua opinião, é assim que se alimenta um bom debate.

Atendendo às respostas concebidas pelos alunos no segundo questionário, este momento do debate pode ter influenciado nitidamente o pensamento crítico dos alunos. De facto, é visível o aumento no número de respostas relativamente à falta de igualdade alicerçada à figura do escravo, e de respostas que sugerem que a discriminação é a causa desta desigualdade também na atualidade. Para além disto é necessário salientar esta ocasião como momento de reflexão crítica para os dois participantes que se encontravam a discutir o tema, bem como para os que estavam a ouvir. Neste aspeto, este debate auxiliou na compreensão de um aspeto bastante revelante, que se refere ao facto da análise de problemas do passado, passando este a escravatura, para a compreensão de problemas atuais, uma das principais funções da disciplina, pois, segundo Prats, “a história, como exercício de análise dos problemas das sociedades de outros tempos, ajuda a compreender a complexidade de qualquer acontecimento, de qualquer fenómeno social e político atual” (2011, pp. 13 – 14).

Analisando a pertinência ao nível do conteúdo<sup>51</sup> é possível destacar que ao longo do primeiro questionário são escritas definições de escravatura onde se denotam erros científicos por parte dos alunos, no entanto, no que respeita ao segundo questionário e ao debate já são feitas reflexões acerca do fenómeno da escravatura mais acertadas cientificamente. Os alunos revelam aspetos pertinentes como a mão de obra escrava, as viagens longas em alto mar, a falta de higiene e os suicídios cometidos nas viagens<sup>52</sup>. Ao nível da compreensão da contemporaneidade, os alunos também refletem de forma mais profunda no que respeita ao segundo questionário, bem como no debate, desenvolvendo a questão da discriminação de forma mais ampla e consciente e recorrendo ao passado histórico.

---

<sup>51</sup> Cf. Anexo 5

<sup>52</sup> Cf. Anexo 5 e 10

É refletida também a questão da “escravatura digital” no debate – dando o exemplo da intervenção <sup>53</sup>:

A escravatura não é só com base na cor de pele, dando o exemplo dos telemóveis e do vício que nos consome mais do que achamos. Eu acho que é tudo tão visual que acabamos por estar sempre a ser estimulados com informações novas que muitas vezes nem são tão importantes. Passamos demasiadas horas lá e tiramos tempo às pessoas que gostamos.

Desta forma, foi possível permitir ao aluno uma reflexão mais ampla sobre as conceções de escravatura na atualidade, e consciencializar acerca de uma forma aprisionamento dos jovens que por vezes os “escraviza” sem se darem conta. O objetivo principal foi, de facto, não apenas promover a reflexão sobre o conceito de escravatura, mas também estimular uma compreensão mais abrangente e conectada à realidade dos discentes, pois na linha do que defende Dewey, “a educação deve estar ligada às experiências de vida do aluno” (Dewey, 2010, p. 75).

Por fim, destaca-se a relevância de um tema debatido no auditório da escola que não havia sido explorado nas atividades anteriores: o revisionismo da história. Este debate enfatizou a sua importância no contexto de uma educação para a cidadania, que visa formar indivíduos historicamente conscientes, empáticos e com sentido de identidade e pertença a uma comunidade.

Mas porque é que surgiu este tema quando o debate era centrado nas questões da escravatura? Ora, em aula, anteriormente, os alunos realizaram um debate sobre os painéis da Assembleia da República que retratam imagens alusivas à escravatura em contexto das Descobertas Marítimas, enaltecendo estas imagens como um motivo de heroísmo pelas conquistas do povo português. No debate do auditório, lançou-se por isso, a questão de Thomas Jefferson, que apesar de ter sido um grande defensor da escravatura como fonte de rendimento para o país, foi a figura principal no que respeita à Independência dos Estados Unidos. Hoje a estátua dele é alvo de polémica entre os políticos norte-americanos, pois, segundo algumas perspetivas, enaltecer tal estátua, é enaltecer o pensamento esclavagista.

---

<sup>53</sup> Cf. Anexo 10

Assim, apresento abaixo alguns dos argumentos apresentados no debate que sustentam a ideia de que não devem ser “apagados” e retirados monumentos, estátuas ou edifícios de carácter histórico-identitário.

**Quadro XVI – Intervenções dos alunos no debate relativamente ao tema do  
*Revisionismo da História***

**Intervenção 24**

Eu acho que as estátuas não devem ser retiradas, devemos manter os nossos antepassados para conhecermos os erros cometidos no passado e não os cometermos no presente.

**Intervenção 25**

A estátua do Thomas Jefferson, sendo ele a pessoa que escreveu a Declaração da Independência, a estátua deve continuar pois, enaltece esse feito e não o facto de ele ser esclavagista.

**Intervenção 26**

Sou a favor e contra, ela tem razão, não se deve retirar nada a ninguém, mas o racismo e escravos eram muito prejudicados, e por isso, se não devemos retirar nada a ninguém, vandalizar não é uma ação que se deva fazer.

**Intervenção 27**

Não devíamos pedir desculpa a ninguém e apenas aprender com o que aconteceu, não devemos apenas voltar a repetir.

**Intervenção 28**

não devíamos pedir desculpa, no entanto, é importante salientar que o que eles fizeram não é certo.

É essencial desenvolver uma consciência histórica que contribua para a mobilização de identidades na construção de uma consciência histórica que se adeque às complexidades da sociedade atual (Barca, 2007). E de facto, foi este o objetivo quando me propus colocar esta questão no guião do debate. É uma questão que para além de ser alvo de um debate público atual de forma considerável, reúne condições propícias ao desenvolvimento e reflexão por parte dos discentes às questões de identidade. Para além disto, as questões de identidade promovem um olhar sobre os factos históricos consoante um tempo e um contexto, onde reinavam valores e crenças distintas das atuais.

A ideia de preservar estátuas e monumentos que enaltecem figuras históricas como Thomas Jefferson, é válida no meu entender, pois permite que os erros cometidos no passado sejam lembrados. Além disso, valoriza a preservação histórica como uma forma de aprendizagem e de reflexão, destacando o papel destes momentos como ferramentas educativas que ajudam na compreensão do passado.

Para além disto, os alunos mencionam os edifícios históricos como marcos importantes da história do país. Este ponto é evidenciado pelo interveniente 25<sup>54</sup>, cuja visão leva o interveniente 26 a refletir sobre atos de vandalismo contra o património identitário. Assim, é reconhecida a preservação destes monumentos como um esforço de proteção de um legado que simboliza a história, a identidade nacional e a cultura de um país ou comunidade.

Em suma, os alunos refletem de forma diversa e ampla acerca do tema do revisionismo histórico e da preservação de monumentos como marco identitário. As intervenções destacam a importância de equilibrar a preservação da memória histórica com o reconhecimento dos danos causados a certos grupos, o que reflete uma consciência e análise crítica que me satisfaz enquanto docente de História. O ensino destas questões é realmente eficaz quando complementado com estratégias ativas e dinâmicas como é o exemplo do debate, onde os alunos entram em diálogo e enriquecem o seu pensamento e as suas ideias através da análise e reflexão dos argumentos apresentados.

---

<sup>54</sup> Cf. quadro XV e anexo 10

### 5.3.2. Reflexão Individual

Perante esta última reflexão, é importante realçar a utilidade e eficácia deste tipo de atividades dinâmicas dentro e fora da sala de aula. De facto, realizar um debate no auditório da escola com as diversas turmas fez surgir nos alunos um sentimento de novidade, algo que fomenta o interesse e o empenho. A sala de aula é um espaço fulcral ao nível da aprendizagem e da convivência entre o aluno e o professor. Porém, realizar uma aula fora deste espaço, que permita o envolvimento e comprometimento dos alunos na reflexão, acaba por cativar de forma diferente, por sair do seu contexto habitual, o que, por sua vez, tem um impacto positivo no educando.

Houve uma imersividade incontestável da parte da generalidade dos alunos, observando-se um empenho, espírito participativo fruto da reflexão e do pensamento crítico de cada qual e um dinamismo que a sala de aula, por norma, não proporciona. No meu entender, esta atividade obteve um resultado bastante positivo nos alunos pela forma como consciencializou e gerou reflexão e pensamento crítico. Desenvolveu competências ao nível da comunicação e da colaboração e gerou uma discussão democrática em torno de assuntos relevantes para a História e para o próprio dia a dia dos alunos. O ser humano deve ser capaz de conviver em sociedade, de opinar através de um conhecimento sólido e fundamentado, de argumentar, de aceitar e saber ouvir o que o outro tem a dizer, no fundo, o ser humano deve saber viver democraticamente consigo e com o outro. Na verdade, este debate nada mais foi do que uma tentativa de preparar estes discentes para a vida conjunta dentro e fora do meio escolar, bem como prepará-los para uma futura vida adulta. Por serem alunos do ensino secundário, devem consolidar e desenvolver competências sociais, cognitivas e ao nível da comunicação, pois o futuro próximo reservar-lhes-á o mundo do trabalho e/ou o ensino universitário, dois mundos distintos, porém, dois mundos que exigem as competências nomeadas acima. Para além da parte profissional, avizinha-se a vida adulta repleta de obstáculos e desafios, os quais os alunos devem conseguir ultrapassar de forma digna e democrática. Neste sentido, devem aprender a conviver com o outro de forma democrática e sociável, bem como desenvolver uma boa comunicação e sabedoria, e a História, como disciplina, deve estar ao serviço desta educação cidadã e moral.

Assim, é possível afirmar que, no que diz respeito à logística da atividade, não modificaria nada, caso a realize novamente. Do meu ponto de vista, usufruiu do impacto

pretendido e revelou-se um momento de aprendizagem memorável, dinâmico, onde o conhecimento parte do aluno.

Apesar da atividade ter ido ao encontro das expectativas e não ter havido qualquer imprevisto que dificultasse a sua execução, é necessário salientar algumas sugestões e conselhos a professores que optem por realizar uma atividade deste cariz no futuro. De facto, é necessário precavermo-nos, enquanto docentes, para todos os cenários possíveis, e apesar de termos optado por colocar vídeos de contextualização do tema antes do próprio debate, para que começasse a surgir algum tipo de reflexão nos alunos, a verdade é que é necessário estar preparado para o cenário dos alunos não começarem a debater por si próprios. Isto é, para o facto de não surgir reflexões a comentar, ou até mesmo faltar a coragem para o fazer. Desta forma, é benéfico haver um guião sob a posse do moderador, com questões um tanto provocadoras / suscetíveis a debate, para que incitem os alunos a responder e a comentar. Para além disto, é aconselhado um bom vídeo de contextualização acerca do que irá ser debatido. Embora a contextualização seja fornecida em sala de aula, é comum que os alunos, durante os debates, esqueçam certos detalhes importantes. Além disso, podem demonstrar desinteresse durante as aulas, devido à ausência da interatividade proporcionada pelo debate. Assim, passar um vídeo, com imagens e som que explique, contextualize e dê a conhecer fatores importantes, focado apenas no que os alunos irão debater, poderá ser um ótimo estímulo para que se sintam confiantes, pois a argumentação será fundamentada num conhecimento histórico que o discente acredita ser fiável e fidedigno. Porém, esta é a parte que diz respeito ao trabalho do professor, fazer uma seleção com base numa investigação sólida profunda, que vise a fidedignidade dos factos a debater e a dar a conhecer, seja num ambiente de sala de aula, ou fora dela.

Em síntese final, é necessário salientar que, para além da eficácia deste tipo de atividades e do desenvolvimento de competências que a mesma acarreta, os próprios alunos realçaram gosto e interesse em participar, isto é, cativou-os de uma forma que, até à data, nenhuma outra atividade tinha cativado. Isto ficou evidente quando solicitei aos alunos um comentário final por escrito sobre o impacto da minha prática letiva no auxílio do percurso de cada discente ao nível do crescimento cognitivo. Nos comentários, os alunos destacaram repetidamente o debate como a atividade que mais contribuiu para o seu desenvolvimento ao longo do ano letivo, ajudando-os na sua formação enquanto seres críticos e reflexivos. Além disso, sugeriram que os professores continuassem a

implementar este tipo de atividade nas aulas futuras. Este comentário foi solicitado na última aula do ano letivo, e por isso, verifica-se o quão impactante e memorável foi esta atividade, dado que foi algo nomeado por grande parte da turma.

## **Capítulo 6 - Atividade Escape Room: A transição do Estado Novo para o 35 de Abril**

Em abril foi realizada, em conjunto com a minha colega de estágio, uma atividade educativa, mais propriamente uma *escape room*, que funde a componente analógica com a digital, em comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, feriado histórico de relevante importância nacional. A biblioteca escolar foi dividida em sete salas de fuga, cinco destas salas transportavam o aluno para o tempo do Estado Novo, uma sala para a própria Revolução do 25 de Abril, bem como para as suas repercussões, e a sala final, que incita uma reflexão por parte do educando acerca do que foi experienciado na atividade<sup>55</sup>.

Esta atividade não será alvo de uma explicação e reflexão profunda da minha parte, como realizado nas atividades anteriores, por dois fatores: por abordar a questão da liberdade num panorama diferente, não por alienação à escravatura, mas sim, através de uma liberdade que provém do rompimento com o período do Estado Novo em Portugal, e atendendo ao fator do limite do número de páginas. No entanto, considero pertinente dar a conhecer esta atividade, pois leva a conhecer e a desenvolver aquele que é o antípode da própria escravatura. De facto, a liberdade é um tema bastante complexo e suscetível a variadas perspetivas dependendo do seu contexto. Assim, os alunos conheceram uma “liberdade” provinda de um dos maiores marcos históricos do país, a Revolução dos Cravos, que marca o início de um regime democrático em Portugal, com direitos e garantias salvaguardadas pela Constituição, e onde a liberdade é uma das grandes conquistas da revolução.

O jogo era realizado apenas com uma turma de cada vez, e esta era dividida em grupos, por norma de cinco alunos, que iriam percorrer as sete salas do jogo: a primeira sala abordava questões relacionadas à ascensão de Salazar ao poder e à sua ideologia política autoritária, contextualizando assim os alunos politicamente. A segunda sala,

---

<sup>55</sup> Cf. Anexo 17

abordava questões relativas à Guerra Colonial e à propaganda salazarista, na qual os alunos assistem a vídeos e discursos de Salazar à medida que respondem a enigmas e jogos. A terceira sala de fuga dava a conhecer as organizações políticas e as instituições aliadas ao Estado Novo tais como a PIDE, a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa. Através da quarta sala era possível trazer ao aluno uma réplica de uma escola e do sistema de ensino do Estado Novo. Os próprios alunos assumiam as posições de professor e de alunos da época, seguindo as instruções do que teriam de fazer, como por exemplo, rezar no início e no final da aula. Também tinham também acesso às capas dos manuais e à propaganda realizada por Salazar na própria sala de aula através do crucifixo, da fotografia do próprio e do mapa da expansão portuguesa e das colónias ultramarinas, permitindo aos alunos experienciar um pouco daquilo que foi a escola da época. Na última sala dedicada ao Estado Novo, o realce era para o papel da mulher na época, para a propaganda neste sentido, para a vida no campo tão característica e para ditados que realçavam formas de viver e pensar tais como os três “F’s” (Fado, Futebol e Fátima) e o famoso ditado Deus, Pátria e Família. Em todas estas salas os alunos eram confrontados com enigmas e questões acerca dos temas. Estas questões eram respondidas através dos computadores que estavam em cada uma das salas, onde só poderiam passar à fase seguinte e concluir a sala se resolvessem todos os problemas, enigmas e jogos estipulados.

De seguida os alunos passam para a sala mais rica deste jogo, a sala da Revolução do 25 de Abril. Nesta sala os discentes ouvem excertos da rádio do próprio dia e conhecem o desenrolar da Revolução através de pistas, vídeos e enigmas, no final, quando os alunos estão livres das salas de fuga, passa a música “Grandola Vila Morena”, fazendo uma analogia entre a liberdade conseguida pelos alunos, após percorrerem um caminho de obstáculos, com a liberdade conquistada através da luta dos revolucionários. Finalizando, os discentes leem um jornal que anuncia a autonomia dos Açores, trazendo, portanto, a história regional à *scape room*. Assim, dirigem-se à sala final, uma sala apenas de reflexão acerca da atividade e da própria liberdade, expondo as suas ideias acerca deste conceito e da própria atividade, após disfrutarem desta experiência de retorno ao Estado Novo.

Assim, são apresentadas abaixo algumas das reflexões dos alunos acerca da liberdade após a atividade:

### **Quadro XVII – Exemplos de respostas de reflexão sobre a liberdade<sup>56</sup>**

A liberdade é o direito de expressar o que sente e dizer o que quer. O direito de voto da mulher, a liberdade de expressão e a autonomia dos açores.

Para nós a liberdade é termos a liberdade de expressarmos a nossas opiniões e pensamentos sem sermos censuradas. Em certos aspetos algumas ideias ainda permanecem na nossa sociedade. A liberdade não nos é garantida, o pensamento das pessoas limita-nos de querer falar sem medo. Direito ao voto livre e a liberdade de expressão sem censura.

Liberdade é podermos viver sem sermos censurados, podendo dar a nossa opinião e contribuindo para a democracia do nosso país.

A revolução 25 de Abril foi extremamente importante para o nosso país, pois possibilitou nós os portugueses alcançar a liberdade em diversos pontos diferentes, como por exemplo na sala 3 fizemos uma atividade sobre a liberdade de expressão que não existia na época porque a PIDE perseguia as pessoas.

Hoje temos muito mais liberdade do que antes do 25 de abril, as mulheres podem votar e não somos presos por aquilo que dizemos como vimos na sala da PIDE. Até os Açores passaram a ser mais livres.

---

Como podemos ver, a atividade auxiliou na compreensão do conceito de liberdade, consciencializando os discentes ao nível da sua importância e da luta pela mesma ao longo da História sob as variadas formas e perspetivas. E de facto, foi uma atividade de grande sucesso para os alunos e imersiva pela sua dinamização, sendo por isso alvo de louvor por parte do Conselho Pedagógico da escola<sup>57</sup>.

Os alunos exploram o tema e refletem as conquistas do 25 de Abril, entre elas a liberdade, desenvolvendo uma consciência histórica que reconhece que por exemplo os direitos das mulheres, o direito ao voto, a autonomia açoriana, o fim da censura, e a liberdade de expressão como direitos hoje consagrados, porém fruto de uma luta intensiva e prolongada no tempo. Reconhecem a liberdade como essencial para a democracia e que esta revolução permitiu melhores condições de vida no presente. No entanto ainda

---

<sup>56</sup> Anexo 16

<sup>57</sup> Anexo 14

expressão uma visão crítica ao perceberem que, em certos aspetos, a liberdade pode ser limitada pelas normas sociais.

Em suma, é necessário ressaltar o facto de que, apesar desta atividade ter permitido o envolvimento dos alunos de forma imersiva e dinâmica<sup>58</sup>, permitindo-lhes um protagonismo acrescido no seu processo de aprendizagem, houve certos aspetos menos positivos a salientar. De facto, esta atividade exigiu uma grande capacidade de organização e de logística, e por ser a primeira vez que realizámos algo deste cariz, neste aspeto, o número de salas deste jogo ficou demasiado extenso atendendo ao tempo de duração do próprio. Os alunos participaram enquanto estavam a ter aula, ou seja, acompanhados pelo professor da disciplina, e deste modo, apenas tínhamos 45 minutos ou 90 minutos para que todos os grupos terminassem as sete salas da *escape room*. Atendendo a que certos grupos teriam mais dificuldades do que outros, o que é certo, é que em aulas de 45 minutos, e em certas aulas de 90 minutos, a totalidade dos grupos não concluiu o jogo. Assim, caso realize esta atividade novamente, irei ter este aspeto em conta, e reduzir o número de salas de jogo.

---

<sup>58</sup> Cf. Anexo 15

## Considerações finais

A título conclusivo, é possível estabelecer algumas considerações relativamente aos motivos que levaram à execução deste Relatório de Estágio, e às experiências de aprendizagem que surgiram no âmbito das atividades que compuseram o Estágio Pedagógico, atendendo aos objetivos propostos.

Assim, é evidenciada a relação complementar existente entre educação e cidadania, que juntas promovem a formação de indivíduos autónomos, responsáveis, críticos e reflexivos. Neste contexto, o presente Relatório de Estágio demonstra com clareza a potencialidade dos temas da escravatura e da liberdade como conceito pertinentes para potenciar o desenvolvimento de uma consciência moral e axiológica autónoma e crítica, essencial à promoção de uma educação para a cidadania ativa, global e inclusiva, na linha do que preconiza para a educação do século XXI.

Os objetivos foram, em grande parte, cumpridos, uma vez que as atividades contribuíram para um maior desenvolvimento moral e social, criando-se assim condições para que os alunos se tornassem cada vez proativos e empoderados com os desafios da sociedade inclusiva atual. Contribuíram também para uma maior sensibilização relativamente ao tema da escravatura e, por consequência, ao tema da liberdade, como é possível verificar através dos resultados obtidos em todas as atividades. Permitiram o desenvolvimento de indivíduos, que para além de mais informados, valorizam a liberdade, a igualdade, a solidariedade e a justiça e têm presentes as consequências da escravatura na atualidade. Henriques et al, (2006), alerta-nos para a necessidade de uma educação para a cidadania que promova o combate a problemas como a exclusão social e os direitos das minorias, e neste sentido, é cumprido mais um dos objetivos estipulados por mim, no âmbito do Estágio Pedagógico, o de promover uma consciência reflexiva acerca do racismo e da discriminação em geral, como fenómenos decorrentes da escravatura, como nos alerta Araújo et al., (2018).

Os alunos desenvolveram competências científicas no âmbito deste facto histórico, mas também desenvolveram uma consciência crítica capaz de refletir sobre as problemáticas da atualidade, através do desenvolvimento de valores democráticos. Para além disto, através das atividades realizadas, foram criadas dinâmicas pedagógico-didáticas que favorecem o espírito crítico relativamente aos direitos humanos, à dignidade

humana e à liberdade, com destaque para o debate, cumprindo-se assim mais um dos objetivos. Neste sentido, é pertinente destacar o papel do professor neste processo, como mediador com a “intenção de permitir a vivência da cidadania, e simultaneamente, formar para o exercício da cidadania” (Ferreira & Estevão, 2003, p. 208).

O objetivo de criar atividades dinâmicas, interativas e imersivas que visem o desenvolvimento cognitivo e moral dos educandos também foi alcançado na sua totalidade. E nesta linha de pensamento, podemos destacar atividades como o debate, a *escape room* e a peça de teatro que se mostraram eficazes no âmbito da educação para a cidadania e para valores. Estas práticas, baseadas em metodologias ativas e construtivistas, como é exemplo o *role playing*, colocam os alunos no centro do seu processo aprendizagem, permitindo-lhes vivenciar e refletir sobre questões sociais, culturais e étnicas. Estas metodologias permitem a construção de uma consciência axiológica, ao compreenderem a importância dos valores na sociedade, e crítica, pois são desafiados a debater, refletir e analisar.

No decorrer da elaboração deste Relatório de Estágio surgiram algumas limitações e dificuldades, mas aquela que considero ter afetado mais o meu percurso foi, de facto, o reduzido número de horas letivas atribuídas à disciplina de História pela escola. Não me permitiu dedicar o tempo pretendido a cada atividade, destacando-se neste sentido, a atividade realizada com o 8º ano.

Com este Relatório de Estágio dei-me conta de que consciencializar e educar para valores democráticos é uma tarefa complexa que existe esforço, tempo e empenho por parte do docente, sendo, também por isso, um ato de coragem (Savater, 1997). É necessário depositar tempo e criatividade no delineamento de atividades e momentos de reflexão, que permitam ao aluno o questionamento e a imersividade perante o momento de aprendizagem. Isto permitiu-me desenvolver enquanto profissional, pois adquirir competências e capacidades que se inscrevem na linha do que Stenhouse (1991) define como o professor-investigador. Inicialmente não tinha conhecimento dos passos a seguir na elaboração de uma peça de teatro, dos seus processos logísticos e técnicos. Para além disto, permitiu-me ter um conhecimento mais consolidado acerca da forma mais eficaz de fundir ambas as disciplinas, a História, o Teatro e a Cidadania. Isto contribui significativamente para futuras atividades deste cariz. Revelava-me igualmente limitada a nível tecnológico e digital, algo que o Estágio Pedagógico veio a desenvolver, pois permitiu-me a criar recursos interativos, como é exemplo a linha do tempo realizada com

a turma do 8º ano, e até mesmo atividades mais tecnológicas, como é exemplo a *escape room*. Por fim, este estágio possibilitou-me identificar metodologias e estratégias mais eficazes na promoção de uma cidadania ativa, sob o signo dos valores democráticos, tendo por base o estudo e a problematização dos temas da escravatura e da liberdade. Assim, a minha prática pedagógica ao longo do estágio e o próprio relatório foram motores de um crescimento pessoal, profissional e académico, pelas aprendizagens que marcaram meu o percurso enquanto futura profissional da educação.

Para futuros trabalhos sugiro que se faça uma investigação mais profunda e direcionada aos manuais para aferir a forma como a escravatura é retratada nos mesmos e o porquê de se optar, segundo Araújo et al (2012), por um esvaziamento de relevância ao nível deste conteúdo nos livros didáticos. Nesta linha de pensamento também seria interessante investigar as possíveis estratégias de ensino e o papel do professor no combate a este “esvaziamento de relevância política” (Araújo et al, 2012, p.10) associado ao tema da escravatura.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, M. R. (2005). Para construir a cidadania na escola. In *Construir e viver a cidadania em contexto escolar* (pp. 16–19). Plátano Editora.
- Almeida, D. V. (2019). *O legado dos passados dolorosos: Como são ensinados os The Troubles aos jovens, na Irlanda do Norte?* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. [Repositório Aberto da Universidade do Porto: O legado dos Passados Dolorosos: como são ensinados os The Troubles aos jovens, na Irlanda do Norte?](#)
- Alonso, L. (1998). *Inovação curricular, formação de professores e melhoria da escola: Uma abordagem reflexiva e reconstrutiva sobre a prática da inovação/formação* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório Aberto da Universidade do Minho. [Universidade do Minho: Inovação curricular, formação de professores e melhoria da escola : uma abordagem reflexiva e reconstrutiva sobre a prática da inovação-formação](#)
- Alves, F. C. (2004). *Diário-um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas*. Instituto Politécnico de Viseu. [Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu: Diário - um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas](#)
- Alves, L. A., & Ribeiro, C. P. (2022). Os passados dolorosos... de uns e de outros!. *Sensos-e*, (1) 19-28. [Os passados dolorosos... de uns e de outros! | Sensos-e](#)
- Apple, M. W. (2004). *Ideology and curriculum* (3ª ed.). Routledge Falmer.
- Araújo, M., & Maeso, S. R. (2010). Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de História. *Estudos de Sociologia*, 15(28), 239-270. [Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de História | Estudo Geral](#)
- Araújo, M., & Maeso, S. R. (2012). A institucionalização do silêncio: a escravatura nos manuais de história portugueses. *Revista (In) Visível*, (1), 7-15. [A institucionalização do silêncio: a escravatura nos manuais de história portugueses | Estudo Geral](#)
- Araújo, M., & Maeso, S. R. (2013). A presença ausente do racial: Discursos políticos e pedagógicos sobre História, "Portugal" e (pós-) colonialismo. *Educar em Revista*, 145-

171. [SciELO - Brasil - A presença ausente do racial: discursos políticos e pedagógicos sobre História, "Portugal" e \(pós-\)colonialismo](#) A presença ausente do racial: discursos políticos e pedagógicos sobre História, "Portugal" e (pós-)colonialismo

Araújo, M., & Rodrigues, A. (2018). História e memória em movimento: escravatura, educação e (anti-) racismo em Portugal. *Revista História Hoje*, 7(14), 107-132. [História e memória em movimento: escravatura, educação e \(anti-\)racismo em Portugal | Revista História Hoje](#)

Barca, I. (2004). Aula oficina: Do projeto à avaliação. In *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica* (pp. 131–144). Centro de Investigação em Educação (CIED), Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. [Isabel Barca.pdf](#)

Barca, I. (2007). Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. *Currículo sem fronteiras*, 7(1), 115-126. [Consciência Histórica – Marcos Teóricos](#)

Barca, I., & Alves, L. A. M. (2016). *Educação histórica: Perspectivas de investigação nacional e internacional* (XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica). CITCEM.

Barca, I., Solé, G., Pinto, H., Lopez, R. F., Gil, T. M., & Sabaté, M. (2015). *Educação histórica e educação patrimonial-novos desafios*. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho. [Universidade do Minho: Educação histórica e educação patrimonial - Novos desafios](#)

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barton, K. C., & Levstik, L. S. (2004). *Teaching history for the common good*. Lawrence Erlbaum Associates.

Bolívar, A. (1992). *Los contenidos actitudinales en el currículo de la reforma*. Editorial Escuela Española.

Cabral, G. P. (2017). Educação e democracia: perspectiva emancipatória a partir da filosofia social de John Dewey. *REVISTA QUAESTIO IURIS*, 10(2), 844-866. [Educação e Democracia: perspectiva emancipatória a partir da filosofia social de John Dewey / Education and Democracy: emancipatory perspective from John Dewey's social philosophy | REVISTA QUAESTIO IURIS](#)

- Cabral, V. (2015). *Práticas de igualdade de género na educação pré-escolar*. [Relatório Final, Instituto Politécnico de Portalegre]. Repositório Comum. [Repositório Comum: Educar para a cidadania através de práticas de igualdade de género na educação pré-escolar](#)
- Cachadinha, M. B. V. G. (2023). *Imagens e filmes enquanto recursos educativos*. Cinemas. 32-45. <https://www.ao-norte.com/cinemas/01/cinemas01-Manuela-Cachadinha.pdf>
- Conselho da Europa. (2018). *Ensino de qualidade na disciplina de história no século XXI princípios e linhas orientadoras*. SPDP Editorial. [Ensino de qualidade na disciplina de historia no seculo XXI - Linhas orientadoras](#)
- Cruz, B. (2002). Don Juan and rebels under palm trees: Depictions of Latin Americans in U.S. history textbooks. *Critique of Anthropology*, 22(3), 323-342.
- Dewey, J. (1916). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Macmillan.
- Dewey, J. (2002). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Dover Publications.
- Dewey, J. (2010). *Experiência e educação* (R. Gaspar, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1938).
- Durkheim, E. (2002). *La Educación Moral*. Ediciones Morata.
- Ferreira, J. & Estevão, C. (2003). *A Construção de uma Escola Cidadã – Público e Privado em Educação*. Braga. Externato Infante D. Henrique.
- Fini, L. D. T. (1991). Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg. *Perspectiva*, 9(16), 58-78. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9127>
- Fonseca, J. (2005). Educação e Valores: que relação? *Arquipélago. Ciências da Educação.*, 6, 107-126. <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2502>
- Fonseca, J. M. R. (2011). *A cidadania como projecto educacional: Uma abordagem reflexiva e reconstrutiva* [Tese de Doutoramento, Universidade dos Açores]. Repositório Aberto da Universidade dos Açores.
- Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Stanford University Press.
- Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action: Reason and the rationalization of society* (T. McCarthy, Trans.). Beacon Press.

- Habermas, J. (1990). *A ética da discussão*. Edições 70.
- Hall, S. (1992). The West and the Rest: Discourse and power. In S. Hall & B. Gieben (Eds.), *Formations of modernity* (pp. 275-331). Polity Press. [Race and Racialization: Essential Readings - Google Livros](#)
- Henriques, M. C. (2000). *Perspectivas conceptuais da educação para a cidadania*. Instituto da Defesa Nacional, 106, 23–45. [Repositório Comum: Perspectivas conceptuais da educação para a cidadania](#)
- Henriques, M., Reis, J., & Loia, L. (2006). *Educação para a cidadania: Saber & inovar*. Plátano Editora.
- Kohlberg, L. (2002). A abordagem cognitivo-desenvolvimentista da educação moral. In M. Valente, M. (Org. & Trad.), *A escola e a educação para os valores* (pp. 201–238). Antologia de Textos.
- Lara, S. H. (1998). Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. *Projeto história: Revista do programa de estudos pós-graduados de história*, 16. 25-28. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11185>
- Marques, M. M. (2018). Educação intercultural, minorias e descendentes de imigrantes. In Neves, M. C. & Justino, D. (ed), *Ética aplicada: Educação* (pp.142 – 158). Edições 70.
- Martins, G. D. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J., Pedroso, J. V., Camilo, J. L. A., Silva, L. M. U., & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação (DGE). [Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória](#)
- Martins, M. J. D., & Mogarro, M. J. (2010). A educação para a cidadania no século XXI. *Revista Iberoamericana de Educación*, 53, 185–202. <https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a08.pdf>
- Menezes, I. (2007). Evolução da cidadania em Portugal. *Actas do 3º Encontro de Investigação e Formação: Educação para a Cidadania e Culturas de Formação*, 17-34. [03\\_conf\\_isabel\\_menezes-libre.pdf](#)
- Menezes, I., & Ferreira, P. D. (Eds.). (2012). *Educação para a cidadania participatória em sociedades em transição: Uma visão europeia, ibérica e nacional das políticas e práticas*

*da educação para a cidadania em contexto escolar*. Centro de Investigação e Intervenção Educativas. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84682/2/16035.pdf>

Ministério da Educação. (2018) *Aprendizagens essenciais de História e Geografia de Portugal – 2.º Ciclo. (5º ano)*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos\\_Curriculares/Aprendizagens\\_Essenciais/Consulta\\_Publica/2\\_ciclo/5\\_hgp\\_cp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/Consulta_Publica/2_ciclo/5_hgp_cp.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal – 2.º Ciclo. (6º ano)*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/6\\_historia\\_e\\_geografia\\_de\\_portugal.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens essenciais de História – 3º ciclo (7º ano)*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/historia\\_3c\\_7a\\_ff.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_7a_ff.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens essenciais de História – 3º ciclo (8º ano)*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/historia\\_3c\\_8a\\_ff.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens essenciais de História – 10º ano*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/10\\_historia\\_a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_historia_a.pdf)

Moreira, R. C. P. (2020). *A multiperspectiva em história – um estudo com os alunos do ensino secundário recorrente* [Tese de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório Aberto da Universidade do Minho. [Universidade do Minho: A multiperspetiva em história: um estudo com alunos do ensino secundário recorrente](#)

Muižnieks, N. (2017). *Afrophobia: Europe should confront this legacy of colonialism and the slave trade*. *Human Rights Comment*. Council of Europe.

Napolitano, M. (2003). *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto.

- Nimako, K., & Small, S. (2010, August 14). Collective memory of slavery in Great Britain and the Netherlands. Paper presented at the *American Sociological Association Annual Meeting*, Atlanta, GA.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2021). *Reimaginar nossos futuros juntos: Um novo contrato social para a educação*. Paris: UNESCO. [Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação - UNESCO Digital Library](#)
- Patten, J., O'Neill, M., & Davies, C. (2006). *Teaching History: Innovation and Change in Historical Education*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Pereira, N. M. (2017). Ensino de história, dever de memória e os temas sensíveis. *Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos*, 2, 1-6. <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/seminarioECPE/article/view/3955>
- Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Edições 70. (Obra original publicada em 1945).
- Pinto, H. (2016). Educação Histórica e patrimonial. *DE INVESTIGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL*, 22. <https://aeaveiro.pt/biblioteca/download/42/Sermao%20de%20Santo%20Antonio%20aos%20Pei%20-%20Padre%20Antonio%20Vieira.pdf#page=22>
- Ponce, B. J. (2009). A educação em valores no currículo escolar. *Revista e-curriculum*, 5(1), 45–67. <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/3255>
- Prats, J. (2006). *Didáctica de la Historia: Un enfoque constructivista*. Barcelona: Graó.
- Prats, J. (2011). *La enseñanza de la Historia y la construcción de la memoria histórica*. Madrid: Ediciones Akal.
- Ribeiro, N., Neves, T., & Menezes, I. (2014). *Educação para a cidadania em Portugal: Contributos para analisar a sua evolução no currículo escolar português*. *Currículo Sem Fronteiras*, 14(3), 12–31. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78011/2/98363.pdf>
- Ricoeur, P. (2000). *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Seuil.

- Rosa, A. E. F. A. (2014) *As Expressões dramática e musical como veículo promotor do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. [Relatório de Estágio, Universidade dos Açores]. Repositório Aberto da Universidade dos Açores.
- Reboul, O. (2000). *A filosofia da educação*. Lisboa: Edições 70.
- Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Editorial Presença.
- Schmidt, S. (2021). *Analysing historical narratives: On academic, popular and educational framings of the past* (S. Berger & N. Brauch, Eds.). Berghahn Books.
- Stenhouse, L. (1991). *Investigación y desarrollo del curriculum* (3ª ed.). Morata.
- Tavares, L. A., Maldonado, L. L., Almeida, L., Pereira, T. M., & Amaral, S. (2019). *Linha do tempo interativa no ensino de história*. *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 8(2). <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3522>
- Trouillot, M.-R. (1995). *Silencing the past: Power and the production of history*. Beacon Press.
- Virões, M. B. A. R. D. (2013). *O papel da escola na educação de valores* [Tese de Mestrado, Universidade Lusófona]. RECIL. <http://hdl.handle.net/10437/4831>
- Young, M., Lambert, D., Roberts, C., & Roberts, M. (2014). *Knowledge and the future school: Curriculum and social justice*. Bloomsbury Academic.

## Anexos

### Anexo 1 – Quadro XVIII – Sistema de categorias: Dimensão - Concepções

Categoria: Liberdade							
Anos de escolaridade	Existe	Não Existe	Existe em parte	Capacidade de escolha	Libertinagem	Elemento constitutivo da identidade da pessoa	Direitos Humanos / valores democráticos
7º ano	5	15	-	-	-	-	-
8º ano	7	4	9	<p>“Para mim, liberdade é poder fazer tudo o que queremos sem sermos obrigados. Obviamente que não em tudo, também temos de cumprir deveres para ganhar direitos.”</p> <p>“Para mim liberdade é o direito de escolha”</p> <p>“Na minha perspectiva, liberdade</p>	<p>“Para mim, liberdade é sermos livres de fazermos o que quisermos, sem ter alguém para proibir ou travar a nossa liberdade.”</p> <p>“Liberdade é quando nós estamos livres de fazer o que quisermos, sermos felizes à nossa maneira e não à dos outros.”</p> <p>· “Liberdade é não estar preso a nada.”</p>	<p>“Quando não estamos dependentes de algo, quando podemos pensar como queremos, quando podemos sonhar, quando podemos ser nós próprios.”</p> <p>“Podermos ser nós próprios.”</p> <p>“Entendo que liberdade é sermos nós próprios,</p>	<p>“A liberdade, a meu ver, é um direito que todos deveríamos ter de ser livres.”</p> <p>“Ninguém merece ser tratado como escravo, todos deveríamos ser livres e felizes.”</p> <p>“É termos todos direitos iguais.”</p>

			<p>é poder fazer as coisas por vontade própria e não sob vontade de alguém.”</p> <p>“Liberdade é poder fazer o que me apetece, tolerando e respeitando o outro.”</p>	<p>“A liberdade é a sensação que temos quando não temos obrigações nem preocupações que dá a ideia de que estamos livres de tudo.”</p>	<p>sem medos e sermos livres.”</p>	<p>“É o direito de expressarmos os nossos sentimentos e ideias.”</p> <p>“Liberdade, na minha opinião, é o direito que uma pessoa tem de se expressar.”</p> <p>“A liberdade para mim é uma pessoa ter os mesmos direitos que as outras pessoas, como por exemplo, andar na rua sem se preocupar.”</p> <p>“A liberdade é ter o direito de ter direitos e ser uma pessoa livre.”</p> <p>“Significa que todos somos iguais, logo devemos ter direitos iguais.”</p> <p>“Podemos ser nós próprios e termos todos direitos iguais.”</p>
--	--	--	--	--	------------------------------------	--

							<p>“A liberdade é a liberdade de expressão e os direitos que cada indivíduo possui.”</p> <p>“É quando uma pessoa tem os seus direitos.”</p>
10º ano (1.º questionário)	-	-	-	<p>“Escolher o que queres ser.”</p> <p>“Para mim ser livre é fazer tudo o que entender, mas claro dentro da lei e sem ofender ninguém.”</p> <p>“Ser feliz, ter um trabalho que gostamos”</p> <p>“Conseguir ter opções para o dia a dia.”</p> <p>“Para mim ser livre é fazer o que eu quiser,</p>	<p>“Para mim ser livre é fazer o que bem nos apetece. Viver sem regras, sem compromissos, sem dívidas, não viver dependente de algo.”</p> <p>“Para mim, ser livre é viver independente de alguém, pelas minhas próprias regras e pelo meu próprio código de honra, sem ter de estar submisso aos favores de alguém.”</p>	<p>“Ser livre é podermos ser nós mesmos.”</p> <p>“Ter opinião e pensamentos próprios.”</p> <p>“Ter autonomia e independência para tomar decisões, agir e exercer direitos e deveres.”</p>	<p>“Ter liberdade de expressão.”</p> <p>“Ser livre é ter direitos e ter respeito pelo mundo.”</p> <p>“Para mim ser livre é poder ter Direitos Humanos, poder expressar a minha opinião sem ser julgado e criticado.”</p> <p>“Ser livre é ter liberdade de expressão e de viver sem ser julgado, no entanto devemos respeitar as leis.”</p> <p>“É ter direito de expressão própria.”</p>

			<p>respeitando os direitos e deveres que tenho a cumprir.”</p> <p>“Para mim, ser livre é fazer escolhas por si próprio.”</p> <p>“É fazer as minhas próprias decisões.”</p> <p>“Para mim ser livre é poder ter as minhas próprias decisões.”</p> <p>“Poder fazer as nossas próprias escolhas”</p> <p>“Ter poder de escolha.”</p> <p>“Ter liberdade de escolha.”</p>			<p>“Ser livre é ter liberdade e ser digno de poder expressar a minha opinião.”</p> <p>“É termos o direito de pensarmos por nós.”</p> <p>“Ter todos os Direitos Humanos”</p> <p>“Poder expressar a nossa opinião sem medo.”</p>
--	--	--	--	--	--	--

10º ano (2.º questionário)	-	-	-	<p>“Poder ter uma opinião própria e agir em conformidade com ela, tendo em conta o bem-estar do outro.”</p> <p>“Ser livre é ter uma escolha sua e partilhar a mesma com todos.”</p> <p>“Para mim, ser livre é ter a oportunidade de fazer escolhas por si só e não ter de depender de alguém para viver.”</p> <p>“Poder tomar as nossas decisões.”</p>	<p>“Poder fazer o que quiser”;</p> <p>“Para mim ser livre é poder viver sem ter alguém a mandar em mim, ou seja, fazer as próprias escolhas.”</p>	<p>“Ser feliz, sentir-me bem comigo mesmo, com os outros e no local onde estou.”</p> <p>“Ser livre é ter o poder de sermos o que queremos.”</p> <p>“Poder ter uma opinião própria e agir em conformidade com ela, tendo em conta o bem-estar do outro.”</p> <p>“Para mim, ser livre significa ter autonomia sobre as minhas escolhas e ações.”</p>	<p>“Ser livre é respeitar sempre o próximo e ter consciência das nossas ações.”</p> <p>“Respeitar a lei e o próximo.”</p> <p>“Para mim ser livre é exercer os nossos direitos e deveres”</p> <p>“Para mim ser livre é viver com liberdade de expressão, por exemplo, ou seja, viver sem algo que nos impede de fazer alguma coisa.”</p> <p>“Para mim ser livre é poder ir à rua sem ter medos, é ter o direito de expressar os nossos pensamentos.”</p> <p>“Ser livre de dar a nossa opinião.”</p>

“Para mim, ser livre é não ser propriedade de nada nem de ninguém, poder disfrutar dos meus direitos sem que ninguém os “trave” ou proíba.”

“Poder expressar as minhas opiniões.”

“Podemos usufruir dos nossos direitos sem sermos impedidos.”

“Ser livre é poder expressar as nossas opiniões, ter o direito de votar, fazermos várias coisas, mas sempre respeitando a lei.”

“Ser livre para mim é ter direitos.”

“Ser livre é conseguir ter todos os direitos humanos disponíveis quando quiser”.

							<p>“Ser livre para mim é ter direitos, ser feliz.”</p> <p>· “Poder viver sem ser privado de quaisquer direitos.”</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

**Anexo 2 - Quadro XIX – Sistema de categorias: Dimensão – Concepções**

Categoria: Escravatura							
Anos de escolaridade	Existe	Não Existe	Subjugação do ser humano	Violação dos Direitos Humanos	Inferiorização étnica do ser humano	Ausência de autonomia moral	Sentir-se obrigado a algo
7º ano (questionário)	26	0	-	-	-	-	-
8º ano (questionário)	-	-	“São tratados como lixo e como animais. Isto é triste porque eles também são humanos, mas não são tratados como tal.”	“Os escravos trabalham para os seus senhorios como se fossem propriedade deles sem quaisquer direitos e regalias.”	“Vejo o escravo moderno como uma pessoa de etnia negra ou africana.”	-	-

		<p>“São tratados como objetos que servem para servir os outros e para serem explorados.”</p> <p>“Vejo como pessoas que eram consideradas sem futuro e vistas como objetos, os quais achavam que tinham o direito de vendê-las e comprá-las.”</p> <p>“No escravo da modernidade vejo uma pessoa a realizar trabalhos árduos sem condições humanas.”</p> <p>“Eram mal tratados, não sendo considerados humanos.”</p> <p>“O escravo da modernidade era alguém que era forçado a fazer trabalhos duros contra a sua vontade.”</p> <p>“São tratados como objetos que servem para servir os outros e para serem explorados.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· “Os escravos não tinham direitos, como o direito ao ensino, o direito ao voto, etc.”</li> <li>· “Uma pessoa que não tem direitos.”</li> </ul>	<p>“A escravatura iniciou-se após os descobrimentos, no século XV. Precisavam de mão de obra e de alguém que trabalhasse nas plantações, então foram trazidos escravos vindos de África para a realização destes trabalhos.”</p> <p>“Eu vejo os escravos da modernidade como pessoas diferentes, por não serem iguais aos brancos “superiores”.</p> <p>“Os escravos da Época Moderna eram pessoas de raça negra que eram</p>	
--	--	--	--	--	--

					<p>obrigadas a fazer trabalhos contra a sua vontade, enquanto as pessoas de raça branca só davam ordens aos mesmos.”</p> <p>“O escravo era muito discriminado por ser negro e passava por muito, tinha de ser forte e corajoso, eles até chegavam a ser masoquistas, de tanto que sofriam e queriam continuar a viver.”</p> <p>“Os escravos desta altura eram negros, normalmente de África, pois as grandes potências achavam os negros</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					inferiores aos brancos.”		
8º ano (textos)			<p>“Se eu fosse escravo vivia confuso e com medo por não saber o que acontecia no barco, faria alguma coisa para conseguir a liberdade e para que não fossemos tratados assim.”</p> <p>“Se eu fosse escravo eu gostaria de ter respeito. Iria ser difícil para mim ter de fazer tarefas que os escravos faziam e seria difícil ter a vida que eles tinham. Iria sentir-me triste e furiosa, pois iria ter de trabalhar enquanto as pessoas que não são escravas iriam obrigar-me a trabalhar.”</p> <p>“Ser escravo devia ser o inferno na própria terra... trabalho, fome, miséria, tortura... é difícil pensar. Como escravo, sentira-me inferior.”</p>	<p>“Iria seria uma rapariga muito triste e sem direitos nenhuns.”</p> <p>· “Como todos nós sabemos um escravo é uma pessoa que não tem direitos, não tem liberdade.”</p>			

		<p>“No geral, sentia-me inferior às outras pessoas, provavelmente seria muito maltratada.”</p> <p>“Se eu fosse escrava iria sentir-me inferior, triste e injustiçada, pois ninguém merece passar por isso, não é vida para ninguém.”</p> <p>“Se eu fosse escravo acho que iria ser horrível porque iria ter de trabalhar de 12 a 15 horas por dia ao sol ou durante a noite e não iria aguentar. Eu seria como uma mercadoria e iria sofrer com muita fome, sede e inúmeras doenças.”</p> <p>“Se eu fosse um escravo, sentia-me triste, inferior, revoltada, entre outros, pois a vida de escravo é uma vida muito complicada que ninguém merece ter.”</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>“Sentia-me muito irritado e chateado, porém não iria poder demonstrar esse desgosto, pois se o escravo se mostrasse com uma opinião oposta aos seus “comandantes” podia sofrer punições muito graves.”</p> <p>“Se eu fosse escrava sentira-me obrigada a fazer tudo e com raiva porque não podia fazer nada, só obedecer.”</p> <p>“Uma pessoa que sofre muito ao nível físico e mental, que é mandado pelos outros ao nível do trabalho e também noutras situações, sem receber nada em troca. Sentia-me desvalorizada, diferente das outras pessoas, sem confiança para avançar num futuro próximo, esfomeada, pois os escravos não eram bem alimentados e claramente não me iria sentir</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>limpa devido à falta de higiene que havia.”</p> <p>“Ser escravo é algo duro e cansativo, ter que trabalhar horas por dia sem descanso e sem receber nada, para além de condições desumanas de vida e maus-tratos. Estas condições são aterrorizantes e assustadoras.”</p> <p>“Se eu fosse escravo, provavelmente eu não suportaria aquelas condições. Os escravos eram vistos como produtos e não como pessoas. Eram postos em navios para serem levados para os campos das colónias. Durante os navios eles mal eram alimentados e passam dias acorrentados.”</p> <p>“Se eu fosse um escravo, não sei como me sentia, atualmente não é muito comum ouvir falar</p>				
--	--	--	--	--	--	--

			sobre escravidão, e sinceramente, para mim é um pouco impossível saber como descrevê-la. Devia ser uma imensa tristeza, sempre imaginei um futuro brilhante e cheio de amor, felicidade e honestidade, mas se fosse escravo não sei se o iria conseguir alcançar.”				
10º ano (1.º questionário)	16	4	<p>“Escravidão para mim, é o uso de pessoas para trabalhar e serem vendidas pelos seus superiores.”</p> <p>“Escravidão é forçar alguém a trabalhar sem receber dinheiro.”</p> <p>“Escravidão é o abuso de seres humanos para trabalhar sem receber algo em troca.”</p> <p>“Trabalho forçado sem remuneração.”</p>	<p>“Violar os Direitos Humanos, não respeitar o homem.”</p>	<p>“Abuso de pessoas de outra raça.”</p> <p>“Forçar pessoas negras a trabalhar em condições desumanas.”</p>	-	

		<p>“Prática social em que um ser humano assume direitos/propriedades sobre o outro.”</p> <p>“Para mim, a escravatura é um ato desumano de tortura.”</p> <p>“A escravatura é uma prática cruel em que pessoas são mandadas forçadamente por outras.”</p> <p>“A escravatura é a prática social em que um ser humano assume direitos, propriedades sobre outro, que é designado escravo.”</p> <p>“A escravatura é o trabalho forçado.”</p> <p>“Escravatura é quando um ser humano se sujeita a outro ser humano a condições de vida desumanas, seja horas de</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>trabalho forçado ou qualquer outra coisa.”</p> <p>“Uma forma de violência, abusos psicológicos e físicos.”</p> <p>“Obrigar alguém a exercer serviços de forma forçada.”</p> <p>“Obrigar pessoas a trabalhar de graça num ambiente desumano e sem quaisquer condições.”</p> <p>“Escravidão é o desvalorizar e maus-tratos aos maus pobres.”</p> <p>“Escravidão é obrigar um ser humano a fazer o que outro ser humano quer e maltratá-lo caso recuse.”</p> <p>“A escravidão é a compra e venda de escravos, comercialização de pessoas definidas como propriedades.</p>				
--	--	---	--	--	--	--

			<p>Uma pessoa submete-se á vontade da outra, não é livre.”</p> <p>“Para mim, escravatura é um ato de superioridade que pessoas exercem sobre os mais frágeis, obrigando-os a fazer coisas sem nada em troca.”</p> <p>“É quando um ser humano assume propriedades (manda) em outro ser humano. A escravatura pode ser física ou moral.”</p>				
<b>10º ano (2.º questionário)</b>	18	1	<p>“Escravatura é perder toda a liberdade, ser vítima não só de forma verbal como também de forma física.”</p> <p>“Escravatura, para mim, é quando um ser humano exprime direitos de propriedade sobre outra pessoa.”</p>	<p>“A escravatura consistiu em discriminações civis como o racismo e a violação dos direitos humanos.”</p> <p>“Para mim, escravatura é a privação de direitos humanos.”</p>	<p>“A escravatura consistiu em discriminações civis como o racismo e a violação dos direitos humanos.”</p> <p>“A escravatura é pessoas maioritariamente</p>	-	<p>“Escravatura é quando somos obrigados a fazer algo que não queremos, é fazermos os tpc’s dos outros, às vezes até nem nos apercebemos que estamos a ser escravos de algo.”</p>

		<p>“Uma pessoa é tratada abaixo de ser humano ou sequer de ser vivo.”</p> <p>“Para mim, escravidão é obrigar alguém a trabalhar em condições desumanas. Escravidão é o antônimo de liberdade.”</p> <p>“Escravidão para mim, é quando as pessoas são obrigadas a fazer algo e não recebem pelo trabalho que fazem.”</p> <p>“Escravidão é submeter um ser humano a ser autoridade de outro e por isso diminuí-lo ao significado de um objeto.”</p> <p>“Obrigar alguém a efetuar trabalhos (a maioria forçados) contra a sua vontade.”</p>	<p>“Escravidão é alguém sem direitos e só com deveres.”</p> <p>“Prática de forçar indivíduos a trabalhar sem remuneração, liberdade ou direitos, muitas vezes sob violência grave dos direitos humanos.”</p> <p>“A escravidão é um ato contra qualquer ser humano. Não tem direitos humanos e não pode dar a sua opinião.”</p> <p>“Escravidão é o contrário de liberdade.”</p>	<p>de pele negra que são forçadas a trabalhar sem receber.”</p>		<p>“Escravidão é quando alguém é obrigado a fazer algo que não quer contra a sua vontade.”</p>
--	--	---	--	---	--	--

		<p>“Para mim, a escravatura é o trabalho forçado em condições desumanas.”</p> <p>“Para mim, escravatura é obrigar o outro a trabalhar de graça contra a sua vontade e é o antónimo de liberdade.”</p> <p>“A escravatura é trabalhar para alguém sem receber nada e, também, realizar muitas horas de trabalho em condições precárias.”</p> <p>“Escravatura é perder toda a liberdade, ser vítima não só de forma verbal como também de forma física.”</p> <p>“Para mim, escravatura é obrigar alguém a trabalhar em condições desumanas. Escravatura é o antónimo de liberdade.”</p>				
--	--	--	--	--	--	--

			“Escravidão é algo terrível, é algo que não se pode ser livre.”				
--	--	--	---	--	--	--	--

**Anexo 3 – Quadro XX – Sistema de categorias: Dimensão - Concepções**

<b>Discriminação e Direitos Humanos</b>						
<b>Escravidão:</b>	<b>Existe relação com a condição do negro na atualidade</b>	<b>Não existe relação com a condição do negro na atualidade</b>	<b>Atentado contra a dignidade humana</b>	<b>Exploração laboral / infantil</b>	<b>Ausência liberdade e igualdade</b>	<b>Ausência do direito à vida, saúde, família e educação</b>
<b>7º ano (questionário)</b>	<p>“Sim, influenciou e continua a influenciar, pois foi ficando pior enquanto passa mais tempo.”</p> <p>“Sim, porque os negros continuam a ser discriminados.”</p>	-	-	-	-	

“Sim, pois alguns atos deste século foram passados até hoje em dia.”

“Na minha opinião eu acho que influencia porque hoje em dia as pessoas continuam a discriminar as pessoas negras.”

“Sim, porque naquela altura, em Portugal, a escravatura era feita com negros.”

“Sim, a desigualdade entre sexos e a discriminação relativamente à cor da pele, pois pensavam que eram inferiores.”

“Sim, porque hoje em dia o racismo, machismo e a homofobia são coisas comuns no nosso dia a dia.”

“Sim.”

	<p>“Sim, porque hoje em dia ainda existem atitudes racistas, devido à história e ao passado.”</p> <p>“Sim, pois ainda hoje existe racismo.”</p> <p>“Sim, porque hoje em dia ainda existem desigualdades sociais relativamente à cor da pele, por exemplo.”</p>					
<p>8º ano (questionário)</p>	<p>“A discriminação existe sim na atualidade por causa da condição dos negros na Época Moderna.”</p> <p>“Ainda existe discriminação como anteriormente, felizmente os casos de racismo têm vindo a diminuir. Supostamente o racismo pode estar relacionado com a Época Moderna e como as pessoas</p>	<p>“Não propriamente, a discriminação atual vai além da condição do negro na Época Moderna.”</p>	-	-	-	

negras eram tratadas como inferiores.”

“Eu acho que sim, hoje em dia muitas pessoas tratam humano (de etnias, culturas, raças, cores e costumes) diferentes, mal, discriminando-lhes ou pior.”

“Considero que a discriminação ainda exista na atualidade em todos os países e o racismo ainda existe em certos países.”

“Atualmente ainda se observa muita discriminação infelizmente e poderá ser devido à Época Moderna, mas não só, pois as pessoas hoje em dia não respeitam e dizem o que pensam sem pensar se irá magoar alguém.”

“Sim, considero que a discriminação ainda existe na atualidade e que está relacionada com a condição do negro na Época Moderna.”

“Na minha opinião acho que os negros são discriminados hoje em dia e os brancos não são. Por exemplo, se acontecer algum acidente e tiver um suspeito de raça branca e um de raça negra, os polícias vão discriminar os negros e não os brancos.”

“Sim, a discriminação existente na atualidade, está relacionada não só com o negro da modernidade, mas também com outro tipo de situações.”

“Sim, a discriminação existe hoje em dia e pode estar

relacionada com a condição do negro na Época Moderna.”

“Na minha opinião acho que tem um pouco a ver com a condição do negro na Época Moderna, até porque as pessoas têm mais tendência a contratar alguém branco do que negro, por exemplo.”

“Sim, pois o negro era escravizado antigamente, então as pessoas acham que estes são inferiores.”

“Sim, obviamente existe discriminação na atualidade, sempre que o ser humano vê alguém “diferente” muitas vezes no mínimo “olha de lado”, e sim pode ter muita relação, pois sem a escravatura antigamente, se calhar não teríamos tantos problemas.”

“Sim, pois a discriminação cada vez mais nos acompanha no dia a dia.”

“Atualmente a discriminação racial ainda existe.”

“Sim, mesmo existindo desde há muito tempo, ainda permanece tal como o racismo.”

“Atualmente existem várias demonstrações de discriminação (racismo, xenofobia) e eu acho que está relacionado com a escravatura de pessoas de raça negra na Época Moderna.”

“Ainda existe discriminação, seja com pessoas com orientações sexuais diferentes, com pessoas de pele diferente ou com pessoas de outros países.”

<p>10º ano (1.º questionário)</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>“A partir do momento em que eles não tinham direito a nada.”</p> <p>“Os escravos não tinham condições de higiene, eram tratados como animais.”</p> <p>“A escravatura penso que viola os Direitos Humanos, a proteção do cidadão”</p> <p>“Ninguém tem de ser tratado como mercadoria e ser dependente de um superior.”</p> <p>“Não permite que os escravos tenham direitos e condições humanas.”</p> <p>“Maus-tratos.”</p>	<p>“Viola os Direitos Trabalhistas.”</p> <p>“Trabalho forçado e trabalho infantil.”</p> <p>“A escravatura viola os Direitos Humanos com trabalho forçado e trabalho infantil.”</p> <p>“Condições de trabalho, número de horas a trabalhar.”</p> <p>“A escravatura maltrata os trabalhadores, em termos de salário, condições de trabalho e número de horas.”</p> <p>“A escravatura sujeitava os</p>	<p>“Viola o direito à igualdade”</p> <p>“Viola a liberdade de expressão.”</p> <p>“A escravatura viola a liberdade dos seres humanos.”</p> <p>“Viola a liberdade.”</p> <p>“Não permite que os escravos tenham direito à sua escolha.”</p> <p>“Viola o direito à liberdade.”</p>	<p>“A escravatura moderna viola o direito à alimentação e à saúde.”</p> <p>“A escravatura moderna viola o direito à educação.”</p> <p>“Viola o direito à família.”</p>
-----------------------------------	----------	----------	--	---	--	--

			<p>“Viola o direito à dignidade.”</p>	<p>escravos a muitas horas de trabalho, sem direito a comida e a descanso.”</p> <p>“Viola as condições básicas do meio de trabalho.”</p> <p>“Viola o direito ao trabalho.”</p> <p>“Acredito que a escravatura viola os Direitos Humanos principalmente no trabalho forçado.”</p> <p>“Exploravam as crianças – escravatura infantil e exigiam que as pessoas trabalhassem mais – trabalho forçado.”</p>	<p>“Todos têm o direito a viver livremente, coisa que os escravos não têm.”</p>	
--	--	--	---------------------------------------	--	---	--

<p><b>10º ano (2.º questionário)</b></p>	<p>“A escravatura da época moderna gera racismo na atualidade.”</p> <p>“A escravatura deixou-nos várias coisas que nos dias de hoje atormentam as pessoas, como o racismo e o homofobismo.”</p> <p>Na atualidade, as marcas que a escravatura deixou como legado são a discriminação, o racismo e o preconceito.”</p> <p>“O legado que a escravatura nos deixou foi o racismo e a xenofobia.”</p> <p>“Racismo / discriminação.”</p> <p>“A escravatura deixou-nos na atualidade vários aspetos como o racismo, pois ainda</p>	<p>-</p>	<p>“Os escravos não tinham condições nenhuma, viviam sem higiene”</p> <p>“Viola os Direitos Humanos principalmente por ser ilegal”</p>	<p>“Por exemplo na China atualmente ainda há muito trabalho infantil.”</p> <p>“Viola os direitos humanos, colocando as pessoas a trabalhar excessivamente.”</p> <p>“Más condições, muitas horas de trabalho e salário mau.”</p> <p>“Exploração no trabalho e infantil, por exemplo.”</p> <p>“Através das condições nos locais de trabalho e as horas de trabalho</p>	<p>“A escravatura da idade moderna viola os direitos humanos ao tirar a liberdade ao escravo.”</p> <p>“Todos têm o direito à segurança pessoal, à liberdade, a escravatura faz com que muitos não tenham isso.”</p> <p>“Remove a liberdade das pessoas como por exemplo a liberdade de expressão.”</p>	<p>“Todos têm o direito à vida, a escravatura faz com que muitos não tenham isso.”</p>

	<p>existem pessoas que acham pessoas de pele negra inferiores.”</p> <p>“A escravatura deixou-nos o racismo e a xenofobia.”</p> <p>“A escravatura da época moderna deixou na atualidade o racismo e a discriminação.”</p> <p>“Na atualidade é possível ver que os países menos desenvolvidos têm um atraso precisamente por terem sido alvo de muita escravatura. Para além disso, consegue-se ver ainda muito racismo e xenofobia nos dias de hoje.”</p> <p>“Racismo e desigualdade sexual.”</p> <p>“Racismo / discriminação.”</p>			<p>por um salário escasso.”</p> <p>eram forçados a trabalhar como se fossem animais.”</p> <p>“Exploração; abuso, etc.”</p>	<p>“Viola os Direitos Humanos pois privava os escravos de uma vida livre em que seguem por si e são tratados como devidos seres humanos. Pelo contrário, eram tratados como mercadoria.”</p> <p>“A partir do momento em que obrigam as pessoas a fazer algo.”</p> <p>“A escravatura da época moderna viola os direitos</p>	
--	--	--	--	--	--	--

	<p>“A escravatura fez com que existisse racismo e desigualdade racial.”</p> <p>“O legado da escravatura da época moderna persiste na atualidade: desigualdade racial e social, injustiça e exploração económica.”</p> <p>“Racismo, discriminação, estereótipos, revoltas, protestos.”</p> <p>· “O legado deixado na atualidade é o racismo, pois quando estamos perante uma situação de desigualdade pensamos sempre nas pessoas negras e por isso existe a expressão “sou filho de preto?”</p> <p>“O legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade é o racismo.”</p>				<p>humanos de várias maneiras: violação da liberdade.”</p> <p>“A escravatura viola os direitos humanos pois os escravos não tinham liberdade de expressão.”</p> <p>“A escravatura é tudo menos ser livre e independente.”</p> <p>“Viola a liberdade de cada um.”</p> <p>“Retira a liberdade às pessoas, falta de condições, etc.”</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>“A escravatura viola os direitos humanos, pois a base dos DH é ser livre e termos a nossa própria opinião.”</p> <p>“Existe violação dos direitos humanos por exemplo com o racismo.”</p> <p>“A escravatura da época moderna viola os Direitos Humanos através do racismo.”</p>	
--	--	--	--	--	---	--

**Anexo 4 – Quadro XXI – Sistema de categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura**

Categorias:	Disciplinas	Metodologia / Estratégias
7º ano	História / Teatro e expressão dramática	<p><b>Construtivistas:</b> Peça de teatro; trabalhos de grupo</p> <p><b>Prescritivas:</b> Visualização de vídeos; aula expositiva através do manual, power point ou genially.</p>
8º ano	História	<p><b>Construtivistas:</b> Análise de um filme; análise de uma linha do tempo interativa; trabalhos de grupo; mini-debate.</p> <p><b>Prescritivas:</b> Visualização de vídeos; aula expositiva através do manual, power point ou genially.</p>
10º ano	História A	<p><b>Construtivistas:</b> Debate no auditório; debate em sala de aula.</p> <p><b>Prescritivas:</b> Visualização de vídeos; aula expositiva através do manual, power point ou genially.</p>

**Anexo 5 – Quadro XXII – Sistema de categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura**

Categoria: Pertinência do conteúdo				
Anos de escolaridade	Facto histórico	Compreensão da contemporaneidade	Não importante	Sociedade inclusiva
7º ano	<p>“Aprendi que os escravos eram de pele clara.”</p>	<p>“Até nos dias de hoje existe escravatura, tanto com negros, como com brancos, com homens e com mulheres e até mesmo com crianças.”</p> <p>“Aprendi que hoje em dia ainda existe escravatura em grandes quantidades e em diversos lugares.”</p> <p>“As pessoas negras ainda continuam a ser discriminadas.”</p> <p>“Não sabia que hoje em dia havia escravatura nas lojas.”</p> <p>“Hoje em dia as pessoas continuam a discriminar pessoas negras.”</p>	<p>“Não aprendi nada novo, já tinha aprendido nas aulas.”</p> <p>“Aprendi tudo no 6º ano.”</p> <p>“Já sabia tudo.”</p> <p>“Não, porque já sabia.”</p> <p>“Não, porque já tinha aprendido nas aulas.”</p> <p>“Não, porque já aprendi em aulas (5º e 6º ano).”</p>	<p>“Aprendi que as pessoas negras deviam ser tratadas igualmente às pessoas de pele clara.”</p> <p>“Aprendi que deveríamos ter mais empatia pelos outros.”</p>

		<p>“Hoje em dia ainda pensamos que a escravatura acontece só com negros.”</p> <p>“Ainda existe gente que faz escravatura com muitas pessoas.”</p> <p>“Existem muitos escravos atualmente.”</p> <p>“Aprendi que ainda existe muita escravatura hoje em dia.”</p> <p>“Aprendi que por mais que lutemos para mudar isto, a sociedade continua a discriminar as pessoas.”</p> <p>“Hoje em dia o racismo, machismo e homofobia, são algo muito comum no nosso dia a dia.”</p> <p>“Hoje em dia existe racismo relativamente à cor da pele.”</p>		
--	--	---	--	--

<p>8º ano</p>	<p>“O que aprendi de novo foi como era a vida de um escravo, a forma como os estados unidos aboliram a escravatura e a forma como os escravos eram transportados.”</p> <p>“Aprendi que os escravos da modernidade eram mais explorados, sacrificados e mandados do que pensava e que não tinham liberdade.”</p> <p>“Aprendi várias coisas novas como os escravos eram tratados antigamente e a procura de liberdade inexistente naquela altura.”</p> <p>“Antes não sabia que os escravos eram vendidos e traficados em navios, e aprendi isso nas aulas.”</p> <p>“Aprendi que nos barcos os escravos eram divididos entre homens e mulheres.”</p> <p>“Aprendi um pouco mais sobre o passado da escravatura.”</p>			<p>“Ainda existe discriminação, seja com pessoas de orientações sexuais diferentes, com pessoas de cor de pele diferente, ou com pessoas de outros países.”</p>
---------------	--	--	--	---

	<p>“Aprendi muito sobre a escravatura, pois fiquei a perceber vários conceitos.”</p>			
<p>10º ano (debate)</p>	<p>“O que distingue a antiguidade clássica dos descobrimentos é que os portugueses tinham colónias em África e no Brasil, como o clima do Brasil era mais tropical, os portugueses levam os africanos lá para mão de obra barata.”</p> <p>“Os escravos eram transportados em barcos, onde muitas das vezes iam com doenças, havia suicídios e muitos acabavam por morrer. Nem chegava metade dos escravos ao sítio previsto.”</p> <p>“As pessoas morriam nos mares e os restantes chegavam à América, isto porque levavam nos barcos o maior número de pessoas possível, morriam ou suicidavam-se, porque não</p>	<p>“Salientar que um exemplo de escravatura atual é na Coreia do Norte, as pessoas são escravas do seu próprio país, se fizerem o contrário vão para campos de concentração. Um turista americano foi preso injustamente por ter tirado uma foto, morreu por falta de comida e por torturas deitadas a ele nos campos de concentração.”</p> <p>“Na Europa ainda existe escravatura, talvez seja um pouco diferente, temos pessoas escravizadas e tráfico humano, como por exemplo no Algarve em Portugal, a trabalhar em condições miseráveis na</p>		<p>“Os estereótipos são devido ao facto dos negros irem para outros países e muitas das vezes serem criticados, pedindo-lhes para voltar para o país de origem, o que é um absurdo.”</p> <p>“As pessoas de raça negra são muitas vezes acusadas de coisas que não fizeram. Não se criam estigmas sobre os polícias, mas sim sobre a forma como eles lidam com pessoas negras.”</p>

	<p>conseguiam lidar com aquelas condições de vida.”</p>	<p>agricultura, empresas escravizam, vêm os seus direitos limitados, despedimentos sem justa causa. Vivem uma vida limitada por quem tem mais poder.”</p>		
<p>10º ano (1.º questionário)</p>	<p>“A escravatura antiga era para o trabalho agrícola, na época dos descobrimentos era para mão de obra.”</p> <p>“A escravatura antiga era maioritariamente com prisioneiros de guerra enquanto na época dos descobrimentos eram de cor negra.”</p> <p>“Os escravos eram das guerras na Roma Antiga, nos descobrimentos eram as pessoas de pele escura.”</p> <p>“Enquanto na escravatura antiga os escravos são pessoas locais,</p>	<p>“O racismo, ainda hoje existe muita discriminação.”</p> <p>“Tráfico humano hoje em dia.”</p> <p>“Na atualidade, continua a haver exclusão social dos de raça negra (principalmente), e ainda existem mentalidades mais antigas que têm preconceito e discriminam os desta raça.”</p> <p>“O legado que a escravatura moderna nos deixou foi o racismo.”</p>		

	<p>nos descobrimentos os escravos são tratados como mercadoria internacional.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Enquanto a escravatura antiga era muito mais comum e os escravos não eram considerados gente, na escravatura da época dos descobrimentos os escravos já eram considerados como gente.”</li> <li>· “Na escravatura antiga, os escravos eram maltratados, vendidos, abusados, enquanto na época dos descobrimentos eram apenas mercadoria.”</li> <li>· “Na escravatura antiga, os escravos eram prisioneiros de guerra, as pessoas eram castigadas, enquanto nos descobrimentos os escravos eram comprados.”</li> <li>· “Na escravatura antiga, os escravos eram bem tratados,</li> </ul>	<p>“Na escravatura, os escravos eram de raça negra, e atualmente, existe racismo também devido a isso.”</p> <p>“Um povo menos tolerante para com os negros e uma ética de trabalho desumano em certos lugares.”</p> <p>“Desigualdade social, racismo, xenofobia.”</p> <p>“A escravatura da época moderna deixou um legado duradouro que continua a impactar a sociedade atual de várias maneiras: racismo, desigualdade económica, trauma histórico, cultura e identidade.”</p> <p>“O legado que a escravatura nos deixou atualmente foi o racismo.”</p>		
--	---	--	--	--

	<p>eram pagos e tinham donos que lhes alimentavam saudavelmente, sendo que na escravatura da época dos descobrimentos, eles não eram pagos, morriam à fome, sede e não tinham saúde.”</p>	<p>“O racismo entre as pessoas.”</p>		
<p>10º ano (2.º questionário)</p>	<p>“Na escravatura do Egito, os escravos eram bem tratados, tinham comida dada pelo dono deles. Na época dos descobrimentos era violência, falta de higiene, escravos vindos de África de pele negra que muitas vezes cometiam suicídio ao invés de trabalhar.”</p> <p>“A escravatura antiga era menos violenta do que na época dos descobrimentos, pois na época dos descobrimentos, muitos morriam, suicidavam-se em alto mar, em barcos.”</p>	<p>“A escravatura da época moderna gerou racismo na atualidade.”</p> <p>“Na atualidade, as marcas que a escravatura deixou como legado foram a discriminação, o racismo e o preconceito.”</p> <p>“Ainda existem muitas pessoas racistas, existe muito abuso infantil, ou seja, pessoas a pôr crianças a trabalhar.”</p> <p>“Atualmente, existem muitas empresas que</p>		<p>“Ainda existe escravatura em diversos lugares do mundo afetando milhões de pessoas. É importante lutar contra isso.”</p>

	<p>“A escravatura antiga era constituída por pessoas brancas, sendo estas prisioneiros de guerra, entre outras coisas. Por outro lado, na época dos descobrimentos, os escravos eram seres humanos de cor.”</p> <p>“Na escravatura antiga, os escravos eram de pele clara e residentes de Roma ou do Egito. Na escravatura da época dos descobrimentos, os escravos eram “arrancados” das suas naturalidades e a larga maioria era de pele escura.”</p> <p>“Na escravatura antiga os escravos eram maioritariamente da mesma “zona”, já nos descobrimentos, começaram a trazer escravos de outros países.”</p> <p>“Na escravatura antiga, os escravos provinham de todas as etnias, já na época dos descobrimentos, os escravos</p>	<p>procuram jovens e crianças para trabalharem por um longo tempo com pouco descanso e sem terem dinheiro ou pagamento.”</p> <p>“A escravatura deixou-nos na atualidade vários aspetos como o racismo, pois ainda existem pessoas que acham que pessoas de pele negra são inferiores.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· “A escravatura deixou-nos o racismo e a xenofobia.”</li> <li>· “Em certos países ainda há muita escravatura para as mulheres e crianças em forma de troca de bens, são vendidas a certas sociedades para serem exploradas.”</li> <li>· “A escravatura da época moderna deixou na</li> </ul>		
--	---	---	--	--

	<p>vinham quase todos de África, sendo assim a raça negra considerada inferior.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· “Na Roma Antiga, os escravos eram brancos e na época dos descobrimentos eram negros e tratados como objetos.”</li> <li>· “A escravatura antiga os escravos eram essencialmente prisioneiros de guerra e pessoas que cometiam crimes, enquanto nos descobrimentos eram essencialmente pessoas de pele negra, pois estes eram considerados inferiores aos de pele branca.”</li> <li>· “A escravatura antiga envolvia a captura de prisioneiros de guerra, dívidas ou nascimento, com poucas oportunidades. Na era dos descobrimentos, a escravatura nas américas era baseada na escravização em massa de</li> </ul>	<p>atualidade racismo e discriminação.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· “Ainda hoje existem marcas da escravatura, através do racismo, da discriminação.”</li> <li>· “Na atualidade é possível ver que nos países menos desenvolvidos ainda existe escravatura. Para além disso, consegue-se ver muito racismo e xenofobia nos dias de hoje.”</li> <li>· “Embora ilegal, ainda existe muita escravatura, só que, como tudo o resto ilegal, existe de forma escondida e nos países menos desenvolvidos, onde se exploram pessoas no trabalho, principalmente.”</li> <li>· “A escravatura fez com que existisse o racismo e fez com</li> </ul>		
--	---	---	--	--

	<p>africanos, baseada na ideia de superioridade racial e cultural.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· “Na Roma Antiga e nas civilizações antigas os escravos eram bem tratados podendo até ser livres, enquanto os escravos da época dos descobrimentos eram mal tratados, viviam em condições desumanas e eram tratados como peças.”</li> <li>· “A escravatura antiga era realizada por moradores da própria cidade, quanto a escravatura moderna era feita pelos povos de outros continentes, como por exemplo os africanos.”</li> </ul>	<p>que houvesse desigualdade racial.”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· “O legado que a escravatura da época moderna deixou na atualidade foi o racismo.”</li> <li>· “O legado deixado na atualidade é o racismo, pois quando estamos numa situação de desigualdade pensamos sempre nas pessoas negras e por isso existe a expressão: sou filho de preto?”</li> <li>· “Ainda existe tráfico humano, além de países como os EUA contratarem pessoas para trabalhar em trabalhos pesados e recebem pouco valor monetário.”</li> </ul>		
--	---	--	--	--

**Anexo 6 - Quadro XXIII – Sistema de categorias: Dimensão – Ensino da Escravatura**

<b>Categoria: Novos conceitos</b>			
<b>Anos de escolaridade</b>	<b>A “escravatura digital”</b>	<b>Leis jim Crow</b>	<b>Pessoa – objeto</b>
<b>7º ano</b>	<p>“Aprendi que temos de ficar mais longe do telemóvel, porque quando pensamos em mandar mais e mais mensagens perdemos tempo com a família.”</p> <p>“Aprendi acerca da escravatura digital, pois não sabia que havia escravatura digital através das aplicações.”</p> <p>“Aprendi que existe apenas a escravatura de antigamente que também já existe a escravatura digital.”</p> <p>“Aprendi que ainda existe escravatura, também que nós achávamos que tínhamos liberdade, mas usamos muito o telemóvel.”</p> <p>“As redes sociais podem ser consideradas escravatura digital.”</p> <p>“As pessoas de hoje em dia são agarradas aos telemóveis, ou seja, as pessoas amam ser escravizadas pelos telemóveis.”</p> <p>“Hoje em dia existe escravatura digital, pois às vezes não nos apercebemos, mas já passamos várias horas ao telemóvel ou tablet.”</p>		

	<p>“Atualmente o ser humano “ama quem o escraviza” pois adora o digital.”</p> <p>“O telemóvel pode servir de um meio de escravização, chamada a escravatura digital.”</p> <p>“As redes sociais podem nos fazer mal e viciar.”</p> <p>“A tecnologia faz nos depender dela.”</p> <p>“Somos escravos do telemóvel.”</p> <p>“Por exemplo, o telemóvel, muita gente é dependente dele, no lugar de passar tempo com a família, ficam no telemóvel.”</p> <p>“Somos escravos do telemóvel.”x3</p> <p>“Somos escravos da tecnologia por escolha própria.”</p>		
8º ano	<p>“Muitos de nós pensam que são livres, de alguma forma somos, mas é porque porque não pensamos na dependência que, por exemplo, temos da tecnologia. Por exemplo, quando estamos a estudar, o telemóvel toca, conseguimos-nos distrair 1 hora se calhar. Não nos apercebemos que estamos dependentes dele e que mesmo que nos faça mal, adoramos passar tempo nele, o que nos faz pensar que somos livres, mas somos todos “escravos” da tecnologia.”</p> <p>“Passamos horas nas tecnologias”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· “Não tinha conhecimento de que existia a divisão de lugares como a casa de banho para negros e para brancos.”</li> </ul>	

“Estas frases referem-se à tecnologia e como ela “controla” a nossa vida, pois sempre que recebemos uma notificação temos o impulso de ir ver, eu acho que a tecnologia afeta mais a nossa vida do que deveria.”

“Isto acontece, por exemplo, com as tecnologias, que as pessoas estão sempre coladas a elas e não aguentam um dia sem as usar, mas gostam disso.”

“A frase refere-se aos telemóveis, pois estes captam a nossa atenção, fazendo-nos ser dependentes deles, porém gostamos dos telemóveis. A nossa sociedade, no geral, considera-se livre, esquecendo-se de que ainda em muitos aspetos, não somos livres.”

“Estas frases transmitem uma mensagem bastante comum na atualidade: a dependência que nós temos em pessoas ou objetos. Como por exemplo, passamos horas e horas em frente a telas tecnológicas e pensamos que é normal, porém não é. A escravatura não é apenas o que aconteceu no passado, mas sim o que está a acontecer no momento.”

“Por um lado, temos a tecnologia, nós somos totalmente dependentes desta, sem nos apercebermos, fazendo com que seja escravatura, que nos amamos e sentimo-nos “livres”.”

“Como a professora disse, e muito bem, o exemplo das tecnologias é um bom exemplo para a nossa sociedade atual, onde estamos presos durante horas em frente a um ecrã sem nos darmos conta do que nos rodeia, a nossa realidade, a situação do mundo e as horas que perdemos em frente ao ecrã. Pensamos que somos livres, mas na verdade não somos.”

	<p>“Podemos ver hoje em dia, como a tecnologia, muitas vezes faz-nos estar dependentes dela e somos escravizados por ela de uma maneira que não nos deixa viver a vida.”</p>		
<p>10º ano (debate)</p>	<p>“Escravidão não é só cor de pele, dando o exemplo dos telemóveis e do vício que nos consome mais do que achamos. Eu acho que é tudo tão visual que acabamos por estar sempre estimulados com informações novas que muitas vezes nem são importantes. Passamos demasiadas horas lá e tiramos tempo com as pessoas que gostamos.”</p> <p>“Ao nível da escravidão digital, não se trata só do tempo, mas também molda as nossas opiniões e forma de vida, como por exemplo, a linguagem das crianças de atualmente (brasileiro / inglês), existe dificuldade em expressar aquilo que sentem, na comunicação e os vídeos que se tornam populares são os que menos acrescentam às nossas vidas. A ignorância acaba por nos limitar e ser uma forma de escravidão, a nossa geração acaba por ficar para trás, não aprendemos aquilo que é devido e perdemos a nossa liberdade de escolha, ficamos limitados.”</p>		
<p>10º ano (2.º questionário)</p>	<p>“Para além do facto de muitos países permitirem a escravidão e a praticarem, mais predominantemente existe a escravidão digital que prende milhares de pessoas a um dispositivo, sem palavra nos seus deveres e sem liberdade de pensamento.”</p>		<p>“Na época dos descobrimentos eram tratados como objetos e na época antiga eram tratados como pessoas e eram bem tratados.”</p>

<p>“Através do trabalho forçado em certas empresas e também da escravatura sexual, tecnológica, etc.”</p> <p>Escravatura digital, sexual, trabalho forçado e em fábricas, como por exemplo a Shein.”</p> <p>“Hoje em dia é fácil sermos “escravos”, pois somos muito dependentes da internet através dos telemóveis e computadores, a isto chamamos escravatura digital.”</p> <p>“Utilizamos a internet sem pensarmos que estamos presos ao mundo digital, além de termos sempre alguém algures no mundo a saber o que estamos a fazer na internet.”</p> <p>“A escravatura também existe nos dias de hoje com as tecnologias, pensamos que somos livres, mas no fim estamos sempre aprisionados ao ecrã.”</p> <p>“Apesar da pessoa pensar que está “livre”, está sempre agarrada ao telemóvel.”</p> <p>“Submetemo-nos a um vício muito comum hoje em dia, no qual a maior parte das pessoas não se apercebem que são escravas ou, de certa forma, “propriedade” das plataformas digitais.”</p> <p>“Ficamos viciados sem nos apercebermos, só que hoje em dia é muito fácil vivermos no mundo digital, porque ao longo dos anos o mundo</p>		<p>“Na Roma Antiga, os escravos eram brancos e na época dos descobrimentos eram negros e tratados como objetos.”</p>
--	--	--

foi evoluindo e o mundo digital é o que está mais presente nos dias de hoje.”

“Hoje em dia muitas pessoas pensam que a escravidão acabou, mas não, hoje ela existe de uma forma diferente, como por exemplo através da tecnologia, é um tipo de escravidão, a escravidão digital, pois a maioria das pessoas estão presas ao telemóvel mesmo achando que não. Muitas pessoas perdem tempo com pessoas que gostam para esperar uma mensagem. Logo essas pessoas são escravizadas pela média.”

“As pessoas pensam que são livres por poderem fazer e dizer o que querem, porém são completamente “escravos” das tecnologias e estão demasiado presas e focadas nos media.”

“O excessivo uso do telemóvel faz com que haja dependência, dado que é algo que vicia as pessoas.”

“Muitos de nós, principalmente da nossa faixa etária da juventude, julga que é livre, mas não se apercebem que dependem do telemóvel para sobreviver. Julgam ter pensamento livre, mas este é constantemente moldado pelas redes sociais.”

“Quando pensamos que somos livres, estamos a ser escravos da nossa própria mente ou dos aparelhos eletrónicos, redes sociais, etc.”

**Anexo 7 - Quadro XXIV– Sistema de categorias: Dimensão – (Re) Construção do conhecimento**

<b>Categoria: Competências</b>			
<b>Anos de escolaridade</b>	<b>Reflexivas</b>	<b>Empatia</b>	<b>Respeito</b>
<b>8º ano (questionário)</b>	<p>“Aprendi que o tema da escravatura é algo que vai muito mais além do que pensamos e que às vezes pensamos que as coisas não são tão graves, mas afinal é mesmo inacreditável.”</p> <p>“Atualmente ainda se observa muita discriminação infelizmente e poderá ser devido à época moderna.”</p> <p>“Por outro lado temos a diplomacia atual que as pessoas votam nos deputados por acharem que vão fazer algo melhor à nossa sociedade, porém falar é muito fácil, pois quando estes prometem que vão fazer algo de muito bom, nunca chegam a fazer e nós não conseguimos perceber que em vez de estarem a fazer algo de bom para a sociedade, estes mesmos estão a “empurrar para baixo” a nossa sociedade.”</p>		<p>“As pessoas hoje em dia não respeitam os outros e dizem o que pensam sem pensar se irá magoar alguém.”</p>
<b>10º ano (2.º questionário)</b>	<p>“A escravatura deixou-nos na atualidade vários aspetos como o racismo, pois ainda existem pessoas que acham que pessoas de pele negra são inferiores.”</p>	<p>“A escravatura é algo que não se deve repetir, todos somos iguais.”</p>	<p>“Não cometermos os mesmos erros, sabermos respeitar todas as pessoas, independentemente da cor da pele, etnia, etc.”</p>

	<p>“Em certos países ainda há muita escravatura para as mulheres e crianças em forma de troca de bens, são vendidas a certas sociedades para serem exploradas.”</p> <p>“O legado da escravatura da Época Moderna é profundo e persistente na atualidade: desigualdade racial e social, injustiça, exploração económica.”</p>		
<p>10º ano (debate)</p>	<p>“O que me deixou com mais atenção foi o facto de as mulheres serem mais escravizadas do que os homens o que nos mostra uma superioridade masculina.”</p> <p>“Nós todos temos aquela realidade das pessoas na Ásia que fazem roupas, mas no que diz respeito às mulheres, também há uma questão sexual. O tráfico humano é mais recorrente em mulheres e crianças, e por isso vai haver mais escravas.”</p> <p>“Nos países que se regista escravatura, são subdesenvolvidos, à exceção da Rússia. Podemos dar o exemplo das prisões e campos de trabalho onde a ONU não consegue chegar lá e libertar essas pessoas. O tráfico humano é cada vez maior e mais corrupto, por exemplo, são os próprios políticos a fomentá-lo.”</p> <p>“Escravatura não é só cor de pele, dando o exemplo dos telemóveis e do vício que nos consome mais do que achamos. Eu acho que é tudo tão visual que acabamos por estar sempre estimulados com</p>	<p>“No que diz respeito às três imagens que passaram, do “black lives matter” e de Rosa Parks na imagem do autocarro, se o autocarro tivesse cheio, a pessoa de pele negra teria de se levantar para dar lugar à de pele branca, elogio a coragem dela, depois acabou por ser presa.”</p> <p>“Realmente essa parte que a colega mencionou é bastante importante, porque hoje vemos as consequências da escravatura. Podemos falar de George Floyd, mas ele</p>	<p>“Não discordo de ti, mas ainda bem que deste a tua opinião, é assim que se alimenta um bom debate.”</p> <p>“Não devemos retirar nada a ninguém, vandalizar não é uma ação correta.”</p>

informações novas que muitas vezes nem são importantes. Passamos demasiadas horas lá e tiramos tempo com as pessoas que gostamos.”

“Ao nível da escravatura digital, não se trata só do tempo, mas também molda as nossas opiniões e forma de vida, como por exemplo, a linguagem das crianças de atualmente (brasileiro / inglês), existe dificuldade em expressar aquilo que sentem, na comunicação e os vídeos que se tornam populares são os que menos acrescentam às nossas vidas. A ignorância acaba por nos limitar e ser uma forma de escravatura, a nossa geração acaba por ficar para trás, não aprendemos aquilo que é devido e perdemos a nossa liberdade de escolha, ficamos limitados.”

“Repara, quando um polícia comete um crime não deves interpretar essa pessoa como um polícia, mas sim como alguém que comete um crime. Ou seja, não é a polícia que é racista e sim a sociedade.”

“Devemos aprender com o que aconteceu e não voltar a repetir.”

“Eu acho que as estátuas não devem ser retiradas, devemos manter os nossos antepassados para conhecermos os erros cometidos no passado e não os cometermos no presente.”

“A estátua de Thomas Jefferson, sendo ele a pessoa que escreveu a Declaração da Independência, deve continuar, pois enaltece esse facto e não o facto de ele ser escravagista.”

não foi o único a ser assassinado, houve outras pessoas negras a sofrer do mesmo, como a enfermeira Breonna Taylor, que foi assassinada durante a noite, e devemos ter esses casos de racismo em conta. Os polícias deviam ser quem aplica a lei e não quem comete os crimes.”

	<p>“Não devíamos pedir desculpa a ninguém e apenas aprender com o que aconteceu, não devemos voltar a repetir.”</p> <p>“Não devíamos pedir desculpa, no entanto, é importante salientar que o que fizeram não é certo.”</p>		
--	---	--	--

**Anexo 8 – Quadro XXV– Sistema de categorias: Dimensão – (Re) Construção do conhecimento**

Categoria:		
Anos de escolaridade	Personalidade	Novos factos históricos
7º ano (questionário)	“Aprendi sobre a importância de Martin Luther King.”	
8º ano (questionário)	“Aprendi mais sobre Abraham Lincoln.”	“Aprendi mais sobre a guerra civil dos Estados Unidos e outros factos interessantes.”

“O que aprendi foi a história de Lincoln.”

“A vontade que Lincoln tinha de abolir a escravidão.”

“Não sabia que Lincoln tinha sido assim tão importante para a História dos Estados Unidos da América.”

“Não tinha conhecimento de que existia a divisão de lugares como a casa de banho para negros e para brancos.”

“A guerra civil dos Estados Unidos em geral, pois eu sabia da sua existência, mas não sabia de nenhum detalhe como o “porquê”

“A causa da Guerra Civil dos EUA.”

“Não tinha ideia de que soldados de diferentes cores tinham salários desiguais.”

“Eu não tinha noção de como era a Guerra Civil, mas depois percebi melhor os detalhes.”

“A Guerra Civil dos Estados Unidos da América.”

“Aprendi um pouco mais sobre a Guerra Civil Americana e sobre o passado da escravidão.”

“Aprendi muitas coisas sobre a discriminação.”

		<p>“O que mais aprendi com estas atividades foi a Guerra Civil Americana mais profundamente.”</p> <p>“Aprendi muitas coisas sobre a Guerra Civil.”</p> <p>“Aprendi mais sobre a Guerra Civil e o porquê de esta ter acontecido.”</p> <p>“Eu não tinha conhecimento do facto da guerra civil ter sido provocada pela parte do Sul e pela parte do Norte.”</p>
<p><b>10º ano</b> <b>(debate)</b></p>	<p>“Datas importantes e acontecimentos que marcam momentos na História da abolição da escravatura, o discurso de Martin Luther King e luta de Rosa Parks são acontecimentos muito importantes para a História.”</p>	

## Anexo 9

### Guião do debate no auditório (10º ano)

#### Debate – Escravatura (10º ano)

##### Questões orientadoras:

- **O legado da escravatura (racismo / discriminação)**

1 – Como é que se fazem sentir as consequências de um passado discriminatório (aos olhos da atualidade) no presente?

2 – Consideram que a escravatura negra está na base da desigualdade de oportunidades existente ainda hoje em países desenvolvidos? Como o racismo afeta diferentes aspetos da vida das pessoas, como oportunidades de emprego, acesso à saúde e justiça?

3 - Quais foram as consequências socioeconómicas e culturais da escravatura para os grupos afetados?

4 - De que maneira as instituições, como o governo, a educação e a mídia, podem perpetuar ou desafiar o racismo?

5 - Quais são as responsabilidades individuais e coletivas na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial?

- **O “apagar” da História**

1 – Este passado deve estar oculto / inacessível à sociedade? Por exemplo, qual é a vossa opinião sobre a destruição de estátuas e monumentos que perpetuam figuras e momentos defensores da escravatura?

Ex: Estátua de Thomas Jefferson / Padrão dos descobrimentos

2 - Qual é o propósito de estátuas e monumentos históricos? Eles apenas enaltecem figuras históricas ou também moldam nossa compreensão coletiva do passado?

3 - Quais são os argumentos a favor da preservação de estátuas e monumentos que representam figuras associadas à escravatura? Eles são importantes para lembrar e aprender com o passado, mesmo que seja doloroso?

4 - Como é que a presença de estátuas e monumentos que homenageiam figuras ligadas à escravidão pode afetar as comunidades que foram historicamente oprimidas? Eles podem servir como símbolos de opressão contínua ou perpetuar ideologias racistas?

5 - A destruição de estátuas e monumentos pode promover a justiça social, ou são uma forma de "apagar" a história?

- **A “escravatura” na atualidade**

1 - Como é que a globalização contribuiu para a exploração humana, especialmente em setores como agricultura, moda e tecnologia?

2 - Quais são as principais razões que levam a que ainda hoje haja casos de escravidão? Será por uma questão de mentalidade, pela necessidade de mão de obra barata, ou por falta de regulamentação?

3 - Em que medida a exploração humana atual está interligada com outras formas de injustiça social, como racismo, sexismo e discriminação de classe?

- **A “escravatura” tecnológica / digital**

1 - Como é que a dependência e submissão tecnológica existente nos nossos dias se compara às formas tradicionais de escravidão?

2 - Até que ponto a dependência das redes sociais e da tecnologia pode ser considerada uma forma de escravidão digital? Afeta a nossa liberdade e autonomia?

3 - Como é que a coleta massiva de dados pelas empresas de tecnologia impacta a nossa privacidade e liberdade individual? Estamos a ser escravizados pela nossa própria informação digital?

## **Anexo 10**

*Realização do debate (notas de campo)*

### **DEBATE – realização 10º ano**

**Introdução: visualização do vídeo de contextualização acerca do tema da escravatura.**

Interveniente 1 – O que me deixou com mais atenção, foi o facto de as mulheres serem mais escravizadas do que os homens, o que nos mostra a superioridade masculina existente.

Interveniente 2 – Nós todos temos aquela realidade das pessoas na Ásia, que fazem as roupas, mas no que diz respeito às mulheres enquanto escravas, também tem uma questão sexual. O tráfico humano é mais recorrente em mulheres e crianças e por isso vai haver mais escravas.

Interveniente 3 – Datas importantes e acontecimentos que marcaram momentos na História da abolição da Escravatura, como o discurso de Martin Luther King e Rosa Parks, são acontecimentos muito importantes para a História.

Interveniente 4 – Em todos os países subdesenvolvidos, à exceção da Rússia, existe escravatura, podemos dar o exemplo das prisões e campos de trabalho onde a ONU não consegue chegar lá e libertar estas pessoas. O tráfico humano é cada vez maior e mais corrupto, os políticos são os próprios a fomentá-lo.

Interveniente 5 – O que mais me chamou a atenção foi a imagem de Rosa Parks a imagem do autocarro, e se o autocarro tivesse cheio a pessoa de cor negra tinha de se levantar, elogio a coragem dela, depois ela foi presa por isso.

Interveniente 6 – Realmente essa parte que a colega mencionou é bastante importante, porque nós hoje ainda vemos consequências da escravatura: devemos falar de Jorge Floyd mas ele não foi o único a ser assassinado, existem outras pessoas negras que sofrem do mesmo como a enfermeira Breonna Taylor, que foi assassinada durante a noite, e devemos ter esses casos de racismo em conta. Os policias deviam ser quem aplica a lei e não quem comete os crimes.

Interveniente 7 – A escravatura não é só com base na cor de pele, dando o exemplo dos telemóveis e do vício que nos consome mais do que achamos. Eu acho que é tudo tão

visual que acabamos por estar sempre a ser estimulados com informações novas que muitas vezes nem são tão importantes. Passamos demasiadas horas lá e tiramos tempo às pessoas que gostamos.

Interveniente 8 – Ao nível da escravatura digital, não se trata só do tempo, mas também molda as nossas opiniões e forma de vida, como por exemplo ao nível da linguagem das crianças atualmente (brasil / inglês), têm dificuldades em expressar aquilo que sentem, na comunicação. Os vídeos que se tornam populares, são os que acrescentam pouco à nossa vida. A ignorância acaba por nos limitar e ser uma forma de escravatura, a nossa geração acaba por ficar para trás, não aprendemos aquilo que é devido e perdemos a nossa liberdade de escolha, ficamos limitados.

Interveniente 9 – Existe o medo de perder o que está popular e, por isso, muita gente fica muito tempo no telemóvel por medo de ficar para trás e então fechamo-nos no quarto.

Interveniente 10 – A escravatura começa na Grécia antiga, não é algo da modernidade, é algo estrutural, não são só as pessoas de pele negra a serem escravizadas também as de pele clara.

Interveniente 11 - O que mais se destaca no primeiro vídeo é o facto da escravatura ser algo ilegal e ainda ser algo tão presente na nossa vida atual. Não tem apenas a ver com a etnia, também tem a ver com o facto de sermos mulheres, por exemplo.

Interveniente 12 – Na época dos Descobrimentos os portugueses tinham colónias em África e no Brasil, como o clima no Brasil era mais tropical os portugueses levam os africanos lá para mão de obra barata.

Interveniente 13 – Os escravos eram transportados em barcos onde, muitas vezes, iam com doenças, cometiam suicídios, pois havia muitas pessoas nos barcos e muitas vezes acabavam por morrer e nem chegavam metade dos escravos ao sítio previsto.

Interveniente 14 – Viviam em condições desumanas.

Interveniente 15 - As pessoas morriam nos mares e os restantes chegavam à América, isso dava-se porque levavam o maior número de escravos possível, as pessoas morriam ou suicidavam-se porque não conseguiam lidar com aquelas condições de vida.

Interveniente 16 – O estereotipo de uma pessoa negra muitas vezes está no gangue, tal como acontece como os mexicanos, os chineses por exemplo, são muito bons a matemática, e os negros ganham este estereótipo muito devido à escravatura.

Interveniente 17 – Eu acho que os estereótipos são devido ao facto de os escravos irem para os outros países com pele branca, muitas vezes são criticados e pedem-lhes para voltar para os países de origem, o que é um absurdo.

Interveniente 18 – Falou se da questão do George Floyd, ele não foi morto pela polícia, mas sim por um polícia, um fardado a cometer um crime deixa de preservar aquela instituição. Não podemos falar desta forma sobre a instituição da polícia, deve ser respeitada, não podemos generalizar a polícia a este tipo de atitude. O “Black Lives Matter”, foi apoiado por muitos polícias, eles próprios apoiam George Floyd.

Interveniente 19 – Não concordo, não se trata de ser George Floyd, isso na América é muito frequente, as pessoas de raça negra são muitas vezes, acusadas de coisas que não fizeram. Não se criaram estigmas sobre polícias e sim sobre a forma com que eles lidam com pessoas negras.

Interveniente 20 – Repara, quando um polícia comete um crime não deves interpretar essa pessoa como um polícia, mas sim como alguém que comete um crime. Ou seja, não é a polícia que é racista e sim a sociedade.

Interveniente 21 – Primeiramente gostaria de realçar que quando disse que um polícia assassinou uma pessoa, não me estava a referir à instituição. Mas não deixa de ser uma pessoa, da mesma forma que quando um médico comete um erro médico, não deixa de ser um médico. Não deixa de ser um polícia, não sendo a polícia toda.

Interveniente 22 – A sociedade é racista, é algo frequente da polícia na América, é algo comum.

Interveniente 23 – Não discordo de ti, ainda bem que deste a tua opinião, é assim que se alimenta um bom debate.

### **Foram colocadas questões pelos moderadores acerca do Revisionismo da História**

Interveniente 24 – Eu acho que as estátuas não devem ser retiradas, devemos manter os nossos antepassados para conhecermos os erros cometidos no passado e não os cometermos no presente.

Interveniente 25 – A estátua do Thomas Jefferson, sendo ele a pessoa que escreveu a Declaração da Independência, deve continuar, pois enaltece esse feito e não o facto de ele ser esclavagista.

Interveniente 26 – Sou a favor e contra, ela tem razão, não se deve retirar nada a ninguém, mas o racismo e escravos eram muito prejudicados, e por isso, se não devemos retirar nada a ninguém, vandalizar não é uma ação que se deva fazer.

Interveniente 27 – Não devíamos pedir desculpa a ninguém e apenas aprender com o que aconteceu, não devemos apenas voltar a repetir.

Interveniente 28 – Não devíamos pedir desculpa, no entanto, é importante salientar que o que eles fizeram não é certo.

### **Foi colocada a questão pelos moderadores: A escravatura em Portugal existe?**

Interveniente 29 – Sim, em Portugal existe escravatura, existe racismo, os manuais digitais não dão em nada, não é uma boa solução os alunos nem estão no manual, não devemos ter manuais digitais.

Interveniente 30 – Salientar um exemplo da escravatura atual: a Coreia do Norte. As pessoas são escravas do seu próprio país, se fizerem o contrário vão para campos de concentração. Um turista americano foi preso injustamente por ter tirado uma foto, morreu por falta de comida e por torturas feitas em campos de concentração.

Interveniente 31 – Na europa ainda existe escravatura, talvez seja um pouco diferente, temos pessoas escravizadas e tráfico humano, como por exemplo, em Portugal pessoas no Algarve a trabalhar em condições miseráveis na agricultura, as empresas escravizam, os direitos são limitados, existem despedimentos sem justa causa. Não é escravatura, mas sim servidão, uma vida limitada.

## Anexo 11

### Guião da peça de teatro (7º ano)

Peça de Teatro

Escravidura

#### **Primeira Cena (diálogo)**

##### **Personagens:**

Mulher: Maria Inês

Filha: Leticia

Europeu que está de partida: Martim

**Martim**: Bom dia! (dirige-se à mulher e à filha) Bom, já estou atrasado para a viagem, como vos disse, vamos a África, ao Golfo da Guiné, em busca de mercadoria para as colónias portuguesas.

**Maria Inês**: Bom dia querido! Fico sempre tão preocupada com estas viagens, vais durante quantos meses?

**Martim**: Pois, vai depender do tempo! Como sabes estas viagens dependem das condições meteorológicas e da rota marítima que o mar nos permitir tomar.

**Leticia**: Pai, espero que corra tudo bem, a mãe disse-me que a viagem é arriscada, não quero ficar sem ti! (sugestão: filha abraça o pai)

**Martim**: Eu vou voltar meu amor, não te preocupes! O pai não vos abandona! Bem agora tenho de ir para o cais. Os meus camaradas já estão à minha espera. Amo-vos muito.

**Leticia**: Que corra tudo bem pai, tem cuidado!

**Maria Inês**: Ouve a tua filha, cuidado com os ventos no mar e com os temporais, cuida-te. Cá te esperamos.

Peça de Teatro  
Escravidão  
**Terceira Cena – Monólogos**

(Reflexão atual sobre a primeira cena)

**Maria Inês**

É impossível, para nós seres humanos do século XXI, olharmos para a história de há seis séculos e não sentirmos os ecos das lágrimas, do sofrimento e do caos de vidas marcadas pela cor da pele. A dor de almas que já nasceram com uma vida destinada, destinada pelos poderosos, destinada por uma visão que é hoje denominada de eurocêntrica. A Europa como senhora de todos os continentes é um olhar que há muito foi criado e que causou mortes, violência e sofrimento a milhares de corpos indefesos.

**Leticia Silva**

Após separarem o escravo da família sendo ele capturado, o medo assombrava aquele corpo, não sabia o seu destino, apenas previa que algo de mal acontecesse. Nas viagens, a falta de higiene era tremenda, os suicídios por vezes eram a única solução de uma alma em desespero, e as mães, essas choravam desalmadamente com um filho nos braços que precisava de ser alimentado. Nos vastos campos, o sol queimava a pele de um povo que se destinou sem sorte, que outrora foi chicoteado para que se tornasse numa boa mercadoria, porém penso eu que num coração de cativo a esperança na liberdade era a forma de continuar a preferir viver.

No decorrer dos monólogos: Os escravos estão a ser capturados e leiloados/vendidos.

#### Quarta Cena – Diálogo

Personagens:

Mãe: Margarida S.

Filha: Letícia S.

**Margarida S.:** Olá filho, como correu a escola?

**Letícia S.:** Olá mãe, correu bem, mas hoje fiquei triste uma situação que aconteceu ao meu amigo Pedro na escola.

**Margarida S.:** Então filho?

**Letícia S.:** Hoje, no intervalo, o meu colega Carlos culpou o Pedro de lhe ter roubado o lanche que estava na mochila sem provas. O Pedro jurava que não tinha sido ele, mas o Carlos não parava de o acusar e de ter atitudes discriminatórias pela sua cor de pele. No final, a Mariana, com pena do Pedro, admitiu ter sido ela. Não entendo como é que hoje ainda existem atitudes racistas assim, não é mãe?

**Margarida S.:** A triste realidade é que a escravatura deixou-nos este legado, o racismo e a discriminação ainda hoje seduzem muita gente. No final de contas a pele é apenas a capa do livro, não dita o carácter. A diferença da cor da pele ou do cabelo é algo inerente ao ser humano, é pena é que essa diferença crie a ideia de que pode definir e organizar uma sociedade.

**Letícia S.:** Mãe, e o que podemos nós jovens fazer para mudar isso?

**Margarida S.:** Mesmo após Rosa Parks, uma mulher comum que lutou pelos direitos civis ou Martin Luther King, um revolucionário que marcou a sua geração através de discursos que procuravam uma maior igualdade, houve a necessidade de se criar o Black Lives Matter, ou seja, o corpo negro ainda não consegue ser livre nos nossos dias. E por isso temos de continuar a lutar para que haja mais justiça e respeito no mundo.

**Letícia S.:** É verdade mãe, eu hoje senti-me inútil por não ter feito nada para ajudar o Pedro, mas não sabia bem o que fazer, para a próxima não vou permitir que o discriminem e vou pedir ajuda à professora para resolver a situação. Mas mãe, falaste em escravatura, isso hoje ainda acontece?

**Margarida S.:** Eu diria que sim filho, mas de uma forma um pouco diferente.

Peça de Teatro

Escravidura

**Quinta Cena – Monólogo e Diálogo**

**Margarida S. O.**

Eu sou apenas uma criança, devia estar na escola a aprender, a brincar com os meus colegas e a cometer atrocidades próprias da minha idade. Em vez disso a minha vida nesta fábrica é recheada de dor e cansaço. Sou obrigada a trabalhar todo o dia até as minhas mãos ficarem feridas.

Os brinquedos, agora são instrumentos e máquinas, trabalho num sítio sujo, quase nem como, eu e mais milhares de crianças, mas temos todos medo de falar ou de fugir, por isso, ainda hoje nos deixamos levar pela poderosa injustiça que não nos deixa sonhar. Quando vou dormir a minha única esperança é acordar num mundo onde a liberdade me é devolvida.

Diálogo sobre a Shein

Peça de Teatro  
Escravidura  
**Última Cena –Diálogo**

Personagens:

Maria Reis

Maria Lima

Vitória

(3/4 jovens sentados curvados a mexer no telemóvel enquanto se projeta a imagem de escravos curvados a trabalhar nas plantações)

**Maria Reis:** Matilde, vais à aula de teatro hoje?

(Matilde não responde, está atenta ao jogo do telemóvel)

**Maria Reis:** Matilde, estou a falar contigo! Perguntei-te se ias ao teatro!

**Maria Lima:** Sim Maria, agora cala-te! Não vês que estou a jogar?

**Maria Reis:** Sendo assim, vou fazer tiktoks.

**Vitória:** Já olharam para vocês? Já nem falam, nem sabem ter uma conversa, estão completamente dependentes da tecnologia.

**Maria Lima:** E o que tens tu a ver com isso? É assim que me divirto.

**Vitória:** E consideras-te livre dessa forma? E tu Maria? Sempre presa ao Tiktok, às redes sociais, e às notificações. Já reparaste que te deixas moldar e influenciar por tudo o que consumes na internet? A tua forma de vestir, por exemplo, mostra o que tu és? Ou vestes esse top só porque as *influencers* vestem?

**Maria Lima:** Eu faço isto porque quero, visto estas roupas porque quero! Ninguém me obriga a nada, por isso sim, sou livre!

---

**Monólogo da Vitória:** Somos completos cativos do digital atualmente, as nossas opiniões são influenciadas e moldadas pelo que vemos e lemos nas redes sociais, se antes o escravo era submisso ao seu senhor, hoje somos completos submissos a esta ditadura digital, e é curioso, em ambos os casos a vitória é cantada pelos que dominam o mundo.

## Anexo 12

*Imagens dos ensaios da peça de teatro (7º ano)*



## Anexo 13

*Competências para uma Cultura da Democracia (CCD) – Conselho Europeu (2018)*

### Competências para uma Cultura da Democracia (CCD)



Fonte: Ensino de qualidade na disciplina de história no século XXI - Linhas orientadoras, 2018. Acesso em: [Ensino de qualidade na disciplina de historia no século XXI - Linhas orientadoras](#)

## Anexo 14

*Louvor do Conselho Pedagógico da escola pela Escape Room - atividade comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril*

### CONSELHO PEDAGÓGICO

#### **Memorando do Conselho Pedagógico de 08/05/2024**

Aos oito dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se o Conselho Pedagógico da Escola Secundária [REDACTED] tendo sido:

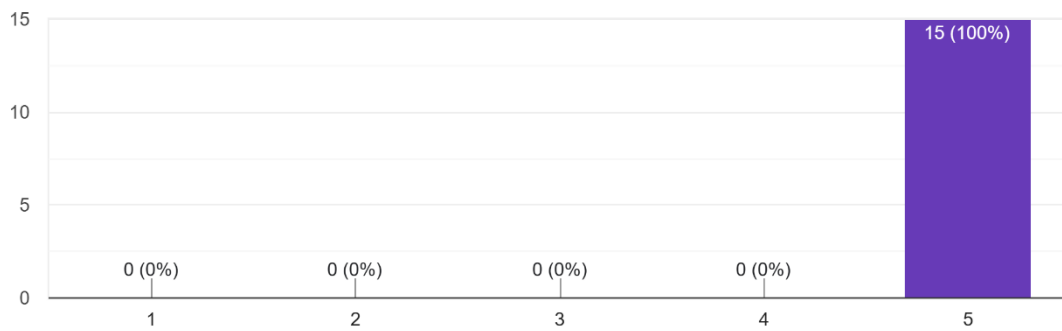
- apresentado e aprovado o Plano Anual de Atividades do NIDDORE;
- divulgadas informações sobre a oferta formativa 2024/2025 aprovada pela DREAE, a saber: cursos Científico-Humanísticos; Artes Visuais; Ciências Socioeconómicas; Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades. No Ensino Artístico Especializado: Comunicação Audiovisual. E ainda o Curso PROFIJ Nível IV – Técnico/a de Contabilidade;
- decidido por unanimidade reforçar, junto dos alunos e dos docentes, o cumprimento rigoroso do estipulado no regulamento interno, alínea e) do ponto 2 do artigo 110.º, quanto à proibição do uso do telemóvel nas aulas sem autorização do professor;
- apresentado um louvor aos professores João [REDACTED] da [REDACTED] e Maria [REDACTED] Coordenador do Departamento de Ciências Humanas e Geográficas e Luísa [REDACTED], Coordenador da Biblioteca Escolar, que, conjuntamente com as estagiárias do Grupo 400 (História) Adriana Arruda Novo, Beatriz Toledo Leal Parreira de Meneses, Jacinta de Fátima Carreiro e Sofia Teixeira Amaral, organizaram diversas atividades comemorativas do 25 de abril na nossa escola e às docentes [REDACTED] pela colaboração prestada;

## Anexo 15

*Gráficos de respostas dos alunos relativamente ao quanto gostaram e aprenderam com a participação na atividade da Escape Room*

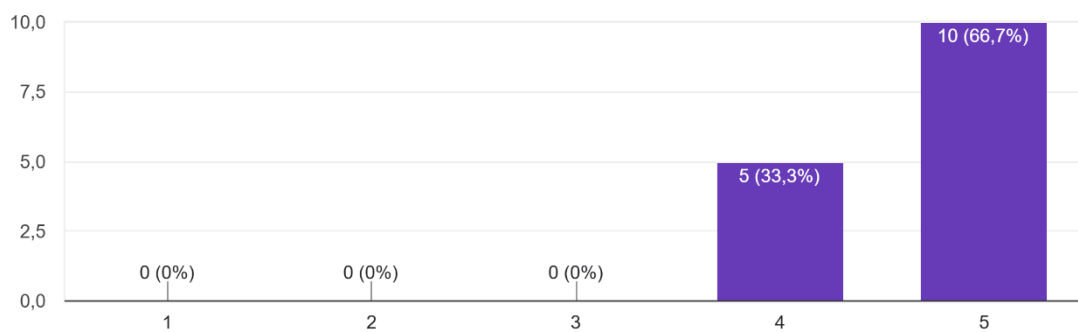
De 1-5, quanto gostaste da atividade de escape room?

15 respostas



De 1-5, quanto aprendeste com esta atividade?

15 respostas



## Anexo 16

### *Respostas dos alunos ao formulário sobre a aprendizagem histórica com a atividade da Escape Room*

Acha que esta atividade tornou a aprendizagem da História mais interessante? Porquê?

15 respostas

sim, uma forma diferente de reviver o 25 abril

Sim pois foi muito interativa e inovadora

sim porque aprendemos mais sobre a historia de portugal

sim,pois é muito melhor do que ver poweroints

Foi uma maneira divertida de aprender os conceitos e acontecimentos da ditadura e da revolução.

Porque tornou-a mais interessante e divertida.

Achei muito interessante, pois aprendemos mais sobre essa matéria de uma forma mais divertida.

sim, uma forma diferenciada de aprender

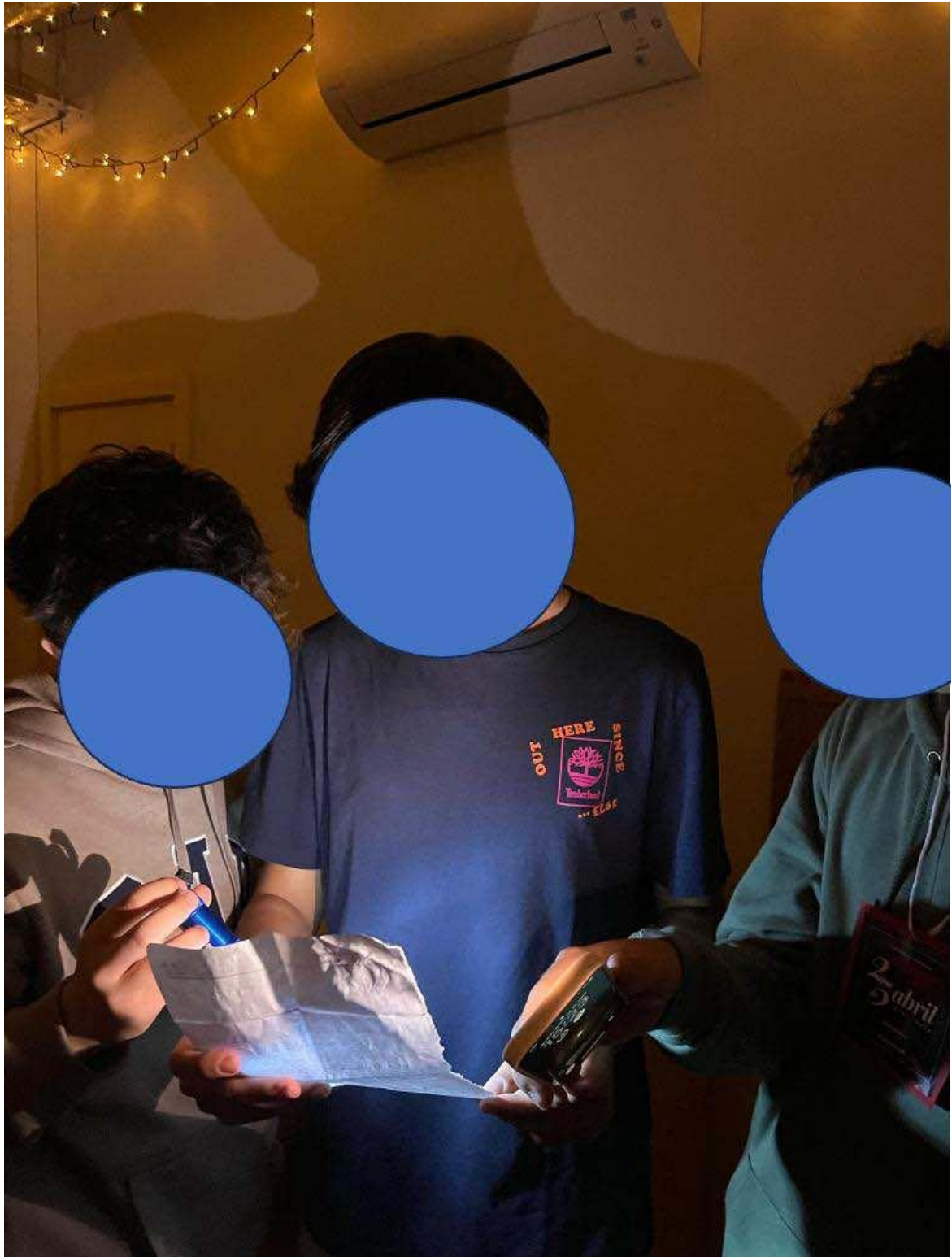
sim, porque pudemos aprender novos conteúdos ainda não lecionados

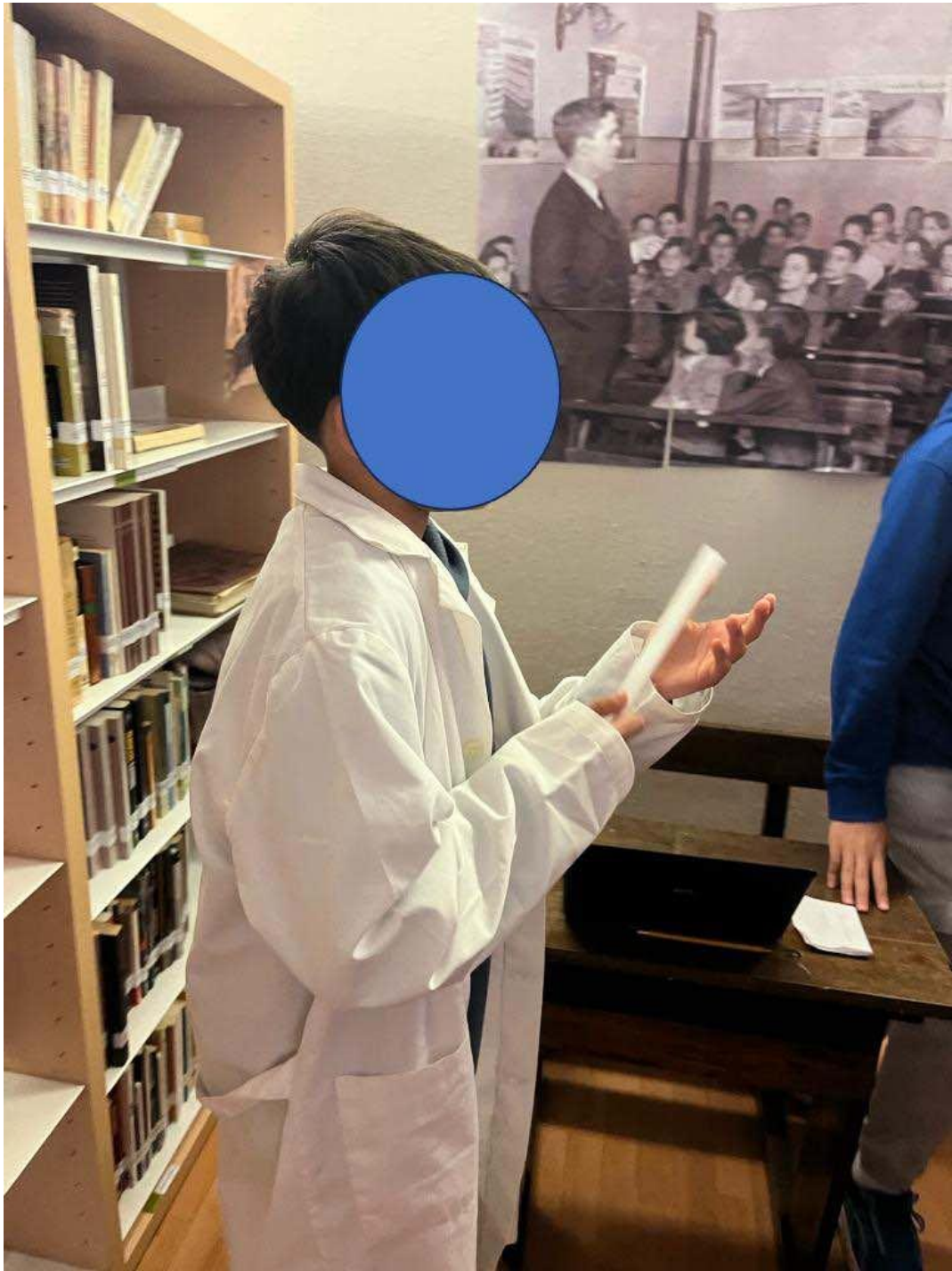
## Anexo 17

### *Imagens da atividade Escape Room em comemoração dos 50 anos do 25 de Abril*











## Anexo 18 – Questionário realizado ao 8º ano

### QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

#### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme “Lincoln”?

Sim gostei muito pois o tema escravatura é muito importante e por isso, tem que ser abordado.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais do filme, porque conseguimos aprender de uma forma divertida, mas consegui estudar e aprender mais pela linha do tempo interativa.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Não sabia que Lincoln, tinha sido assim tão importante para a história dos Estados Unidos da América e também aprendi muitas coisas sobre a discriminação.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

O escravo era muito discriminado, por ser negro e trabalhava por muito tempo e cansado, eles até podiam chegar a ser masculistas, e tanto que sofriam e queriam

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, obviamente existe discriminação na atualidade, sempre que o ser humano vê alguém “diferente” muitas das vezes no mínimo “olho de lado”, e sim pode ter muita relação, pois ser o escravo não é diferente, se calhar, não teríamos tantos

6. O que entendes por liberdade? problemas.

A liberdade é a sensação que temos quando não temos obrigações nem preocupações que dá a ideia que estamos livres de tudo.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Por um lado sim, mas por um lado não, somos de uma forma mais livres que antigamente (75 de abril), mas ~~(#)~~ também ~~(estamos assim)~~ estamos a ficar “preços” na tecnologia e não conseguimos sair dela.

8. Comenta as seguintes frases:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

\* CONTINUAR O VIVER.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

O que gostei mais foi o visionamento do filme por ter um trabalho envolvente. Então, então, também que gostei mais atenção, assim, aprendendo mais

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

O que aprendi de novo é que há pessoas eram despididos tanto homens e mulheres

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Os escravos não tinham direitos como o direito ao voto, e, c. t.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, por o negro não escravizados antigamente, então as pessoas acham que estes não inferiores

6. O que entendes por liberdade?

A liberdade é uma palavra que as pessoas acham que deveria existir mais, mas a liberdade pode ser diferente de diversas formas, então por isso é uma forma

- certo de definir a que liberdade 7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Sim, pois hoje podemos fazer coisas que antigamente as pessoas não faziam por estes eram castigados se fizemos

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos

Alberto Hang

A primeira frase mostra que as pessoas muitas vezes não sabem o que é a liberdade, e a segunda mostra que as pessoas que não sabem o que é a liberdade, não sabem se o animal é humano e os tecnologia que não sabem, não se pensam nas coisas das tecnologia

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Gostei de trabalhar a escravatura desta maneira pois é bastante interativa

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais da linha do ~~tempo~~<sup>tempo</sup> porque com ferramentas tem uma noção temporal dos acontecimentos e a sua ordem cronológica

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Com estes vídeos aprendi mais sobre a guerra civil e o porque desta ter acontecido.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Os escravos dessa altura eram negros, normalmente de África. Pois as grandes potências achavam que os negros eram inferiores aos brancos

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Atualmente existem várias demonstrações de discriminação (racismo e xenofobia) e eu acho que isto está relacionado com a ~~escravatura~~<sup>modernidade</sup> com a escravatura de pessoas de raça negra na época

6. O que entendes por liberdade?

Para mim liberdade é o direito de escolher e o direito de poder expressar os nossos sentimentos e os nossos ideais

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Hoje em dia considero que temos liberdade, pois temos o direito de nos expressarmos e não somos totalmente controlados.

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

Esses dois que estas duas frases referem-se à tecnologia e como ela "controla" a nossa vida, pois sempre que recebemos uma notificação ou e.t. temos o impulso de ir ver isso, esse acto que a tecnologia afeta mais e mais a vida do que denunciamos.

QUESTIONÁRIO ANÔNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim, porque é uma temática que me dá com gosto.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Eu gostei e aprendi mais com a linha do tempo porque explica com alguns detalhes toda a informação.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

A guerra civil em geral, pois eu ~~antes~~ sabia da sua existência, mas não de muitos detalhes como o "porquê".

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

\* ~~Hoje em dia há muitos escravos mas o principal deles são as tecnologias e não há escravos de hoje, as pessoas~~

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Eu acho que sim, hoje em dia muitas pessoas tratam humanos (de etnias, culturas, raças, cores, costumes, ... diferentes) mal, discriminando-as ou por.

6. O que entendes por liberdade?

Para mim liberdade é poder fazer o que queremos sem sermos obrigados. Liberdade que não em tudo,

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Em Portugal sim, porque as pessoas têm uma boa educação, podem escolher o seu trabalho não há racismo (legalmente), entre outras coisas. Porém, no país menos desenvolvidos, às vezes, há o oposto.

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

também temos de cumprir deveres para ganhar direitos.

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos

Alberto Hang

OK. A primeira frase diz que nós (os escravos) gostamos de quem nos escraviza. Isto acontece, por exemplo, com as tecnologias, que as pessoas estão sempre coladas a elas e não aguentam dia sem as usar, mas gostam disso.

A segunda frase diz que a pior escravatura não ocorre pois os indivíduos em qualquer coisa, costumam achar que conseguem parar a qualquer momento.

\* Eu vejo os escravos da modernidade, como pessoas diferentes, que só por não serem iguais aos brancos superiores, não tratados como lixo e animais. Isto é triste, porque eles também são humanos, mas não são tratados como tal.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Das três métodos o que gostei mais foi o filme e foi com este que aprendi mais, uma vez que através dos filmes é

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes? *possível, muitas vezes, \**

A causa da Guerra Civil dos EUA e a vontade que Lincoln tinha de abolir a escravatura.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Vêjo como pessoas que eram consideradas sem futuro e vistas como objetos, os quais achavam que tinham o direito de vendê-los e comprá-los.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim considero que a discriminação ainda existe na atualidade e que está relacionada com a condição do negro na época moderna.

6. O que entendes por liberdade?

Quando não estamos dependentes de algo, quando podemos pensar como queremos, quando podemos sonhar, quando podemos

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta. *ser nós próprios*

Não, pois somos sempre dependentes de algo, para termos dinheiro e comprarmos o que precisamos somos "obrigados" a trabalhar dependendo assim do dinheiro, tendo a necessidade, muitas

8. Comenta as seguintes frases:

*vezes, de esquecermos e deixarmos os nossos sonhos no passado pois não temos dinheiro*  
"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

*muitas vezes também causa deste, não temos condições para realizar os sonhos e desejos que temos. \**

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos

Alberto Hang

No 1ª frase pode referir-se aos telemóveis, pois estes captam a nossa atenção, fazendo-nos ser dependentes deles, porém nós gostamos dos telemóveis. Já no

2ª frase refere-se ao facto de que a nossa sociedade, no geral, considera-se livre, esquecendo-se de que, ainda, em muitos aspetos não somos livres.

7. \* Somos dependentes de quem está no governo, da tecnologia, não havendo a liberdade que muitos de nós gostaríamos de ter e com a qual sonhamos.

2. \* Veremos como foram as coisas no passado, sem apenas termos, mas si visualizarmos também.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Não, achei difícil tirar informações ~~de~~ atores de atores.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Eu gostei mais ~~de~~ da linha do tempo interativa pois na minha perspetiva aprende-se melhor os conteúdos.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Eu aprendi várias coisas novas, como, como os escravos eram tratados antigamente e a procura de liberdade existente naquela altura.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Os escravos da época moderna eram as pessoas de raça negra que eram obrigados a fazer trabalhos contra a <sup>sua</sup> vontade.\*

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Na minha opinião, acho que os negros são discriminados. ~~Na~~ não são. Por exemplo,

6. O que entendes por liberdade? polícias não discriminam os negros e não os <sup>brancos</sup> ~~brancos~~.

Na minha perspetiva, liberdade é poder fazer as coisas por vontade própria e não só vontade de alguém.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Não, porque muita gente é meio que obrigado a ~~o~~ fazer trabalho que não goste por não ter dinheiro para sustentar a família, então não têm outra ~~opção~~ opção a não ser

8. Comenta as seguintes frases: trabalhar.

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

\* enquanto ~~os~~ <sup>as</sup> ~~os~~ <sup>as</sup> pessoas de raça branca só davam ordens aos mesmos.

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos

Alberto Hang

A frase de Cleben P. Silva, no meu perceber, quer dizer que algumas pessoas gostam de ser escravos e gostam de quem ~~o~~ escraviza. A frase de Carlos Alberto Hang, no meu perceber, quer dizer que os escravos sempre tinham esperança de serem livres mas no final das contas nunca eram e acabavam sempre na morte.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim gostei

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Eu gostei mais do filme porque me chamou mais atenção, apesar de ser mais difícil de compreender.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Aprendi que o tema Escravatura é algo que vai muito mais além do que pensamos e que as vezes pensamos que as coisas não são tão graves mas aqui não é mesmo.

4. Após a lecionação destas aulas, como vês o escravo da modernidade? incredível

O Escravo moderno vejo como se as pessoas expandem o prazo de continuar essa escravatura mas ela permanece sempre em nossas vidas.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Na minha opinião acho que tem um pouco mais com a condição de negro na época moderna até porque as pessoas têm que trabalhar a continuação da escravidão por exemplo.

6. O que entendes por liberdade?

Para mim liberdade é algo muito difícil de se conseguir mas tem muita importância.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Até porque as coisas não são iguais e ainda existem muitas coisas a fazer para a sociedade e se essa

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

Na minha opinião a frase de Cleben P. Silva é a melhor porque ela fala de liberdade e de amor. Já a frase de Carlos Alberto Hang é a pior porque ela fala de escravidão e de liberdade. Acho que a frase de Cleben P. Silva é a melhor porque ela fala de liberdade e de amor.

QUESTIONÁRIO ANÔNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais de visualizar o filme "Lincoln". O método que me fez aprender mais foi a linha do tempo interativa.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Aprendi um pouco mais sobre a Guerra Civil Americana e o passado da escravatura.

4. Após a lecionação destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

O escravo da modernidade era tratado em condições desumanas e não tinha liberdade de expressão, sendo tratado como um animal.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Considero que a discriminação existe na atualidade e, sim, está relacionada com a condição do negro na época moderna.

6. O que entendes por liberdade?

Na minha ótica, a liberdade só é conseguida se uma pessoa <sup>puder</sup> ~~conseguir~~ expressar-se, não viver às custas dos outros e cumprir com os direitos humanos.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Considero que, hoje, vivemos numa sociedade livre, pois somos livres de expressar-nos, trabalhar no que gostamos, ir à escola, ter uma casa, comida e seguro de saúde.

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

Estas frases transmitem uma mensagem bastante comum na atualidade: a dependência que nós temos em pessoas ou em objetos. Como, por exemplo, passamos horas e horas em frente a telas tecnológicas e pensamos que é normal, porém não é. A escravatura não é apenas o que aconteceu ~~no~~ no passado, mas sim o que está, também, a acontecer no momento.

QUESTIONÁRIO ANÔNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim, adorei

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei da visualização do vídeo e também gostei de ver o filme e fazer o trabalho

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Aprendi muito sobre a escravatura pois fiquei a perceber vários conceitos.

4. Após a lecionação destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Vejo-o com mais liberdade do que antes mas também o vejo como um

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, pois a discriminação cada vez mais nos acompanha na vida a dia.

6. O que entendes por liberdade?

Entendo que a liberdade é sermos nós próprios sem medos e sermos livres.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Mais ou menos, pois temos mais liberdade do que antes mas mesmo assim ainda acho que podemos e devemos

8. Comenta as seguintes frases: ter mais.

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva*

concordo, acho que esta frase quer chamar a atenção de que os escravos são tão bondosos que até amam pessoas com mau coração.

*"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang*

concordo, pois a pior parte é mesmo pensarmos que podemos ser livres mas não somos e acho que isso deve ser revoltante, e triste.



## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Trabalhos em grupo, vídeos e diálogo entre os alunos sobre o tema e o que eu gostei mais é os vídeos, por conseguirem nos

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Eu aprendi muitas coisas sobre a guerra civil

4. Após a lecionação destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Uma pessoa que não tem direitos

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, mesmo sendo existente desde muito tempo acho que ainda permanece como o racismo.

6. O que entendes por liberdade?

Acho que é quando uma pessoa tem os seus direitos.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Sim, por a maioria das pessoas poderem expressar-se e não serem prejudicadas.

8. Comenta as seguintes frases:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva*

*"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang*

Concordo com as duas frases por falarem da nossa dia a dia porque as pessoas escravizam-se e não têm a noção que só estão a prejudicar-se.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Gostei principalmente dos vídeos e da linha do tempo.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais da linha do tempo interativa, pois era o método que onde dava mais para aprender.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Eu não tinha conhecimento da forma da guerra ter sido conduzida pela parte Sul e pela parte Norte e achava que era apenas um país só.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Hoje em dia, eu vejo um escravo como uma pessoa que vive em qualquer localidade, aí ele recebe um salário muito baixo.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Ainda existe discriminação, seja com as pessoas com orientações sexuais diferentes, com pessoas de pele diferente ou com pessoas de outras raças. A discriminação com o respeito dos negros, está muito melhor.

6. O que entendes por liberdade? *mas continuo a ser grávida.*

Liberdade, por minha opinião é o direito que uma pessoa tem de se exprimir.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Mais ou menos, já que ainda há países que escravizam pessoas, não dando o direito à liberdade, mesmo a liberdade do corpo.

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

Em relação às estas frases, vejo que elas se referem à época de hoje, pois hoje em dia as pessoas acham que estão livres só por não serem escravizadas de forma como no antigo tempo.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais de trabalhar com a linha do tempo interativa pois ~~é que~~ ela tinha os acontecimentos e dizia que eles eram.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

~~É a primeira vez que eu aprendi de novo foi a respeito~~  
~~como era a vida de um escravo, a forma~~  
~~que os Estados Unidos aboliram a escravidão e o forma de como~~  
~~os escravos eram tratados.~~

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

O escravo moderno eu vejo como uma pessoa de etnia negra ou alguma pessoa africana.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

A discriminação existe sim atualmente, por causa, não se dá atenção aos negros na época moderna.

6. O que entendes por liberdade?

A liberdade para mim é uma ~~pessoa~~ pessoa ter os mesmos direitos que os outros com por exemplo poder andar no seu sem se preocupar.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Sim, pois nós conseguimos andar na rua livremente temos direitos, entente algumas pessoas em alguns países ~~ela têm~~ as pessoas têm de trabalhar sem receber dinheiro.

8. Comenta as seguintes frases:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva*

*"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang*

Estas frases dão uma ideia aos dias de hoje como agente com a tecnologia que nós conseguimos ter informações facilmente e geramos dinheiro outros pessoas sem receber nenhum.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

\* consequentemente não consegui  
terminar o trabalho.

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

~~Sim~~ Sim, gostei muito, porque não consegui acabar o filme \*

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

A linha do tempo, a produção de uma pergunta e cada aluno, de preparação para o teste

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Estava tinha conhecimento que as mulheres existia a discriminação de lugares. Eu não sabia que a cada dia também para negros e brancos

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Os escravos também para os seus direitos como a defesa, a propriedade de um espaço de trabalho

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Considero que a discriminação existe ainda hoje na atualidade e todas as coisas ~~que~~ e a discriminação ainda existe em certos países

6. O que entendes por liberdade?

O que Entendo por liberdade é que podemos ir fazer o que nos apetece tal como a nossa vontade

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Considero que hoje vivemos numa sociedade bastante livre porque ~~há~~ há liberdade de expressão e muitos direitos e regalias

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

Il significado desta frase quer é que por mais que os escravos tentem ser livres por não ser para eles



"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos

Alberto Hang

Como a professora disse e muito bem, o exemplo das tecnologias é bom exemplo para a nossa sociedade atual, onde estamos presos durante horas em frente a um ecrã sem nos dar conta do que nos rodeia, a nossa realidade, a situação do mundo e as horas que perdemos em frente a um ecrã. É uma sociedade que pensamos que somos livres mas na verdade não somos.

\* ~~Os portugueses precisavam~~ ~~de~~ Precisivam de mão de obra e alguém que trabalhasse nas plantações, então foram ~~então~~ trazidos escravos vindos de África para a realização destes trabalhos.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

os vídeos pois fez-me perceber melhor como realmente eram tratados os escravos e como não tinham liberdade.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Aprendi que os escravos da modernidade eram mais explorados, sacrificados e mandados do que pensava e também que não tinham liberdade.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Vejo que são tratados como objetos que servem para servir os outros e para serem explorados.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Atualmente ainda se observa muita discriminação infelizmente e poderá ser devido à época moderna mas não sei pois as pessoas hoje em dia não respeitam os outros e dizem que pensam sem

6. O que entendes por liberdade?

Pensar se irá magoar alguém. A liberdade a meu ver é um direito que todos nós devemos ter de ser livres e não estarmos a ser mandados por uma pessoa que se acha superior aos outros.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Sim, mas não a cem por cento pois, cada vez mais temos uma sociedade dependente de várias coisas que faz com que não sejamos livres totalmente.

8. Comenta as seguintes frases:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva*

*"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang*

a primeira frase representa a dependência que muita gente tem hoje em dia por exemplo as tecnologias, pois estas muitas vezes fazem com que nos levantemos e não aproveitemos momentos com quem gostamos devido a isso. Já a segunda frase representa a pior parte da escravatura que é pensar em ser livre e a meu ver representa e transmite que esta nunca irá acabar e sim cada vez mais aumentar, mas de diferentes maneiras.



QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme “Lincoln”?  
Sim, gostei.
2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?  
Preferi utilizar o filme e foi a plataforma que mais adquiri conhecimento.
3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?  
Não tinha a ideia de que soldados de diferentes cores tinham salários desiguais.
4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?  
NO escravo da modernidade vejo uma pessoa a realizar trabalhos árduos sem condições
5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?  
humana  
Não propriamente. A discriminação atual não vai além da condição do negro na época moderna. Atualmente a discriminação é o mais
6. O que entendes por liberdade?  
comum e a escravatura é rara.  
A liberdade é ter o direito de ter direitos e ser uma pessoa livre.
7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.  
Em parte. Parte do mundo ainda tem uma política que limita os direitos humanos e desrespeita a liberdade humana.
8. Comenta as seguintes frases:  
*“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva*

*“O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre.” – Carlos*

Alberto Hang

Estas frases ostentam-nos uma visão de que parte dos escravos julgavam/julgam que são amados pelos seus donos e de que a liberdade era igual ao que estes viviam.

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

Sim, gostei.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

Gostei mais da linha do tempo da escravatura, também gostei este o tema que me fez aprender mais.

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Fu não tinha muita noção de como era a Guerra Civil, mas depois te percebi melhor as datas.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

Vejo que a escravatura diminuiu, mas mesmo assim ainda persiste em alguns lugares.

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, a discriminação existe na atualidade, está relacionada com a condição do negro na época moderna, mas também com outros tipos de situações.

6. O que entendes por liberdade?

Liberdade é quando nós estamos livres de fazer o que quisermos, sermos felizes, a nossa maneira e não o dos outros.

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Muitas pessoas não vivem livres, mas temos muitas pessoas a viver à custa de outros, controlados por outros, a viverem como os outros querem.

8. Comenta as seguintes frases:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva*

*"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang*

Podemos ver hoje em dia como tecnologia, muitas vezes estamos dependentes dela e somos escravizados por ela de uma maneira que não nos deixa viver à vida.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme “Lincoln”?

Sim.

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

de quele sorte da história da guerra civil dos estados unidos da américa

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

o que guerra civil nos estados unidos de america.

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

des como mais tratado não sendo considerados humanos

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim a discriminação existe ~~hoje~~ háje em dia e pode estar relacionada ~~com~~ as condições dos negros na época moderna

6. O que entendes por liberdade?

~~liberdade~~ e não estar preso em nada

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Completamente livre não ja que ainda existe muita discriminação e mal tratado aos outros.

8. Comenta as seguintes frases:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

“O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre.” – Carlos Alberto Hang

---

---

---

---

---

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Tema: Escravatura

8º Ano

1. Gostaste de trabalhar o tema da escravatura através dos vídeos, da linha do tempo interativa e do visionamento do filme "Lincoln"?

~~Sim~~, gostei muito do tema, mas gostar o trabalho sobre o filme foi interessante

2. Qual dos três métodos gostaste mais? E qual te fez aprender mais?

3. O que aprendeste de novo que não tinhas conhecimento antes?

Antes não sabia que os escravos eram vendidos e traficados em navios, e aprendi isso nas aulas

4. Após a leção destas aulas, como vês o escravo da modernidade?

5. Consideras que a discriminação existe na atualidade? Achas que está relacionada com a condição do negro na época moderna?

Sim, acho que mudou um bocadinho <sup>mas</sup> e ainda há um pouco de discriminação, mas já não é como antes

6. O que entendes por liberdade?

Podemos ser nós próprios e termos todos direitos iguais

7. Consideras que hoje vivemos numa sociedade livre? Justifica a tua resposta.

Nem por isso, acho que ~~hoje~~ hoje em dia ainda há a discriminação em certos países

8. Comenta as seguintes frases:

"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza." – Cleben P. Silva

"O pior da escravatura é aquela em que o escravo pensa ser livre." – Carlos Alberto Hang

---

---

---

---

---



## Questionário

### Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

Escravidura para mim é o uso de pessoas para trabalhar e serem vendidos pelos seus superiores

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egipto antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

A escravatura antiga era para o trabalho agrícola e na época dos descobrimentos era mais para a mão de obra

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

A partir do momento que eles não tinham direito a nada

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

O Brasil por hoje em dia ainda existe muita discriminação

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Pois as pessoas tem muitas horas de trabalho e o que recebem não equivale as horas e ao esforço.

6. O que é para ti ser livre?

Escolher o que queres ser e ter liberdade de expressão.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é forçar alguém a trabalhar sem receber direito

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga era muito diferente porque os escravos da época dos descobrimentos eram de cor de pele negra

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Os escravos não tinham condições nem direitos eram tratados como animais.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado deixado é que nem todos iguais independentemente da cor da pele.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. O que é para ti ser livre?

É a mim ser livre é fazer o que bem entender nos meus direitos da lei e não obedecer ninguém.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim a escravidão é o abuso de seres humanos para trabalharem e receber algo em troca.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Não sei

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna viola a liberdade dos seres humanos.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Não sei

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é fazer o que nos bem ~~quer~~ ~~sem~~ ~~sem~~ ~~sem~~ viver sem algo, sem compromissos, sem dívidas, não viver dependente de algo.

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

É o abuso de pessoas de outra raça

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Sim, ainda existe em alguns países que as pessoas trabalham muito e sem condições para receberem tão pouco.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é ter direito a tudo e ter respeito pelo mundo.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

trabalho forçado sem remuneração

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

os escravos eram das guerras que ganhavam  
na Roma antiga, nos descobrimentos eram os  
negros de pele escura

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

viola os direitos trabalhistas.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

deixou por uma maneira de escravidão  
que é tráfico humano

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

tráfico humano, fábricas que pagam salários  
a hora e muito mais

6. O que é para ti ser livre?

conseguir fazer as coisas para o dia a dia

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

prática social em que um ser humano  
assume propriedades/direitos sobre o outro.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito  
antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Não sei

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

usando o trabalho forçado, trabalho infantil,

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Não sei

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

A escravidão de crianças em África,  
Ásia e o trabalho infantil.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é ter liberdade, ou seja, fazeremos  
várias coisas mas não tudo o que nos apetece.  
Fazeremos o que queremos mas com as devidas  
"regras" e restrições assim dizendo.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim, a escravidão é um ato desumano de tortura.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Escravidão que na escravidão antiga a escravidão pertencia apenas a época dos descobrimentos e a escravidão era tratada como mercadoria internacional.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna viola os direitos humanos pois, por lei, ninguém deve ser tratado como mercadoria, dependente de um superior e todos têm o direito de viver livremente, como que os escravos não têm.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Na atualidade, continua a haver uma educação social de uma regra (principalmente) e ainda existem mentalidades mais antigas que têm preconceito/discriminação de toda a raça.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Não sei.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é viver independente de qualquer um, pelas minhas próprias regras e pelo meu próprio código de honra, sem ter de estar submetido aos favores de alguém.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é uma prática em que em que pessoas são mandadas forçadamente por outras.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

não sei

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

não sei

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

não sei

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

6. O que é para ti ser livre?

ser livre é poder ser nós mesmo sem ter diferenças para com os outros

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é a prática social em que um ser humano assume o estatuto, principalmente sobre outro, que é designado de escravo.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Não sei!

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna viola os direitos humanos com trabalho forçado, trabalho infantil.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade através da variação

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Sim, com as crianças nas fábricas na África etc

6. O que é para ti ser livre?

Para viver sua vida e poder ter direitos humanos e poder expressar a vontade própria sem ser julgado ou controlado

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

É fazer pessoas (negros) a trabalhar em condições desumanas.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Não sei

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Condições de trabalho, nº de horas, obrigar a fazer o que não querem.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Nas escravidões, os escravos não de saem pago, e atualmente, existe a mesma situação com a isso.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

na Ásia e África com o trabalho forçado em empresas, alguns adultos e alguns crianças.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é poder ter liberdade de expressão de movimento e de ir e vir sem ser julgado, ao entanto devemos respeitar as leis.

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

A escravatura é o trabalho forçado.

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Não sei.

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravatura maltrata os trabalhadores em termos de salário, condições de trabalho e o n.º de horas.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

Um povo menos tolerante para com os negros, e uma ética de trabalho desumana em certos lugares.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Deve trabalhar forçados em algumas empresas nos dias atuais, especialmente nos países asiáticos e africanos.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é poder fazer escolhas por si próprio, com liberdade e direito de expressão própria.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

É a mesma opinião, a escravidão é quando um ser humano sujeita outro ser humano à condições de vida desumanas, seja as horas de trabalho ou qualquer outra coisa.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Quando a escravidão antiga era muito mais comum e os escravos não eram considerados gente, na escravidão da época dos descobrimentos, os escravos já eram considerados mais como gente.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna sujeitava os escravos a maus e muitos horas de trabalho, sem direitos sociais, descanso, etc.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Perdidos e remobilização de como foi uma época difícil, e como não devia haver tantas pessoas sem direito aos direitos humanos.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Sim, no entanto de uma forma muito mais reduzida e subtil, nos países menos desenvolvidos onde as necessidades são mais comprometidas, e também através da exploração de trabalho.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre, e ter liberdade e ser digno de todas as experiências e opiniões e poder as próprias decisões.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Violar os direitos humanos, não respeitar o Homem, uma forma de violência, abusos psicológicos e físicos.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na escravidão antiga, os escravos eram recrutados, vendidos, abusados, enquanto que na época dos descobrimentos eram apenas mercadoria.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão pensa que viola dos direitos humanos em a prática de cidadã e a liberdade.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Saber respeitar o Homem, não voltar a cometer os mesmos erros, ter empatia e compaixão por estes que já sofreram.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Em alguns locais de trabalho, principalmente trabalho no domicílio, empregados domésticos costumam sofrer este tipo de abuso.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é poder ter as minhas próprias decisões, ser feliz, ter um trabalho que gostamos e não termos "obrigados" a ter aquele trabalho.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Obrigar as outras a trabalhar de graça em condições  
de humilhação e sem quaisquer condições

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na escravidão antiga, a escravidão eram prisioneiros  
de guerra, as pessoas que eram castigadas quanto  
a escravidão na época dos descobrimentos as pessoas  
eram compradas

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Por não permitir que as escravizadas tenham  
devido a condições humanas e a sua escolha.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Existe uma separação entre as cores da pele

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Por exemplo as crianças que trabalham nas  
fábricas que são ambiente inseguro e desumano

6. O que é para ti ser livre?

Ter o direito de permanecer por nós e por nós  
fazem as nossas escolhas

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

Escravatura é obrigat um ser humano a fazer o que o outro ser humano queira e maltrata-lo caso recuse.

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egipto antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Na escravatura antiga os escravos eram bem tratados, com pagos e tinham dienos que lhes alimentavam saudavelmente, sendo que na escravatura da época dos descobrimentos, eles não eram pagos, moriam à fome, e sede e não tinham saúde.

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

Pois a escravatura da idade moderna viola o direito aos escravos de, alimentação, saúde, educação e maltratados.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

que é algo porra nunca mais se repete.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. O que é para ti ser livre?

ter todos os direitos humanos e liberdade de escolha.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão compreende a venda de escravos, comercialização de pessoas dependentes como propriedades, escravidão, condição de pessoa que se submete à vontade da outra, do quem não é livre

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

\_\_\_\_\_

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

viola de várias formas: direito à liberdade, ao trabalho, à dignidade, à igualdade à família.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão da época moderna deixou um legado duradouro que continua a impactar a sociedade atual de várias maneiras: o racismo, desigualdade econômica, traumas históricos, cultura e identidade.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Por exemplo nos países mais pobres.

6. O que é para ti ser livre?

Poder tomar as próprias decisões, agir de acordo com a vontade própria e exercer os direitos e deveres sem coerção ou restrição.

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

É a situação em que uma pessoa é obrigada a trabalhar para outra sem receber a sua remuneração adequada.

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Não sei.

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

Porque a pessoa não tem liberdade de movimento e não recebe a sua remuneração adequada.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado que a escravatura nos deixou na atualidade é a discriminação racial.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Existem pessoas que trabalham sem receber a sua remuneração adequada.

6. O que é para ti ser livre?

É a situação em que uma pessoa não é obrigada a trabalhar para outra sem receber a sua remuneração adequada.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim, a escravidão é quando um ser humano a outros indivíduos (mante) impõe ser humano. A escravidão pode ser física ou moral.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egipto antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

não sei

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Exploravam as crianças - escravidão infantil e exigiam que as pessoas trabalhassem mais - trabalho forçado.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O Racismo entre as pessoas

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Existem grandes lojas comerciais, que nas fábricas onde fabricam os seus produtos, as pessoas que trabalham lá dentro, trabalham muito e recebem por viver dentro da fábrica, com um pequeno salário (e daí mesmo também um pequeno salário); isto sim é escravidão.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é fazer o que quiseres mas respeitando os direitos e deveres que tenho de cumprir.

## Anexo 20 – 2.º questionário realizado ao 10º ano

### Questionário

#### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é a utilização de pessoas negras para a realização de trabalhos duros sem receberem qualquer bem em troca.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na escravidão antiga, as pessoas tinham poucos direitos, enquanto na época dos descobrimentos não têm direitos nenhuns.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão viola os direitos humanos, uma vez que as pessoas trabalham sem receberem nada e ainda sendo mal tratados.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão da época moderna ainda influencia a atualidade, porque existem pessoas negras que também morrem que pessoas brancas e as pessoas negras, mais especificamente, ficam com os trabalhos mais exigentes fisicamente.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

~~Atualmente~~ Atualmente ainda existe escravidão, por não contrabando de pessoas para realização de trabalhos exigentes e muitas vezes ilegais.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é ter a liberdade de tomar decisões próprias, poder ir para onde quiser sem impedimentos, e poder viajar.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Escravidão é quando somos obrigados a fazer algo que não queremos, e fazemos os T.P.C.'s das outras, às vezes até nem nos apercebemos que estamos sendo escravos de algo

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão do Egito antigo, os escravos eram bem tratados, tinham comida ~~de acordo com~~ do dono deles. Já na época dos descobrimentos era violência, falta de ~~educação~~ higiene, ~~eram~~ um monte de pretos vindos de África para ~~o~~ combater a situação os níveis de trabalho

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Por ~~exemplo~~ exemplo na China atualmente onde há muito trabalho infantil

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Que não deva-se ~~repetir~~ repetir o que todos somos ~~iguais~~ iguais.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Trabalho infantil, em países em guerra ainda não tem como a ONU chegar lá e ajudar os escravos, sendo que atualmente existe ~~há~~ 4 milhões de escravos

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é ~~conseguir~~ conseguir ~~ter~~ ter todos os direitos humanos e ~~ser~~ ser livre quando quiser.

7. É uma escravidão em que o escravo acha que está sendo livre, sendo que na verdade ele está sendo enganado pela própria realidade.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Escravidão é perder toda a liberdade, ser vítima não só de ~~escravidão~~ <sup>forma verbal</sup> como também ~~vícios~~ de forma física.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga era menos violenta do que a época dos descobrimentos, pois na época dos descobrimentos, muitos moçambicanos suicidavam-se em alto mar, barcos.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna viola os direitos humanos ao tirar a liberdade dos escravos.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Não cometemos os mesmos erros, sabemos respeitar todas as pessoas independentemente da cor, etnia, etc.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Nós próprios conseguimos ser escravos das redes sociais, aparelhos eletrónicos.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre para mim é ter direitos, ser feliz, sentir-se bem consigo mesmo, com os outros e no local onde vive e está.

"o pior da escravidão é aquele em que o escravo pensa ser livre" - Carlos Alberto Torres  
Esta frase que diz que quando pensamos que somos livres, estamos a ser escravos da nossa própria mente ou dos aparelhos eletrónicos, <sup>redes</sup> ~~redes~~ sociais, etc...

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão para mim é quando um ser humano exprime direitos de propriedade sobre outra pessoa.

2) O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Eles não sabiam ao certo, na altura, o que era a escravidão e ao longo dos anos, e que foram descobrindo.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Todos têm o direito à segurança pessoal, à liberdade e à vida, e a escravidão faz com que muitos não tenham isso.

4) Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão deixou-nos várias coisas que nos dias de hoje atreveriamos as cabeças das pessoas, como o racismo, o homofóbismo e

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Em algumas empresas industriais, as pessoas são feitas escravas para trabalharem sem serem pagas e têm pouco tempo para descansar e não têm boas condições (alimento e dormir).

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é poder expressar as minhas ideias e desejos, mas sempre respeitância às leis e os outros.

O escravo ao pensar que ao ir para um local ~~que ele não conhece~~ ~~depois de um tempo~~ trabalha bastante, onde dizem que eles irão trabalhar, mas terão comida, um local para dormir e descansar; fica mais aliviado ao saber que tem isso tudo e que terá uma "melhor condição de vida". Muito pelo contrário eles não descaçam, não comem bem, não dorme bem e não se bem.

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

A escravatura foi designações contra civis como o nazismo e a violação dos direitos humanos.

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Não sei

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

~~Como por exemplo o nazismo.~~  
Como por exemplo o nazismo.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

A história para não esquecer.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. O que é para ti ser livre?

É poder fazer o que quiser

Pensa ser livre, pois não mente que vai ser livre  
mas realidade ~~é~~ só ta a se iludir.



Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim, a escravidão é a privação de direitos humanos, em que uma pessoa é tratada abaixo de ser humano ou sequer ser vivo.

(2) O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na escravidão antiga, os escravos eram de pele clara e residentes de Roma ou do Egito. Na escravidão da época dos descobrimentos, os escravos eram "africanizados" das suas nacionalidades, e a larga maioria era de pele escura.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Viola os direitos humanos pois priva os escravos de uma vida livre em que podem por si e trata-los como meros seres humanos. São tratados como mercadorias.

(4) Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade? <sup>de serem</sup>

Na atualidade, as marcas que a escravidão deixou como legado foram a discriminação, o racismo e o preconceito.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Para além do facto de muitos países permitirem a escravidão e a praticarem, mais predominantemente existe a escravidão digital que prende milhares de pessoas a um dispositivo sem palavra nos seus deuses sem liberdade de pensamento sequer.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é poder viver sem ser privado de qualquer direito.

"O pior da escravidão é aquela em que o escravo pensa ser livre"  
- Carlos Alberto Hambro

R: Esta afirmação indica que o escravo pensa ser livre pois não conhece uma vida fora da escravidão, logo pensa que a sua vida está no seu auge, a correr incrivelmente, quando na verdade está a viver miseravelmente.

Isto aplica-se, por exemplo, à escravidão digital. Muitos de nós, principalmente a faixa etária da juventude julga que ~~é~~ <sup>é</sup> feliz e livre, mas ao percebermos que dependemos do telemóvel para sobreviver. Perdemos o pensamento livre, mas este é constantemente moldado pelos redes sociais.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é o abuso que fazemos perante os nossos ~~proprios~~ poderes.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

O que distingue é que na escravidão antiga não ~~era~~ se expulsava para África, já na escravidão da época dos descobrimentos havia a escravidão na África.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Viola ~~os~~ direitos humanos, porque as pessoas a trabalhar ~~escravamente~~.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado ~~é~~ que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade foi o racismo, a xenofobia.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Por ainda existem muitas pessoas que são racistas, existe muito abuso infantil, ou seja, muitas pessoas a por as crianças a trabalhar.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é poder ter uma escolha sua e partilhar a mesma com todos.

O exemplo uso do telemóvel, mas com que há muita dependência, dado que é uma coisa que ajuda as pessoas.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim, escravidão é obrigar alguém a trabalhar em condições desumanas. Escravidão é o antónimo de liberdade.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egipto antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na época dos descobrimentos eles eram tratados como objetos e na antiga eles eram tratados como pessoas e eram bem tratados.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Más condições, muitas horas e salário mau.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Racismo / discriminação

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Escravidão digital, sexual, trabalho forçado e em fábricas, por exemplo, a SHEIN.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é poder viver sem ter alguém a mandar ~~em~~ em mim, ou seja, fazer as próprias escolhas.

Esta frase pode estar relacionada com a escravidão digital, em que as pessoas pensam que são livres por poderem fazer e dizer o que querem, porém são completamente "escravos" das tecnologias e estão demasiado presas e focadas nos "media".

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão para mim é quando alguém é obrigado a fazer algo que não quer e não tem vontade.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A diferença é que na escravidão antiga os escravos eram majoritariamente da mesma "zona" já nos descobrimentos começaram a trazer escravos de outros países.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão viola os direitos humanos pois os escravos não têm liberdade de expressão.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão deixou-nos na atualidade vários aspetos como o racismo pois ainda existem pessoas que acham que pessoas de pelo negro são inferiores.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Atualmente, existe muitas empresas que procuram jovens e crianças para trabalharem por um longo tempo com pouco descanso e sem terem o direito de um pagamento.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é poder ir e vir sem ter medo, é ter o direito de expressar seus pensamentos.

Frase:

Hoje em dia muitas pessoas pensam que a escravidão acabou, mas não, apenas hoje é de uma forma diferente como por exemplo a tecnologia, é um tipo de escravidão. A escravidão digital pois a maioria das pessoas são presas de telemóvel, mesmo achando que não, muitas pessoas perdem tempo com pessoas que gostam para escrever uma mensagem um dia acabou de ver algo. Logo essas pessoas são escravizadas pelo meio.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão ~~é~~ para mim é quando as pessoas são obrigadas a fazer algo e não ~~podem~~ recebem pelo trabalho que fazem.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga era mais venda de escravos para trabalhar no seu país nos descobrimentos eles iam buscar escravos aos países mais pobres e sem possibilidades.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A partir do momento em que obrigam as pessoas a fazer algo.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão deixou-nos o Racismo, xenofobia, etc.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Em certos países ainda há muita escravidão mais para as ~~mulheres~~ mulheres e crianças em forma de troca de bens e são vendidos a certas sociedades para serem explorados.

6. O que é para ti ser livre?

Ser livre é ter a poder de sermos o que queremos feito do nosso trabalho e ser livre para dar a sua opinião.

A certas pessoas que são escravos e pensam que é normal porque ~~podem~~ ~~podem~~ porque quem as faz de escravos dão o mínimo para eles sobreviverem então pensam que ~~é~~ aquilo é o que lhes dá para viver e não se ~~podem~~ ~~podem~~ aperceber-se que estão a ser escravos.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é algo terrível e é algo que não se pode ser livre.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

ao longo dos anos podemos dizer que a escravidão teve tendência a diminuir.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

os direitos humanos podemos dizer que é respeitar o outro e sermos livres e independentes, a escravidão era, tudo menos isso.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão da época moderna deixou na atualidade o racismo, a discriminação.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Ainda hoje têm-se marcas da escravidão, através do racismo e da discriminação logo sim pode-se dizer que no nosso quotidiano existe escravidão, mas muito diferente de antes.

6. O que é para ti ser livre?

ser livre é poder expressar as suas opiniões, ter direito de votar, fazermos várias coisas, mas sempre respeitando a lei.

Esta frase ~~é~~ pode-se interpretar de várias formas. Um dos pontos mais importantes é a escravidão digital, pois ficamos incluídos sem nos apercebermos <sup>mas</sup>, só que hoje em dia é muito difícil vivermos no mundo digital, porque ao longo dos anos o mundo foi evoluindo e o mundo digital é o que está mais presente nos dias de hoje.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Escravidão é submeter um ser humano a sua vontade de outro e por isso diminuir-lo a significação de um objeto, sujeitando-o a leis sem direito a diferenças.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga o escravo pertencia de todos os elmos, já na época dos descobrimentos, os escravos tinham que ser todos de África, sendo assim, não sendo considerados inferiores.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Viola o direito humano principalmente por ser ilegal e, por isso sujeita a outros humanos a algo ilegal, e também, exploração no trabalho e infantil, por exemplo.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A ilegalidade e por isso é um que as países mesmo de hoje ainda têm uma classe, principalmente por ter sido algo de muita importância. Para além disso, também se usa muito no trabalho, sendo hoje em dia de hoje.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Embora ilegal, ainda existe muito escravidão aí, que, como tudo o resto ilegal, existe de forma escondida e nos países mesmo desenvolvidos, onde explora-se pessoas no trabalho, principalmente.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é não ser propriedade de nada nem ninguém, por isso, liberdade dos meus direitos sem que ninguém os "tome" ou "puxe".

Comentário do grupo:

A meu ver, esta frase pretende realçar, principalmente, a natureza digital, em que nos subtemos ao vício das redes sociais e objetos digitais, um vício muito comum hoje em dia, no qual, maior parte das pessoas não se apercebem que são escravos ou, de certa forma, "propriedade" das plataformas digitais.

Questionário

Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

Obrigat alguém a efetuar trabalhos (a maioria forçados) contra a sua vontade

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Na escravatura antiga os escravos eram apenas de uma só etnia.

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

Viola a liberdade de cada um.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

O racismo e a desigualdade social.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Tráfico humano, exploração sexual, ...

6. O que é para ti ser livre?

Poder ter uma opinião própria e agir em conformidade dela, tendo em conta o bem-estar do outro

7. Sem comentários.

## Questionário

### Escravidura (10º ano)

1. O que é para ti a escravatura?

Para mim, a escravatura é o trabalho forçado ~~em~~ em condições desumanas.

2. O que distingue a escravatura antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravatura da época dos descobrimentos?

Na Roma Antiga, os escravos eram brancos, e na época dos descobrimentos os escravos eram negros e tratados como objetos.

3. De que forma é que a escravatura da idade moderna viola os direitos humanos?

Através das condições nos locais de trabalho e os longos tempos de trabalho por um salário escasso.

4. Qual é o legado que a escravatura da época moderna nos deixou na atualidade?

Racismo e discriminação.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravatura?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Através do trabalho forçado em certas empresas, e também da escravatura sexual, tecnológica, etc.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim, ser livre é ter a oportunidade de fazer escolhas por si só e não ter que "depender" de alguém para viver.

Esta frase é um exemplo da escravatura digital, porque apesar de a pessoa parecer que está "livre", está sempre agarrada ao dispositivo.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é a pessoa voluntariamente do seu país que não trabalha a trabalhar no país.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga eram essencialmente prisioneiros de guerra e pessoas que Romanos China, e outros nos descobrimentos era essencialmente pessoas do país negro que eram prisioneiros indígenas ou de país africano.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Os escravos não tinham direitos nem na lei nem na prática e tratados a trabalhar em como se fossem animais.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

A escravidão fez com que existisse o racismo e fez com que haja desigualdade racial.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Hoje em dia infelizmente acredito que ainda haja escravidão nos países que não tem facilidades de emigrar até a nível de país o tráfico humano.

6. O que é para ti ser livre?

Em ser livre e ter poder sobre o destino e ter convívio das coisas que interessam.

Erros

A escravidão também existe nos dias de hoje com os trabalhadores humanos que não são livres mas no fim todos sentem aprisionados os está

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

É a prática de forçar indivíduos a trabalhar sem remuneração, liberdade ou direitos muitas vezes sob violência, violação grave dos direitos humanos

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga envolvia a captura de prisioneiros de guerra, dívidas ou nascimento em escravidão, com poucas oportunidades de fuga. Na época dos descobrimentos, a escravidão nas Américas era baseada na escravização em massa de africanos, ideia de superioridade racial e cultura.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão na idade média viola os direitos humanos de várias maneiras: violação da liberdade; exploração e abuso etc.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado da escravidão da época moderna é profundo e presente na atualidade: desigualdade racial e social, injustiça e exploração econômica.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Sim, ainda há em diversos lugares do mundo a situação muitas de pessoas. É impossível lutar contra isso.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre significa ter autonomia sobre minhas ações e ações, poder expressar minhas opiniões.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

Para mim, ~~para~~ a escravidão é o obrigar o outro a trabalhar de graça contra a sua vontade e é o antónimo de liberdade

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egipto antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

Na Roma Antiga e nas civilizações da época os escravos eram bem tratados podendo até ser livres enquanto os escravos da época dos descobrimentos eram mal tratados, viviam em condições sub-humanas e eram tratados como peças.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

Retirou a liberdade às pessoas, falta de condições, etc.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

Racismo / discriminação / estereótipos / revoltas / protestos

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Escravidão sexual, escravidão digital, trabalho forçado, ...

6. O que é para ti ser livre?

Podar fazer as ~~meusas~~ minhas escolhas

"O pior da escravidão é aquela em que o escravo pensa ser livre"  
- Carlos Alberto Hung

Esta frase pode estar relacionada com diversas coisas, tais como a "escravidão digital", no qual não acredito, na violência doméstica principalmente quando as mulheres ~~for~~ ou homens já estão habituadas a situações de violência e <sup>acham</sup> ~~vejam~~ normal.

## Questionário

### Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é trabalhar para alguém sem receber nada e, também, realizar muitas horas de trabalho em condições precárias.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga era realizada pelos próprios moradores na própria cidade, enquanto a escravidão atual é feita pelos povos de outros continentes, como por exemplo, os africanos.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão viola os direitos humanos, pois a base dos DH é ser livre e ter uma pessoa própria e livre.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

O legado deixado na atualidade é o racismo, pois quando estamos perante uma situação de desigualdade tendemos sempre nos lembrar negros e por isso, existe a expressão: "Sou filho de preto?".

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

Ainda existe o tráfico humano, além de alguns países, como os EUA, contratam pessoas para trabalhar em trabalhos pesados e recebem pouco valor monetário.

6. O que é para ti ser livre?

É poder tomar as nossas decisões.

7) Um exemplo desta frase é a escravidão digital, uma vez que nos utilizamos a Internet sem percebermos que estamos presos ao mundo digital, além de termos sempre alguém algures no mundo a saber o que estamos a fazer na Internet.

Questionário

Escravidão (10º ano)

1. O que é para ti a escravidão?

A escravidão é um ato contra qualquer ser humano que trata o humano não pode dar a sua opinião.

2. O que distingue a escravidão antiga (por exemplo da Roma antiga ou do Egito antigo) da escravidão da época dos descobrimentos?

A escravidão antiga era realizada pelos povos de outras cidades e a escravidão atual era realizada por outros continentes como foi exemplo na África.

3. De que forma é que a escravidão da idade moderna viola os direitos humanos?

A escravidão da idade moderna viola os direitos humanos através da violência.

4. Qual é o legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade?

~~o~~ O legado que a escravidão da época moderna nos deixou na atualidade é a violência.

5. Assinala a resposta correta.

5.1. Consideras que hoje existe escravidão?

Sim  Não

5.2. Se sim, de que forma?

~~Sim como escravidão~~ A forma na qual hoje existe escravidão nos dias de hoje é a escravidão através da violência.

6. O que é para ti ser livre?

Para mim ser livre é poder fazer aquilo que quiser sem ser impedido por ninguém.

7. Hoje em dia é fácil sermos "escravos" ou sofreremos "escravidão" hoje em dia somos →

Muito dependente da internet através dos telemóveis, computadores... a isto chamamos escravidão digital.

**Anexo 21** – *Questionário realizado aos participantes da Peça de Teatro (7º ano)*

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, porque já tinha aprendido nas aulas.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque nem todos têm liberdade.

6. Comenta a seguinte frase:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza."* –

Cleber P. Silva

Sim, pois nós somos escravos de telemóvel.

---

---

---

---

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não, porque aprendi tudo no 6º ano.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque hoje em dia ainda existe atitudes racistas, devido à história e o passado.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque ainda nem toda gente tem a mesma liberdade.

6. Comenta a seguinte frase:

*“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.”* – Cleben P. Silva

Por exemplo o telemovel, muita gente ainda é dependente por ele, ao lugar de passar tempo com a família, ficam no telemovel.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Mais ou Menos SIM

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não, já sabia tudo

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

SIM

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

SIM Hoje em dia existe um xixito para a cor da pele

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

NÃO sei

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

Algumas vezes em vez de estar com a nossa família ~~usamos~~ usamos o telemovel

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro –Escravidura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não, porque já sabia

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Sim, porque todos somos iguais, mas por fora mas por dentro parecemos ser diferentes.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

Ele ama porque ele é escravo do ~~de~~ telemovel.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não, porque já tinha aprendido nas aulas.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque muitas pessoas não têm liberdade.

6. Comenta a seguinte frase:

*“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.”* –

Cleben P. Silva

Sim, pois somos escravos do telemóvel.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

~~Sim~~ Não.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não. Porque ainda existe muita escravatura.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleber P. Silva

Significa que nós somos escravos do telemóvel.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Não.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não.

6. Comenta a seguinte frase:

*“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –*

Cleben P. Silva

Significa que somos escravos da tecnologia por escolha própria.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não porque aprendi em aulas (5º e 6º ano).

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque hoje em dia <sup>ainda</sup> existe desigualdade social, quanto à cor da pele por exemplo.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque ainda há pessoas com mais direitos que outras.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –

Cleben P. Silva

Esta frase quer dizer que não precisamos de ser ~~ser~~ obrigados a fazer uma coisa porque gostamos de fazer mesmo sendo uma coisa má.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não, porque já tinha aprendido nas aulas.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque nem todas as pessoas têm liberdade.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleben P. Silva

Sim, pois somos escravos da televisão.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de participar nesta peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não.

3. Antes de participares nesta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque ainda existe muita escravatura e  
muitas pessoas não têm liberdade

6. Comenta a seguinte frase:

*“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleber P. Silva*

Significa que nós somos escravos de alguém.

**Anexo 22 – Questionário realizado aos espectadores da Peça de Teatro  
(7º ano)**

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro –Escravidura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim, e consegui ter mais conhecimento à escravidura.

2. Relativamente ao tema da escravidura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Aprendi que temos de ficar mais longe do telemovel, porque quando pensamos em mandar mais e mais mensagens assim perdendo tempo com a família.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravidura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim, ~~principalmente~~ principalmente usada pelas mulheres.

4. Sentes que a escravidura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque até nos dias de hoje existe escravidura tanto com negros, claros, homens e mulheres até mesmo crianças.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, até mesmo hoje em dia existe milhões de

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleber P. Silva

Eu achei essa frase feita com muita injustiça, porque nenhum escravo tem liberdade e tempo para poder ir para o telemovel.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro –Escravidura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Aprendi que antes a população era branca, e que a maioria de escravos são mulher e não homens.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, influenciou e continua a influenciar, pois foi ficando cada vez pior enquanto passamos tempo.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque à muitas pessoas hoje em dia que são culpados ou discriminados ~~injustamente~~ injustamente

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

Que os escravos pós-moderno não precisa de redes sociais, pois as redes sociais podem ser consideradas escravatura digital.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro –Escravidura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim, eu gostei de ver a peça.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, eu aprendi que hoje em dia ainda existe escravatura, em grandes quantidades, em diversos lugares.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim, eu tenho conhecimento mas não sabia que era em grande quantidade.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque as pessoas negras continuam a ser discriminadas.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Eu considero que seia numa sociedade livre e justa pois tenho direitos e deveres e liberdade de expressão.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

A frase diz que as pessoas de hoje em dia não estão apegadas aos telefones, etc.

O seja as pessoas de hoje em dia amam ser escravizadas pela tecnologia.



## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Peça de Teatro –Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não sabia que ~~existia~~ hoje em dia havia escravatura  
nas lojas.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Não sabia que ainda existia.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Não tenho opinião em saber que influencia porque hoje em dia  
as pessoas continuam a fazer discriminação com as pessoas  
negras.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não vivemos numa sociedade livre e justa porque se  
não não havia escravatura.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleben P. Silva

Hoje em dia existia escravatura digital pois às vezes  
não nos apercebemos mas já passamos vários horas ao  
telemóvel ou tablet.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Não sabia que a escravatura era assim tão antiga.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, pois a maioria das pessoas que não sabem que ainda há escravatura.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

~~Sim~~ Não, pois ainda há escravatura.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleber P. Silva

Porque andamos sempre nas redes sociais,

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, aprendi que a cor da pele não importa.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim porque isso é uma coisa má

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Sim, porque nunca senti o que é viver numa sociedade presa e injusta.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –

Cleben P. Silva

Eu acho que quem trava a ser escravizado era obrigado a amar a quem estava a escravizá-lo.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Apreendi que as pessoas negras deviam ser tratadas igualmente as pessoas de pele clara.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim porque havia pessoas negras e não as tratavam da mesma forma

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não pois não tratam as pessoas da mesma forma

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

O que a frase quer transmitir é que os escravos amam quem o escravizam

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro –Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, aprendi que a escravidão não é só o que eu  
imagino.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Não, pensava que era só negros

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque naquela cultura em Portugal a escravidão  
era feita com negros. Hoje em dia só se pensa que  
a escravidão é com negros.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Sim, porque a escravidão é injusta para todos e se  
acabassem com isso havia paz.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –

Cleben P. Silva

É verdade, porque todos adoram os telemóveis e não  
vêm isso ser seja lá mas percebem que estão  
sempre no telemóvel e escravizados.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, ~~eu~~ eu pensava que a escrava-  
tura era só com pessoas de pele  
~~escura~~ escura.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim mas nem em todas as pessoas

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, pois muitas pessoas são discrimina-  
das pela cor da pele.

6. Comenta a seguinte frase:

*"O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza."* –  
Cleber P. Silva

Atualmente o ser humano ~~é~~ "ama  
quem o escraviza" pois adora a digi-  
tal.



QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim. ~~foi~~ aprendi que não é só a escravatura de antigamente mas que também já existe a escravatura digital.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Não sabia.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim. Acredito que a desigualdade entre a discriminação sobre a cor de pele por que ele pensavam que eram inferiores.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não. Sinto que a muito preconceito e à humilhação.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –

Cleben P. Silva

Utilizo as redes sociais ~~para~~

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

que existe muitas escravas atualmente.  
É que ~~as~~ as primeiras escravas eram de pele clara

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Sim, Temos regras e deveres

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –  
Cleber P. Silva

~~As regras e deveres~~ o digital as  
redes sociais.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Mais ou menos

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim que tinha escrita da história digital

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, porque estamos envolvidos por escravatura digital

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

Mas ele não gosta das pessoas que ele é escravo nas redes sociais,

## QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

### Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim, praticamente mais vídeos que apareceram.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, eu aprendi de novo que ainda existe muita escravatura  
hoje em dia, e a importância de Martin Luther  
King.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Sim, mas não tanto daquela quantidade.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, foi pelas descobertas, descobertas que  
naquela época, não era só pessoas de pele negra  
que eram escravas, também era pessoas de pele  
clara.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, foi um exemplo de escravização e tração  
e não ter 4 horas de descanso.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” –

Cleben P. Silva

Porque a telemóvel pode servir de um meio  
de escravização, chamada escravização do c.d.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Eu gostei.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Eu aprendi que ainda existe escravatura, e também nós achamos que tínhamos liberdade porque usamos muito o telemóvel.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Eu tinha conhecimento das notícias da Rhein

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque ainda hoje em dia existe escravatura, pois a escravatura é feita por pessoas malucas.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não porque a sociedade de hoje em dia, não tem liberdade por causa do telemóvel e as redes sociais.

6. Comenta a seguinte frase:

“O escravo pós-moderno não precisa de corrente porque ama quem o escraviza.” – Cleben P. Silva

A frase está a se referir sobre as redes sociais, pois eles nos fazem mal e viciam.

QUESTIONÁRIO ANÓNIMO

Peça de Teatro – Escravatura

1. Gostaste de ver a peça de teatro?

Sim.

2. Relativamente ao tema da escravatura, aprendeste algo novo? Se sim, o quê?

Sim, aprendi que por mais que nós lutamos para mudar isto a sociedade mais discrimina as pessoas.

3. Antes de assistires a esta peça, tinhas conhecimento de que a escravatura era um fenómeno ainda hoje existente na sociedade?

Mais omeos.

4. Sentes que a escravatura do século XVI e XVII influenciou e ainda continua a influenciar a conduta e o pensamento da sociedade atual relativamente à discriminação e às desigualdades sociais existentes?

Sim, porque hoje em dia o racismo, machismo, homofobia é uma coisa comum do nosso dia a dia.

5. Consideras viver numa sociedade livre e justa? Justifica a tua resposta.

Não, se fosse livre e justa não existia a escravatura.

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal